

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
TRIÂNGULO MINEIRO – CAMPUS UBERABA**
**Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica Mestrado Profissional em
Educação Tecnológica**

MARIA ANGELA RODRIGUES

**O VEROSSÍMIL E O IMAGINADO: Uma proposta de espaço onde perpassam
narrativas pessoais e coletivas.**

**UBERABA (MG)
2021**

MARIA ANGELA RODRIGUES

O VEROSSÍMIL E O IMAGINADO: Uma proposta de espaço onde perpassam narrativas pessoais e coletivas.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica - curso de Mestrado Profissional em Educação Tecnológica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro – Campus Uberaba, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Tecnológica.

Linha de Pesquisa: Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), inovação tecnológica e mudanças educacionais.

Orientador: Prof. Dr. André Souza Lemos

**UBERABA (MG)
2021**

Ficha Catalográfica elaborada pelo Setor de Referência do IFTM – Campus Uberaba-MG

Rodrigues, Maria Angela

R618v O verossímil e o imaginado: uma proposta de espaço onde perpassam narrativas pessoais e coletivas/ Maria Angela Rodrigues– 2021.
141 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. André Souza Lemos
Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Tecnológica)
Instituto Federal do Triângulo Mineiro- Campus Uberaba-MG, 2021.

1. Contação de histórias. 2. Memória. 3. Narrativas. 4. História.
5. Oralidade. I. Lemos, André Souza. II. Título.

CDD 801

Maria Angela Rodrigues

O VEROSSÍMIL E O IMAGINADO: Uma proposta de espaço onde perpassam narrativas pessoais e coletivas

FOLHA DE APROVAÇÃO DEFESA DISSERTAÇÃO

Data da aprovação: 15/01/2021

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e orientador:

Prof. Dr. André Souza Lemos
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Triângulo Mineiro – IFTM
Campus Uberaba

Membro Titular

Prof. Dr. Luiz Maurício Bentim da Rocha Menezes
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Triângulo Mineiro – IFTM
Campus Uberaba

Membro Titular

Prof. Dr. Fani Miranda Tabak
Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM

NOTA: Excepcionalmente por conta da pandemia do COVID-19 e seguindo as instruções normativas IN02, IN03 e IN04 do IFTM e o Ofício Circular nº 10/2020-DAV/CAPES, as defesas presenciais estão suspensas, podendo ser realizadas apenas virtualmente. Assim, esta folha de aprovação foi assinada somente pelo Presidente da Banca e apresentada aos demais membros durante a defesa virtual, tendo os mesmos dado ciência e concordado com o seu teor.

Local: Sala de Videoconferência - Google meet

Rua João Batista Ribeiro, 4000 - Distrito Industrial II - CEP: 38064-790 - Uberaba/MG

Recepção: (34) 3319-6000 / Fax: (34) 3319-6001

www.iftm.edu.br/uberaba

Documento autenticado eletronicamente - Código verificador: 7F982C5 - Código CRC: FE828157 - Pg

1



Documento autenticado eletronicamente por ANDRE SOUZA LEMOS, PROFESSOR DO ENSINO BÁSICO, TÉCNICO E TECNOLÓGICO, em 15/01/2021, às 16:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015, a partir de documento original.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <http://www.iftm.edu.br/autenticacao/> informando o código verificador **7F982C5** e o código CRC **FE828157**.

*A Lara, minha licença poética
cotidiana, dedico cada linha
desta dissertação.*

AGRADECIMENTOS

Foi preciso muita reflexão para começar a escrever um agradecimento. Foram mais de três tentativas até que eu pudesse transmitir para o papel o nome de todos que participaram dessa conquista. Então, não necessariamente na ordem de merecimento, expresso aqui minha gratidão.

Aos meus dois anjos que estão no céu intercedendo por mim, meu pai, José Lindolfo, e minha mãe, Geralda. Como gostaria que estivessem aqui! Mas sei que vocês estão assistindo essa minha vitória. Obrigada por terem me proporcionado a experiência de viver nesse mundo de causos, assombrações e rodas de prosa. Quem diria que em meio ao nosso costume do dia a dia familiar estaria a fonte de minha pesquisa.

A Deus, que está ouvindo esses apelos dos meus anjos, e por ter me acompanhado nestas estradas em idas e vindas à Uberaba. Por de mim cuidar, guiar e abençoar, muito obrigada!

Ao meu esposo Emerson por ter participado de todo esse processo, ter suportado o mau humor, as ausências e ter feito papel de pai e mãe quando eu estava em aulas presenciais. Ele que levava e buscava Lara na escola, participava de eventos escolares e cuidava dela muito bem.

A minha princesa Lara, razão de tudo isso, peço desculpas pelas horas que não pude compartilhar minha presença e peço que mire-se em mim: sou a primeira da família Rodrigues a ser mestra. Você será muito mais.

A aquele que não pode vir, mas que esteve comigo nos últimos meses de escrita. Benjamin, nome dado carinhosamente por causa das leituras benjaminianas, dedico minha gratidão por ensinar-me a aceitar as coisas que não posso mudar.

Ao meu orientador Dr. André Souza Lemos, que desde o primeiro dia de aula sempre se mostrou um professor humano, paciente e coerente com seus ensinamentos. Esteve pronto para me responder sempre que precisei, sugerindo leituras e dando exemplos. Cresci muito como pessoa, como estudante e pesquisadora graças aos ensinamentos dele.

Ao meu coorientador Dr. Paulo Henrique Araújo, que me instigou com leituras e sempre respondeu prontamente meus áudios de 10 minutos. Foi certo nas sugestões e nos puxões de orelha, foi mais que um coorientador, foi um amigo, que admiro imensuravelmente.

A minha amiga-irmã, Cristiane Fontes. Se não fosse você eu jamais estaria aqui escrevendo esse agradecimento. Você chegou a procurar processos seletivos de mestrado e me incentivou a fazê-los, buscar o melhor. E agradeço também ao meu amigo Raphael Steinberg, agradeço pelo incentivo, por me fazer encarar com leveza: as brincadeiras, os conselhos e o

“até quando você vai carregar esse livro do Paulo Freire debaixo do braço? Até ele fazer parte de você?” me ajudaram a manter o pé no chão.

A minha amiga Juliana Ramos que, mesmo morando no Rio de Janeiro, sempre esteve presente me fortalecendo com palavras e incentivando a não desistir, a minha prima Camila Giordani por me aconselhar, indicar o IFTM, falar tão bem do programa e me incentivar a tentar o mestrado. Agradeço também à ex-professora de Lara, Julie Andrews, que se preocupava, ligava, apoiava. Foi meus olhos em minha ausência, foi uma mãe que cuidou e acolheu minha filha.

A Sandra Bolina, prima-mãe, que esteve do meu lado virtualmente: sempre *on-line* nas madrugadas na rodoviária, fazendo companhia (eu disco 190 se você não responder, Maria Angela!) e de noite, na redação da pesquisa, afugentando meu medo de escrever sobre assombrações e também a minha prima-irmã Gabi Bolina pelos puxões de orelha virtuais nos momentos que eu cogitava não conseguir concluir o mestrado.

Aos anjos que cuidaram da minha filha enquanto eu estava ausente: comadres Rosângela e Luciana, Gislaine, Isadora, Rose, Cidinha, Mara e Jayne. A vocês confiei a pessoa mais importante da minha vida e isso me possibilitou frequentar as aulas com tranquilidade, pois sabia que Lara estava bem.

As minhas amigas Ana Paula e Anna Livia. O que falar de vocês? Me dói saber da distância e agradeço por elas terem tido tanta paciência e amizade por mim. Como sentirei saudades! São pessoas que para sempre quero ter em minha vida.

A minha Tia Maria que me recebeu em sua casa como filha. Ela é o pedacinho de minha mãe que ficou na Terra e hoje agradeço a oportunidade que tive de tê-la comigo durante esta trajetória. Serei sempre grata!

Aos professores do Mestrado Profissional em Educação Tecnológica - IFTM, muito obrigada por contribuírem com sua sabedoria! Foram aulas que me fizeram refletir, crescer e amadurecer.

Aos que me constituíram como contadora de caso no decorrer na vida: familiares, amigos e corregodantenses, agradeço nas pessoas do Antônio Bento, Cleusa Leite, Hugo de Paula (Huguinho), Tia Lenir e Reginaldo Leite que ajudaram com insights e lembranças das rodas de casos que fazíamos no passado. A Mariana Coimbra por ceder fotos do arquivo pessoal familiar e sanar minhas dúvidas em relação à Festa do Rosário.

Aos meus colegas da turma V, obrigada pelas horas de compartilhamento de ideias, pelas caronas, pelas risadas e momentos de descontração.

Aos componentes da banca avaliadora, Fani Miranda Tabak e Luiz Maurício Bentim Menezes, muito obrigada pelas contribuições, sugestões que enriqueceram meu trabalho.

A Secretaria de Artes, Lazer, Desporto e Cultura da cidade de Córrego Danta - MG, nas pessoas de Maria Aparecida de Matos (secretária) e Cátia Maria Pereira da Silva (secretária atendente), agradeço pela disponibilidade, presteza, pela recepção calorosa, mesmo que *on-line*. Me senti acolhida nesta terra que tanto amo e sua disponibilidade em futuramente aplicar meu projeto, me encheu de engajamento em resgatar a memória corregodantense.

A todos, que de alguma forma, estiveram do meu lado. Em presença, em orações, vibrações positivas, o meu muito obrigada!

[...] É que a memória é contrária ao tempo. Enquanto o tempo leva a vida embora como vento, a memória traz de volta o que realmente importa, eternizando momentos [...]

Quanto mais vivemos, mais eternidades criamos dentro da gente. Quando nos damos conta nossos baús secretos - porque a memória é dada a segredos - estão recheados daquilo que amamos, do que deixou saudade, do que doeu além da conta, do que permaneceu além do tempo[...]

E mesmo que o tempo nos leve daqui, seremos eternamente lembrados por aqueles que um dia nos amaram.

(Fabíola Simões, 2017, *on-line*)

RESUMO

Tanto a narrativa oral, quanto a escrita estão presentes em todos os momentos da vida humana, manifestando-se em nossa cultura desde a infância até a vida adulta. Narrar é possibilitar a ação interpretativa do outro, coexistindo um espaço de constante interação com o compartilhamento de conceitos e culturas que são, por sua vez, permeadas de subjetividade, perspectivas da realidade e do imaginário. Estar diante de questões cuja necessidade é recordar o passado, torna-se uma atividade significativa de resgate de memórias coletivas e individuais. Na presente pesquisa, busca-se avaliar algumas iniciativas de criação de espaço educacional para construção de narrativas e, para tal, serão utilizados como aporte teórico, estudos de Benjamin (1994), Todorov (2006) e Halbwachs (1990). Pretendeu-se investigar algumas narrativas orais, suas estratégias de circulação e disseminação no espaço do município de Córrego Danta - MG, identificar procedimentos utilizados para a construção de narrativas, assim como selecionar e demonstrar os melhores recursos que possibilitaram a construção e continuidade de uma narrativa. Com base nestas iniciativas foi proposto um projeto cujo propósito é o incentivo ao resgate de memórias por parte de alunos do ensino médio, através da gravação de mini documentários que serão depositados em um canal no *Youtube*. Neste espaço virtual, estimula-se o protagonismo do educando, levando-o ao resgate memorial, coletivo ou individual, e a busca pela valorização do saber construído que acontece nas narrativas de cunho familiar, memorial, individual e coletivo.

Palavras-chave: Contação de histórias. Memória. Narrativas. História. Oralidade.

ABSTRACT

Both oral and written narratives are present in all moments of human life, manifesting themselves in our culture from childhood to adulthood. Narrating is to enable the interpretative action of the other, coexisting a space of constant interaction with the sharing of concepts and cultures that are, in turn, permeated with subjectivity, perspectives of reality and imagination. Facing issues that require a remembrance of the past, becomes a significant activity to rescue collective and individual memories. This research aims to evaluate some initiatives to create an educational space for the construction of narratives and, to this end, studies of Benjamin (1994), Todorov (2006) and Halbwachs (1990) will be used as a theoretical contribution. It was intended to investigate some oral narratives, their circulation and dissemination strategies in Córrego Danta town – MG, identify procedures used for the construction of narratives, as well as select and demonstrate the best resources that enabled the construction and continuity of a narrative. Based on these initiatives, a project was proposed with the aim of encouraging the rescue of memories by high school students, through the recording of mini-documentaries that will be deposited on a YouTube channel. In this virtual space, the protagonism of students is stimulated, leading them to the memorial rescue, collective or individual, and the search for the valorization of the constructed knowledge that happens in the family, memorial, individual and collective narratives.

Keywords: Storytelling. Memory. Narratives. History. Orality.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACAM - Associação de Caçadores de Assombração de Mariana

BA - Bahia

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

CIA - Companhia

CBC - Conteúdo Básico Comum

CSH - Crie Sua História

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

GO - Goiás

GTR - Grupo de Trabalho em Rede.

ICMS - Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços

MEC - Ministério da Educação e Cultura

MG - Minas Gerais

MS - Mato Grosso do Sul

PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais

PDE - Plano de Desenvolvimento da Escola

PE - Pernambuco

PR - Paraná

RPG - Role Playing Games

RS - Rio Grande do Sul

SC - Santa Catarina

SESC - Serviço Social do Comércio

SETI - Secretaria Geral de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior

SP - São Paulo

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

UEL - Universidade Estadual de Londrina

USP - Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO 1

TEORIA DA NARRATIVA E DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS 23

1.1- De inscrições na pedra ao storytelling...caminhos percorridos 23

1.2- Storytelling, quem conta um conto...convence e pronto! 33

CAPÍTULO 2

E POR QUE CAUSOS ? 66

2.1- Causos - narrativas fantásticas, estranhas e maravilhosas 67

2.2 - Conta a lenda...: Córrego Danta e suas assombrações 46

CAPÍTULO 3

PROJETOS QUE ENVOLVEM NARRATIVA 66

3.1 Oficinas ou Workshops 67

3.1.1- Oficina música e narrativa 68

3.1.2- Oficina para as mães no mês de maio : Técnicas para ilustrar uma contação de histórias 69

3.1.3-Workshop de narrativa oral: teoria e prática na contação de histórias 71

3.1.4 - Workshop – Contar e Encantar: A Arte de Contar e Ouvir Histórias 73

3.1.5 -Workshop - Design da Narrativa 75

3.1.6- Workshop – O mapa da narrativa 76

3.1.7- Oficina Construção de Narrativas - com Socorro Acioli 78

3.2 - Oficinas em escolas e apresentações culturais 79

3.2.1- Contacausos - Pesquisa e Contação de histórias 79

3.2.2- Núcleo Condão 81

3.2.3- Festival de Contadores de Histórias 83

3.3 Cursos de formação 83

3.3.1 Oficina Livre Roteiro: Narrativa e o Processo Criativo 83

3.3.2- Narrativas Orais e Literatura Infantil 84

3.3.3 Curso – A arte de contar e encantar com histórias 85

3.3.4 – Histórias de Boca: Contos Tradicionais na Educação Infantil	86
3.3.5 – Curso Histórias de Boca - com Cristiane Velasco	87
3.4 Pesquisas acadêmicas	88
3.4.1 – Narrativas da comunidade e oralidade: um resgate da cidadania	88
3.4.2- Propostas pedagógicas com narrativas para desenvolver a Leitura, a Escrita e a formação cidadã no Ensino Fundamental	90
3.4.3- Contação de histórias: experiências com oralidade e narrativas tradicionais do norte do Paraná em turmas do Ensino Básico	91
3.4.4 - RPG (Role-Playing Game) & LITERATURA: O jogo lúdico da leitura e da escrita	92
3.4.5- Leitura e escrita de jovens em contextos de RPG.	94
3.5 Considerações sobre os projetos analisados	95
CAPÍTULO 4	
CONTO, LOGO EXISTO!	104
4.1 - Contar: Escrever ou falar é só começar!	104
4.2 - O VEROSSÍMIL E O IMAGINADO: Uma proposta de espaço onde perpassam narrativas pessoais e coletivas	110
REFERÊNCIAS	125
APÊNDICE	130
ANEXO	141

INTRODUÇÃO

Minha mãe foi criada na roça e lá sempre morou com meus avós. Quando se casou com meu pai, mudou-se para São Paulo onde ele morava e trabalhava.

Um fato deixava meu pai curioso: ele achava muito estranho que toda vez que o guarda da rua passava apitando, minha mãe se encolhia na cama e até chegava mais perto dele. Medo de apito? Essa mulher é da roça mesmo! Mas tudo bem, quem sou eu para julgar (ele pensava).

Um dia minha mãe disse que na família dela ninguém gostava de apito e que não gostavam de falar no assunto...

Meu pai, que era muito brincalhão, trouxe em uma destas viagens para Minas Gerais um pequeno apito no bolso e durante a noite resolveu fazer a brincadeira...Apitou.

No mesmo instante meu avô levantou-se, ajoelhou-se no chão e começou a rezar e gritar! Todos na casa fizeram mesmo (menos meu pai que ficou rindo da situação) e aí a verdade veio à tona...

Era uma tarde dessas do mês de Junho. O ano acredito que seria 1960, pois minha mãe relatava, quando tocava discretamente no assunto, que era moça e tinha 15 anos.

Os homens da casa resolveram pescar no Rio da Perdição e acampar. Ali ficariam uma noite contando 'causos' e comendo os peixes que pegariam, porém quando o sol se pôs, ao cair da noite, um rapaz, filho de criação de meu avô, escutou uma criança chorando no meio do mato.

Nessa hora ele gritou: - Por que você não vem chorar aqui mais perto?

E de repente o choro começou a se aproximar... E foi se aproximando... se aproximando até chegar a poucos metros de onde eles estavam!

E o choro se aproximava... E se aproximava e neste momento o meu avô começou a rezar...Segundo ele aquilo era alma de criança pagã. Criança que não era batizada e morria no parto.

O medo já havia tomado conta de todos eles! Então levantaram acampamento e foram para casa.

Ao chegarem em casa, já era em torno de 7 ou 8 horas da noite. Levaram pouquíssimos peixes, o que minha avó estranhou, afinal, eles costumavam "varar" a noite para pescar e naquele dia voltaram cedo...

Tudo começou em torno de 23:00h para meia-noite... Palmas batendo e jogar pedras no telhado da casa...As porteiras abriam e batiam com força e os animais eram soltos no curral,

os porcos grunhindo e a todo momento assobios, apitos e ventos percorriam os cômodos da casa.

Minha avó, que morria de medo, levantou-se para acender uma vela para rezar, mas a vela se apagou em sua frente! Minha mãe e suas irmãs, que já estavam unidas e abraçadas perto de minha avó, começaram a chorar e rezar, mas de repente, sentiram um vento frio no pé de sua orelha...

Todos da família começaram a rezar, mas em vão... Havia um giral na cozinha onde minha avó guardava as panelas e copos de alumínio e do nada ouviram um barulho de tudo se espalhar pelo chão...

Ao chegarem na cozinha, tudo estava em seu lugar. Nada havia caído. Mas as palmas continuavam, os assobios e as pedras continuavam do lado de fora da casa...

Naquela noite ninguém dormiu.

Quando amanheceu, o meu avô tomou uma decisão. Foi na cidade de Córrego Danta e chamou o padre para benzer a fazenda. O padre veio e benzeu. Jogou sal benzido em todos os cantos da casa e foi embora dizendo:

- A partir de hoje, nada mais aterroriza esse povo!

Naquela noite a coisa foi pior! Novamente ninguém dormiu e parecia que algo fazia a terra tremer!

Durante a manhã todos os homens que estavam naquela tarde perto do rio foram para outra sede da casa, que ficava no Alto da Serra, perto de Córrego Danta e permaneceram por lá até de noite, para dormir... Para as Mulheres, a noite foi um paraíso! Todas juntas, passaram uma noite calma e tranquila.

Acordaram satisfeitas dando graças a Deus que “aquilo” tinha ido embora!

Mal sabiam elas que os homens não dormiram a noite toda! Passaram a noite rezando e pedindo a Deus que os livrassem daquele mau, pois aquilo os havia acompanhado.

Ao retornarem chegaram à conclusão que algo estava os acompanhando desde a noite da pescaria. E nas noites seguintes os mesmos fatos continuaram a acontecer: assobios, palmas, ventos, animais soltos... isso durou ainda umas duas semanas, o que eles já não aguentavam mais de tanto sofrimento!

Até que numa destas noites de transtorno, o rapaz que meu avô criava saiu no quintal e gritou:

Ô meu pai, ô minha mãe, essa família me acolheu tão bem! Eles me tratam como filho deles! Se for vocês ou se for comigo, deixem eles em paz! Em nome de Deus eu peço me perdoe por ter chamado vocês!

A noite passou e a família continuou unida. Ao amanhecer, aquele rapaz não estava mais morando na fazenda... Ele havia desaparecido.

Meu avô o procurou por toda parte, mas nunca mais se ouviu falar nele. Com ele o mau se fora...

A partir daquele dia, todos passaram a dormir bem, não ouviram mais falar em nada. O Brancura (esse era o apelido dele) desapareceu...

Com ele um pacto de silêncio surgiu. Ninguém combinou nada, apenas preferiram esquecer... Ninguém mais pronunciou seu nome, muito menos seu apelido.

Foi assim que meu pai acordou o medo de toda uma família... foi assim que meu avô nunca mais falou com ele...

Qual é o motivo para se começar uma introdução com "causo"? Quem nunca escutou uma história e a julgou absurda ou até mesmo semelhante a algo que já aconteceu consigo mesmo?

A narrativa faz parte da vida de todo ser humano: do nascimento até sua morte o homem mantém contato com histórias, narrativas e discursos: histórias orais, verbais e até gestuais. Histórias que ficam na memória e também que são apagadas com o tempo.

Comigo não foi diferente: cresci ouvindo histórias, pois meu pai era um exímio "contador de causo" e diversas vezes me surpreendi com questionamentos sobre a veracidade daquilo que estava sendo narrado. Quantas foram as vezes em que fui dormir com medo das histórias de assombração!

Na escola, quando ainda aluna, eu adorava as aulas de Literatura e mergulhava nas histórias dos livros da biblioteca e sempre adorava escrevê-las, recontá-las ao meu pai, pois este era deficiente visual.

Quando cresci e me tornei professora, com o poder da narrativa em minhas mãos, ou melhor, em minha voz, pude exercer essa paixão mesclando aulas com "causos" e muitas vezes me surpreendi com meus alunos fazendo os mesmos questionamentos que eu fazia quando ouvia meu pai.

Então pude perceber que eu também tinha aquele dom, talvez herança de uma aprendizagem de anos em contato com aquelas histórias e quando me tornei mãe, pude exercer ainda mais minha aptidão: criava, recriava mundos e a cada dia me aperfeiçoava nessa arte e, como consequência, minha filha passou a gostar de histórias e livros.

Durante minhas aulas de Tecnologia da Informação e Comunicação na Educação no mestrado, atenta às dicas de leitura que o professor passava, senti interesse em ler uma obra

onde ficção e realidade se misturavam. No decorrer de minhas férias, comprei o livro *Divórcio*¹ e em quatro dias eu o li questionando a veracidade da história, chegando a procurar na internet se os fatos tinham realmente ocorrido. A obra é uma autoficção onde o personagem principal e narrador é homônimo ao escritor e após encontrar o diário de sua esposa, começa a lê-lo e se surpreende com uma traição poucos meses depois de casado, além de várias críticas da esposa a seu respeito. No livro, cada capítulo corresponde a um quilômetro de corrida que culmina na São Silvestre após o autor passar por crises e transformações.

Ao retornar às aulas, comentei com meu orientador a respeito do fascínio que a obra havia me despertado e resolvemos falar sobre ficção e realidade de uma forma mais aplicável. Como mobilizar os conceitos que haviam aguçado minha curiosidade? E que conceitos eram estes? Então resolvi pesquisar e escrever sobre histórias. O porquê de uma narrativa permanecer ou se apagar com decorrer do tempo; a razão de algumas histórias permanecerem e outras não. E se fosse criado um espaço onde as pessoas se reunissem para contar sua história ou a do outro, ou a história que nasceu em sua cabeça pelo simples fato de querer contar, querer falar, querer escrever?

A justificativa para a realização desta pesquisa parte da necessidade de fomentar um espaço onde estudantes possam se reunir para criar narrativas. Histórias absurdas, reais, ficcionais, imaginadas de diversas formas podem ser reunidas com o mesmo propósito. O de expor o que há no interior de sua memória, de seu passado constituinte.

Por conseguinte, durante a elaboração de um inventário² de iniciativas cujo tema abordasse contação de histórias e construção de narrativas, foi constatado que muitos projetos não eram satisfatórios, pois abordavam a formação de profissionais de artes cênicas ou professores, sendo voltados à formação profissional e capacitação de atores e não mostrando resultados concretos.

Não digo que não foram encontradas boas iniciativas, pelo contrário, dois ou três apresentaram-se interessantes e apenas uma perdurou, tendo sua aplicação em sua oitava edição. Alguns projetos se apoiaram na construção de histórias de maneira colaborativa, envolvendo familiares ou o âmbito escolar, outras foram voltadas à comunidade local do Estado que se situavam como forma de resgate de memórias e cultura. Assim, tais iniciativas envolviam um público mais restrito de determinadas localidades ou escolas, com contação de histórias pessoais e reais do cotidiano.

¹ A obra mencionada, *Divórcio*, do autor Ricardo Lísias

² o inventário está disponível juntamente com sua análise no capítulo 2 deste trabalho.

Tais propostas possuíam um grande potencial para serem bem-sucedidos, porém na maioria destes não encontrei registros de que foram realizados ou que tiveram um período maior de aplicabilidade. Alguns ficaram pendentes ou tiveram registro em dissertação ou artigo, mas não possuem fotos ou arquivos em *sites*.

Nota-se que quanto mais envolvidos com projetos de resgate memorial e colaboratividade, mais interessantes tornaram-se as propostas, e sendo assim, procurei fazer um levantamento e análise de um corpus de alguns “causos” ou lendas de Córrego Danta, uma cidade do interior de Minas Gerais. A intenção de se trazer tais narrativas é de levá-las para um projeto escolar de contação de histórias como mote para desencadear uma discussão ou despertar o interesse, considerando que o resgate da memória local é mais atrativo e contextualizado para os educandos. Por se tratar de histórias que fazem parte da memória falada, de caráter de etnotexto, tais análises poderão contribuir para o entendimento de uma cultura regional com características e fenômenos próprios.

Dessa forma, acredita-se ser importante fazer uma pesquisa que proponha a construção de um espaço que ofereça possibilidades para que os alunos se encontrem para criar narrativas, contar histórias que valorizem as formas lúdica e pedagógica. Nesse sentido, é importante mencionar que os termos narrativas, causos e histórias, nesta pesquisa serão tratados como textos (sobretudo orais) envolvidos em práticas de contar e ouvir e, da mesma forma, torna-se relevante mencionar que dada a amplitude das concepções de espaço, dado a diversidade de teóricos, a definição aqui admitida é a defendida por Lévy (1999) como “espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores, marcado pela codificação digital (LÉVY, 1999, p. 92) e mencionada por Santaela (2004) como ciberespaço, ou seja, “um mundo virtual global coerente, independente de como se acede a ele e como se navega nele (SANTAELA, 2004, p.40).

Portanto, a pesquisa aqui proposta terá como objetivo principal observar algumas iniciativas de criação de um espaço educacional para construção de narrativa. Como objetivos específicos, teremos: investigar algumas narrativas orais, suas estratégias de circulação e disseminação no espaço do município de Córrego Danta – MG; identificar procedimentos utilizados para a construção de narrativas; selecionar e demonstrar os melhores recursos e/ou atitudes que possibilitam a construção e continuidade de uma narrativa; e, por meio destes resultados, propor um projeto que abarque os pontos positivos e que sane os itens desfavoráveis encontrados.

A primeira reflexão aqui apresentada, no primeiro capítulo, será em relação à gênese da narração e seu papel no desenvolvimento humano. Tal reflexão está ligada à construção e

organização do pensamento, o que implica falarmos a respeito do compartilhamento social e cultural de ideias, indo ao encontro de conceitos como construção, tipos de narrativas e contação de histórias (*storytelling*).

Cabe ressaltar aqui, que ambos os termos, contação de histórias e *storytelling*, dizem respeito do mesmo objeto: a arte de contar histórias. Abordaremos, entretanto, os dois termos porque eles são mobilizados em áreas distintas.

As pesquisas em bancos de teses e dissertações, assim como as leituras para embasamento teórico, deparamo-nos com o vocábulo *storytelling* com uma frequência maior em relação ao termo contação de histórias. Contudo, importa salientar que tal menção não foi extinta, apenas migrou de esfera de atuação, sendo utilizada pela área do *marketing*. Tal fator, se deve a um ponto que posteriormente abordaremos: o fato de o *marketing* utilizar-se da técnica como meio de comunicação ao ponto da expressão *storytelling* ser totalmente incorporada ao vocabulário da área.

Explanaremos brevemente no capítulo 1.2 deste termo, sua utilização e apropriação por alguns campos de estudo que não o da educação. Não obstante, esclarecemos aqui que a informação terá um viés educativo, enfatizando que o presente trabalho se trata de uma pesquisa que dá prioridade a cultura local e individual do educando, na medida em que é proposta a criação de um espaço onde suas narrativas sejam valorizadas.

Assim, no capítulo 2, irei investigar alguns projetos que envolvam a construção de narrativas como tentativa de responder alguns questionamentos em relação às técnicas que foram utilizadas para a sua construção e, conseqüentemente, tentarmos encontrar um motivo para alguns desses projetos não terem tido continuidade. Isso nos remete ao texto inicial deste capítulo: o que torna as narrativas interessantes de serem ouvidas? Existe a possibilidade de criar um espaço pedagógico voltado à construção de narrativas que priorize o que foi suprimido naqueles projetos que não tiveram êxito? Como seria um espaço/local que priorizasse pedagogicamente a contação de histórias?

A partir das análises de projetos, com os dados negativos e positivos das iniciativas abordadas, já no capítulo 3, refletiremos sobre causos e lendas urbanas de uma cidade interiorana de Minas Gerais. Esta, por sua vez, configura um tipo de narrativa atrativa ao público jovem, pois além de possuir cunho memorial local, expressa a espacialidade, o universo cotidiano de moradores, refletindo costumes e fatos culturais como superstições. Assim, da pesquisa bibliográfica passamos às análises de algumas histórias públicas de Córrego Danta como tentativa de entender suas criações e permanências na cultura local. O objetivo de tais análises não é lidar com ausências ou lacunas históricas esquecidas, mas revelar que, ao serem

propagados, tais causos contribuem para um posicionamento e percepção do contador como parte do cotidiano.

Por fim, após esse percurso, faremos uma proposta de um projeto que contemple características agregadoras, com fins pedagógicos e que abranja o tema contação de histórias ou causos. Começaremos por alguns conceitos que serão importantes, uma vez que o objeto de nossa pesquisa não é algo simples. Narrar vai além da leitura e escrita, pois envolve uma universalidade mais ampla de processos. Antes, porém, de nos envolvermos na tarefa de propor um espaço para a construção de narrativas, adentraremos no universo de conceitos que nos darão aporte para que tal proposta tenha realmente um propósito; refletiremos sobre o que faz uma história ser interessante, e também, sobre a relação da recepção com o ato de contar e o contador da história.

CAPÍTULO 1

TEORIA DA NARRATIVA E DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

“Contar história sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história” (BENJAMIN, 1994, p.205).

1.1 De inscrições em pedra ao storytelling... caminhos percorridos

A narrativa tem sido objeto de investigação de diversas áreas como: a psicologia, a história, o *marketing* e a política. Além destes campos mencionados, há uma área destinada somente a seu estudo: a narratologia. Trata-se de um termo criado pelo filósofo e linguista búlgaro Tzvetan Todorov, no início do século XX, para designar a ciência da narrativa com o objetivo de distingui-la como um campo de estudo dentro da teoria literária. A referida especialidade é responsável por analisar as estruturas e elementos da narrativa. Posteriormente, a narratologia foi abordada por pesquisadores franceses, como Roland Barthes, e pela Escola Formalista Russa (FONSECA,2019).

Tanto a narrativa oral quanto a escrita estão presentes em todos os momentos da vida humana. Antes de se concretizar em forma de escrita, na escola, a narrativa oral se faz presente na infância, com a “contação” de historinhas: por meio da linguagem, a criança organiza seu pensamento, de maneira que este se torne claro, auxiliando a estruturação de modelos no processo de construção de sua identidade e, conseqüentemente, de seu mundo.

As histórias estão presentes em nossa cultura desde as sociedades primitivas, percorrendo um longo caminho na constituição mundo, uma vez que “o homem se constituiu a partir da linguagem” (TODOROV, 2006, p. 54). Encontramos na pré-história registros do desejo humano de se comunicar, compreender o mundo e ser compreendido em sua essência, pois, mesmo rudimentares, seus traços e desenhos expressavam formas de pensamento. Exemplo disso são as pinturas rupestres, uma vez que elas representam formas de comunicação, em que o homem relatava seu dia a dia, experiências e crenças, ainda que puramente individuais:

Essas inscrições serviam de registro e, aos poucos, emergiram novas formas de comunicação, incluindo a ampliação dos sons que proporcionou o surgimento da fala, usada para relatar, orgulhosamente, os fatos do clã em suas caçadas e nas novas descobertas, formando um painel histórico e cultural encontrado nos escritos passados através das gerações (OLIVEIRA, 2008.p.23).

Portanto, tal maneira de expressão era utilizada como forma de comunicação em que os homens registravam seu cotidiano, uma vez que “as paredes das cavernas serviam também como uma espécie de agenda, onde eram desenhadas algumas ideias ou mensagens” (TORRES, 2019, *on-line*).

Abaixo, a inscrição mostra que, aparentemente, o autor queria deixar como registro a narrativa da vitória sob um rebanho extenso de animais que ultrapassava os guerreiros em número e tamanho. Alguns deles munidos de lanças e flechas, outros escudos, conseguiram encurralar as presas, o que levou à caça bem-sucedida.

Figura 1- Pintura rupestre - Toca do Boqueirão da Pedra Furada.



Fonte: Disponível em: <http://tempodoshomens.blogspot.com/2011/05/sitio-do-boqueirao-da-pedra-furada.html>

Apesar de aparentemente primárias, tais inscrições demonstravam uma gama de significações para aqueles que faziam parte do contexto do desenho, manifestando, assim, a subjetividade, de cunho interpretativo, que só foi se apresentar nitidamente em produções após o que a História nomeia como a Idade Antiga. Até este período, predominava nas produções a explicação divina sobre tudo aquilo que era experienciado por meio do mito.

Mythos, do grego, constitui um termo repleto de significados e, entre eles, destaca-se o conceito de palavra³, mostrando que as primeiras organizações sociais fundaram-se sobretudo oralmente. Para Homero, o herói perfeito era aquele que possuía a arte de falar e executar obras. Outro exemplo do valor da palavra está entre os *Aedos*, mestres da verdade, que “antes da invenção do alfabeto, praticavam o culto da deusa Memória⁴”. Assim, “a palavra do poeta, tal como se desenvolve na atividade poética, é solidária de duas noções complementares: a Musa e a Memória” (FABRI, 1989, p.18), ele confere a sua palavra todo um poder mágico-religioso, revelado pelas divindades, que não é senão a verdade, o real.

Convém, aqui, ressaltar que o termo verdade (*alétheia*: desvelamento) não se opõe à mentira, mas ao esquecimento (*lethê*)” (FABRI, 1989, p.18) e

como devemos perceber, no mundo mítico, todo discurso decisivo, toda eficácia da palavra e seus vínculos com o saber humano, seja ele de ordem social ou cósmica, só se torna possível mediante o contato com o mundo divino, com o transcendente. É esse mundo que fundamenta a eficácia da palavra, proferida por certos tipos especiais de homens, enunciadores das verdades sobre-humanas. Ora, o mundo do logos é diferente. Trata-se agora de verdades conquistadas pelo homem ao longo de sua história (FABRI, 1989, p.18).

Retomamos a discussão sobre Grécia Antiga, onde contar histórias era considerado uma habilidade suntuosa e restrita a uma pequena parcela da sociedade, daqueles que dominavam a arte do bem escrever e da oratória e eram considerados detentores da “verdade”, como acima mencionado. Segundo Benjamin (1994), Heródoto foi o primeiro narrador grego a ter suas narrativas perpetuadas pelo tempo, um resultado de técnicas de não responder a todos os questionamentos e deixar lacunas atemporais para serem interpretadas. Para o autor, a narrativa “conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver” (BENJAMIN, 1994, p.204), garantindo a Heródoto não somente a conservação de histórias, mas também o título de pai da História.

Em sua obra, Heródoto “teve em mira evitar que os vestígios das ações praticadas pelos homens se apagassem com o tempo e que as grandes e maravilhosas explorações dos gregos, assim como as dos bárbaros, permanecessem ignoradas” (HERÓDOTO, 2006, p.35). Dessa forma, o autor

toma para si a tarefa sagrada do poeta épico, transformando-a ao mesmo tempo pela busca das causas verdadeiras: lutar contra o esquecimento, mantendo a lembrança cintilante da glória (*kleos*) dos heróis, isto é, fundamentalmente, lutar contra a morte e a ausência pela palavra viva e rememorativa. (GAGNEBIN, 2006, p. 45)

³ <https://assis.ifpr.edu.br/wp-content/uploads/2013/03/SlidesProfAlan.pdf>

⁴ <https://planodeleitura.wordpress.com/2014/03/26/aedos-os-antigos-poetas/>

Destarte, ao ser lida sua obra, notam-se descrições de espaços sem muitos detalhes e explicações de costumes e práticas dos povos e da época. Tal característica possibilita que o leitor faça uma leitura atenta buscando contextualizar e criar conexões interpretativas nas sequências que virão, estilo este mencionado por Larcher, no *Plano de História de Heródoto*, justificando sua exposição sutil:

que há em todas as partes desta bela obra uma ligação íntima; que não se pode destrinçar nenhuma sem tirar a obscuridade de outras; que nosso historiador caminha com rapidez, e se pára às vezes pelo caminho, é só para administrar (ménager) a atenção de seus leitores, e para instruí-los [sic] agradavelmente de tudo o que lhes é importante saber” (HERÓDOTO, 2006, p. 32).

Como exemplo deste estilo, podemos encontrar o capítulo intitulado “*Clio*” onde o autor escreve a cada parágrafo informações sobre uma determinada cena, fazendo despertar no leitor a vontade de saber como findará a história. No parágrafo VII, Heródoto menciona toda linhagem de reinado de Sardes e sem detalhes pessoais, o autor cita que os descendentes de Hércules “obtiveram o reino em virtude de um oráculo” (HERÓDOTO, 2006, p.39), detalhe mítico que enriquece a obra por não especificar como aconteceu tal revelação. Posteriormente, ele escreve sobre a adoração do príncipe pela esposa e sua proposta a seu guarda de confiança para vê-la nua e confirmar seu julgamento. Assim, cada parágrafo fornece ao leitor lacunas e particularidades sutilmente propositais que levam este a ler a sequência com o intuito de acrescentar à história uma informação nova, tornando a narrativa de Heródoto atraente.

Também Xavier (2015) menciona a importância desse hiato para ação interpretativa, atribuindo tal característica à ausência de detalhes: “E os detalhes... ah, são apenas detalhes, tão desimportantes que pouca gente os conhece, e, quando conhece, não os destaca. Digamos que Babel se trata de uma alegoria explicativa, sem pretensão real de esclarecer” (XAVIER, 2015, p.21). Constata-se que o estilo proposital deste autor lhe garantiu o que Benjamin (1994) menciona sobre a perpetuação no tempo.

Com ele, inaugura-se um caráter de escrita memorial e de registro que já era manifestado desde as inscrições rupestres e que era monopolizado por poetas. Além disso, em sua obra, encontram-se traços literários que recorriam ao imaginário como tentativa de explicar o inexplicável à razão: o uso de mitos que produziam em seus ouvintes uma experiência catártica de reflexão e mudança. Note na citação de Heródoto, referente à consulta ao oráculo, a importância dada a este templo mítico, sendo nele depositado o destino de um reino e de vidas.

Deste modo, as narrativas de Heródoto não possuíam apenas o cunho filosófico, tinham o objetivo de refletir sobre o humano de modo misterioso e figurativo, levando seus ouvintes à aprendizagem, pois os mitos despertam no homem pensamentos que lhe são desconhecidos

(LÉVI-STRAUSS, 1978, p. 9) e sua função primordial é “de fornecer símbolos catalisadores do crescimento humano, uma vez que somos paralisados pelos nossos desejos que buscam o conforto” (NETO, 2016, *on-line*). Suas narrativas apresentavam-se como forma de escapar da realidade e tentar contar sobre as verdades místicas e a subjetividade ganha, assim, um espaço que antes não ocupava: o espaço da interpretação; a verdade passa a ser relativizada, pois as histórias de caráter mitológico são, ou parecem ser, arbitrárias, sem significado, absurdas, mas, apesar de tudo, dir-se-ia que reaparecem um pouco por toda a parte. Uma criação «fantasiosa» da mente num determinado lugar seria obrigatoriamente única (LÉVI-STRAUSS, 1978, p. 20).

Cabe aqui ressaltar que LÉVI-STRAUSS (1978) menciona que apesar de aparentemente arbitrário, o mito obedece a “uma ordem na esfera da mente” que é estabelecida de acordo com as necessidades básicas humanas, “necessidade ou um desejo de compreender o mundo que os envolve, a sua natureza e a sociedade em que vivem (LÉVI-STRAUSS, 1978, p. 26).

O estilo de Heródoto, portanto, foi importante para que suas narrativas se perpetuassem, pois partem “do princípio de que, se não se compreende tudo, não se pode explicar coisa alguma” (LÉVI-STRAUSS, 1978, p. 27) e que a afinidade gera imagens tiradas da experiência, ou seja, projeta-se aquilo que já existe na mente.

Assim, quando Vidal (2011) alega que, com o aprimoramento e o avanço da técnica escrita, o que antes era esquecido, passou a se fazer presente como resposta “ao apelo feito pela nossa sociedade de imagens e movimentos” (VIDAL, 2011, p. 78), ela está reiterando que as histórias orais se perpetuaram por meio desta técnica. Mas também, simultaneamente, está atendendo a um receio de que se percam registros e memórias, pois “a escrita, por sua vez, deseja perpetuar o vivo, mantendo sua lembrança para as gerações futuras, mas só pode salvá-lo quando o codifica e o fixa” (GAGNEBIN, 2006, p.11).

Ao avançarmos até a modernidade para mostrar que o papel dos mestres da verdade, guardiões da memória, será representado, na proposta apresentada ao final da pesquisa, pelos mais velhos, anciãos e portadores da sabedoria da vivência cotidiana e o caráter pedagógico do mito será representado pelos causos e lendas corregodantenses, ambos, na luta contra o esquecimento.

Essa vontade de recordar, de recorrer à memória aliada à escrita garante a não-morte da narrativa, sendo aprimorada pelo progresso e o aperfeiçoamento da técnica de narrar e escrever. Como resultado, surgem novas atitudes e novos ensejos e, com a necessidade de movimentos, emerge uma nova postura, novos gestuais, uma técnica agora reelaborada, que busca captar a atenção individual.

O próprio Benjamin (1994) discorre sobre o novo olhar sobre a arte, sobre o cotidiano, proporcionado pelo movimento dado às imagens e narrativas:

[...] fica visível a dialética desse processo: imediatamente antes que a contemplação das imagens experimentasse com o advento do cinema uma guinada decisiva, tornando-se coletiva, o princípio da contemplação individual se afirma, pela última vez, com uma força inexcedível, como outrora, no santuário, a contemplação pelo sacerdote da imagem divina (BENJAMIN, 1994, p.9).

Assim, o desejo de registro aliado à escrita, ao cinema, cria uma ruptura dos padrões orais clássicos antes existentes, padrões estes dos povos sem escrita, assim chamados (não pejorativamente) por Lévi-Strauss (1989), e passa a colaborar com a construção de identidade e resgate memorial, pois a necessidade do “rastros inscreve a lembrança de uma presença que não existe mais e que sempre corre o risco de se apagar definitivamente” (GAGNEBIN, 2006, p.44), o que confirma a fragilidade das narrativas orais.

Dessa forma, narrar implica muito mais que contar uma história ou lê-la, é propiciar um espaço para a ação interpretativa do outro. É possibilitar a todos os participantes da narrativa um envolvimento contínuo, não existindo somente o autor ou narrador, mas sim um espaço de constante participação que tem relações estreitas com o compartilhamento de conceitos e culturas. No ato da narrativa, todos os envolvidos compartilham conceitos em comum, pois “[...] o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação (BENJAMIN, 1994, p. 203).

Ademais, importa salientar que vários conceitos envolvem a produção de uma narrativa e diversos são os campos de estudo que tentam mensurá-la, descrevê-la e caracterizá-la. Alguns autores consideram o nomear ou imaginar como uma espécie de brincadeira, um jogo de faz de conta e a construção de uma história estaria nesse contexto sendo a narrativa considerada como um ensaio para a vida, valorizando a atividade do narrador e todo o seu processo de construção de identidade e história. É o caso de Huizinga (2007) quando afirma que:

Na criação da fala e da linguagem, brincando com essa maravilhosa faculdade de designar, é como se o espírito estivesse constantemente saltando entre a matéria e as coisas pensadas. Por detrás de toda expressão abstrata se oculta uma metáfora, e toda metáfora é jogo de palavras. Assim, ao dar expressão à vida, o homem cria um outro mundo, um mundo poético, ao lado do da natureza (HUIZINGA, 2007. p.7).

Cabe, portanto, refletirmos sobre a citação acima disposta, uma vez que o autor usa a palavra “designar” que, etimologicamente, originou-se do latim *designare* (DE- “fora”, mais SIGNUM “marca, sinal”) que significa entre outras palavras, desenhar. Dessa forma, para o autor,

narrar seria desenhar com palavras, tanto escrita, como oralmente. O ato de criar uma narrativa seria como um jogo, numa constante troca entre os personagens que a compõem: narrador e ouvinte - escritor e leitor, todos peças na construção de sentidos.

Destarte, no âmbito dos estudos linguísticos e literários, faz-se necessário resgatar Bakhtin (2006), Todorov (2006), Bal (1990), Lima (2007) e suas reflexões acerca das propriedades, construções e significação de narrativas.

Para Bakhtin, os sujeitos envolvidos no ato da enunciação constroem a significação da língua, de modo que ela seja o fruto de intersubjetividade, construindo-se na prática social por meio de uma ininterrupta evolução resultante da interação

Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida (BAKHTIN, 2006, p. 96).

Tal afirmação nos leva a concluir que o discurso, ou no caso desta pesquisa, a narrativa, é carregado de subjetividade, ou seja, o escritor/contador de história e até mesmo o ouvinte/leitor agem na narrativa que se desenvolve, deixando nela impressões individuais e coletivas. Ambos são responsáveis pela construção do sentido no momento do uso da linguagem, o que seria chamado por Bakhtin de caráter dialógico.

Um exemplo desse caráter dialógico pode ser encontrado em uma roda de conversa, onde um idoso conta um “causo” de assombração de sua infância. Os ouvintes jovens, ao escutar, vão construindo o sentido de acordo com sua vivência e com as experiências que possuem. Uma história de assombração de anos atrás não terá tanto sentido se o narrador não situá-la no período atual e, ao fazer isso, ele pode mencionar lendas recorrentes de determinada região.

Assim, o dialogismo da comunicação é a propriedade que esta tem de ser afetada pelo outro, ou seja, o discurso do enunciador se encontra com o discurso de uma segunda ou terceira pessoa. Há um acordo, uma espécie de tensão em qualquer situação e essa tensão é inerente ao eu e ao outro para produzir sentido, como confirma Fiorin (2011):

Todos os enunciados no processo de comunicação, independente de sua dimensão, são dialógicos. Neles, existe uma dialogização interna da palavra que é perpassada sempre pela palavra do outro. É sempre e inevitavelmente também a palavra do outro. Isso quer dizer que o enunciador, para constituir um discurso, leva em conta o discurso de outrem, que está presente no seu. Por isso, todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado pelo discurso alheio. O dialogismo são as relações de sentido que se estabelecem entre os dois enunciados. (FIORIN, 2011, p. 19).

Desse modo, por envolver vários fatores, como a subjetividade, vários elementos influenciam a construção da narrativa, principalmente escolhas de perspectivas adotadas por aqueles que agem nesta. Tais escolhas se manifestam como conteúdos ideológicos, sociais e históricos que permitem que possamos tentar identificar as propriedades da obra e até mesmo situá-la em um tempo, espaço ou meio. Assim, tais fatores implicam no que Lima (2007) discorre sobre o processo de construção da subjetividade e controle exercido por quem sabia ler e escrever.

Salmon (2010), ao falar sobre a história da narrativa nos Estados Unidos, alude que “em toda a história social e política do país, o fator religioso está vivamente presente. Ele está nesta nova expressão do capitalismo, em que interagem a religião, a economia e a política” (SALMON, 2010, pp.12-13, tradução nossa)⁵. Tal proposição reafirma que a religiosidade e a política, mascaradas de uma razão universalizadora, produziam parâmetros ideais que levavam a diversas interdições, dentre estas, do imaginário e da subjetividade em nome do poder. Não importa onde e como ocorreram as relações entre os poderes, ou melhor, entre os seus detentores, o tema sempre foi questão de discórdia e lutas permeadas por narrativas em favor deste ou daquele ponto de vista.

Vejam os primeiro caso mencionado acima, ou seja, a religião. Na Alta Idade Média os bispos, patriarcas que se diziam herdeiros dos apóstolos de Cristo, eram os únicos que possuíam a oportunidade de ler e escrever: detentores do saber, transmitiam para o papel o conveniente para o Estado, a burguesia e interesses do clero, todos, em harmonia. Os textos produzidos neste período eram isentos de palavras figurativas ou alegorias e metáforas, a interpretação não era cabível e, de certa forma, a subjetividade era negada. O que primava era a razão e, esta, por sua vez, só tinha sustentáculo em Deus que era o orientador, o apoio e a verdade absoluta e em caso de embates e conflitos, Ele “manifestaria a verdade do sucedido através de sinais visíveis e inequívocos” (LIMA, 2007, p. 27).

É notório que, no decorrer do tempo, a religião (Igreja) e a política (Estado) andaram atreladas e tiveram embates. Tanto nas epístolas de São Paulo⁶ quanto de Pedro⁷ é mencionado o poder da Igreja e a necessidade de obediência do homem em relação à Deus. “Em suma, os princípios políticos do cristianismo apostólico, assim expressos e definidos, afirmam a separação absoluta entre a Igreja e o Estado, a submissão dos fiéis à autoridade constituída e a

⁵ En toda la historia social y política del país, el factor religioso está vivamente presente. Y lo está en esta nueva expresión del capitalismo, en el que interactúan la religión, la economía y la política.

⁶ Carta aos Romanos: Rom 13, 1-7

⁷ Pd 2 - 13-17

participação do Estado na obra da Providência” (SOUZA, 1995, p. 10). No caso da política, que não deixa de estar vinculada à religião, uma instância pode ser a guerra, que “emudeceu os homens, tornou-os pobres em experiências comunicáveis, marcou o início do triunfo da informação sobre a troca de experiências” (BENJAMIN, 1994, p. 57) e desta forma, predominou o controle daquilo que era transmitido. Deste modo, não é preciso ir muito longe em nossas reflexões para fazermos uma ressalva de que esse controle político e religioso era uma tentativa de limitar o imaginário.

Lima (2007, p.73) afirma que “[...] a interpretação da obra poética que leio não pode ser qualquer uma, mas há de se processar a partir das possibilidades criadas pelo esquema nela contido”. Nesse trecho, ele assume a presença de dois fatores importantes: a disposição de possibilidades e a interpretação, ou seja, reconhece que ambos participam da construção de um texto. Assim, se ponderarmos sobre a narrativa a partir da relação entre o autor, o texto, o leitor e a construção de um sentido, podemos afirmar que não existe uma narrativa primitiva, pois ela é resultante de construções, sendo lavrada por meio de escolhas e não um fruto de uma série de acontecimentos aleatórios.

Dentro desta narrativa há uma tensão entre forças que mudam o curso dos acontecimentos e que tentam constantemente se organizar, procurando estabelecer uma ordem e sentido. “Essa ordem se traduz pela repetição (ou pela semelhança) dos acontecimentos: o momento presente não é original, mas repete ou anuncia instantes passados e futuros. A narrativa nunca obedece a uma ou a outra a força, mas se constitui na tensão das duas” (TODOROV, 2006, p. 22).

Tal assertiva corrobora Bakhtin (2006) e seu conceito de dialogismo do enunciado, e o conceito de mimesis, de Aristóteles. Este, aparentemente novo em nossas discussões, porém já mencionado acima como repetição dos acontecimentos, sendo nada mais que

uma representação de uma realidade, e esta realidade, por sua vez, se constitui a partir dos efeitos de sentido elaborados nos procedimentos discursivos, a mimesis pode ser assumida como um efeito de sentido construído artisticamente sobre outros efeitos de sentido previamente elaborados nas diferentes formações discursivas presentes em uma realidade histórica (FERREIRA; GRANGEIRO; FRANÇA, 2017, p. 85).

Na perspectiva da narratologia, Bal (1990) sistematiza alguns conceitos básicos essenciais para se formar uma teoria do texto narrativo, elencando diversas características para classificar uma narrativa. Ela destaca o papel do agente narrativo como uma peça principal, uma vez que ele determina a classificação de cada texto. No ponto de vista da autora, a fábula, a história e o texto narrativo possuem diferenças notáveis nos textos e tais diferenças os

classificam em literários, infantis, para adultos e etc., pois "evidentemente os textos narrativos diferem entre si, embora a história que é contada seja a mesma. Portanto, é útil examinar o texto independente da história" (BAL, 1990, p.13, tradução nossa)⁸.

Este ponto de vista da autora nos leva a refletir a respeito de como a história é construída a partir dos objetivos que os autores colocam no texto. Uma narrativa, portanto, tem diferentes estruturas, que serão classificadas em três tipos distintos de textos: a história, o texto e a fábula. Se nos firmarmos somente nessa concepção, teremos uma lacuna a preencher: onde se encaixa o papel do leitor e daquele que está ouvindo uma história? Ambos não participam da construção de sentidos da mesma? A narrativa, então seria basicamente construída a partir de ideias, ideologias e construções do autor?

Se apenas o autor ou contador da história fossem os responsáveis pela criação e classificação da mesma, o caráter dialógico citado por Bakhtin (2006) não faria sentido. Dessa forma, cabe ressaltar o que Todorov (2006) menciona a respeito da narrativa moderna que, para ele, não obedece às regras para uma construção de uma boa narrativa e assim:

Não há narrativa natural; toda narrativa é uma escolha e uma construção; é um discurso e não uma série de acontecimentos. Não existe uma narrativa "própria" em face das narrativas "figuradas" (como, aliás, não há sentido próprio); todas as narrativas são figuradas (TODOROV, 2006, p.108).

Dessa maneira, partindo da ótica, de que a narrativa não é uma série de acontecimentos que se mantêm primitivos e únicos, pressupomos que ambos os participantes do ato narrativo são importantes para a construção desta. Assim, a tentativa de expor, narrar uma realidade nada mais é do que a expressão da visão daquele que escreve ou conta. A partir do momento em que o autor escolhe palavras para criar sua história, ele tenta representar, ou mascarar (quando sua vontade) a realidade ao seu redor, sua visão de mundo e não a do outro. Este, ou seja, aquele que lê ou escuta, também terá sua leitura e interpretação, de acordo com a perspectiva adotada e seus conhecimentos de mundo.

Até chegarmos a este ponto de nossa reflexão, transitamos por vários conceitos que se entrecruzam e se complementam, pois não é fácil chegar a um consenso do que seja uma narrativa. Sabe-se que é um produto de atividade humana, permeada de simbologia, saberes, que carrega consigo todo um saber individual e coletivo e, portanto, esta perspectiva será adotada para desenvolvimento desta pesquisa. Esse é o primeiro passo para podermos começar

⁸ Evidentemente los textos narrativos difieren entre sí aunque la historia que se relate sea la misma. Será, por lo tanto, de utilidad examinar el texto independientemente de la historia.

a reflexão sobre nossas duas primeiras perguntas: quais são as técnicas que os autores/narradores utilizam para a construção de uma narrativa? E por que algumas narrativas/histórias desaparecem com o decorrer do tempo?

É preciso questionar a respeito do motivo de algumas narrativas possuírem maior aceitação que outras e quais são os passos, talvez chamaremos de regras, usados para que esse êxito seja alcançado.

1.2 *Storytelling*, quem conta um conto...convence e pronto!

Como foi dito anteriormente, as narrativas podem ser encontradas “em todas as culturas, em todos os níveis da sociedade, em todos os países e em todos os períodos da história humana” (BAL, 1990, p.19, tradução nossa)⁹. Sendo assim, seria importante se todas as áreas do conhecimento estivessem atentas ao uso da narrativa e de uma história bem contada, porque ao construí-las, as pessoas se tornam protagonistas de sua própria história.

Segundo Halbwachs (1990) “fazemos apelo aos testemunhos para fortalecer ou debilitar, mas também para completar, o que sabemos de um evento do qual já estamos informados de alguma forma, embora muitas circunstâncias nos permaneçam obscuras” (HALBWACHS,1990, p.25). Também Benjamin (1994) afirma que “a relação ingênua entre o ouvinte e o narrador é dominada pelo interesse em conservar o que foi narrado” (BENJAMIN, 1994, p.210), interesse este manifestado pela mais épica de todas as faculdades, a memória, que também é responsável por conservar histórias. Dessa maneira, estar diante de questões cuja razão de ser é reconstruir a história, torna-se uma atividade muito significativa. É como se se produzisse uma catarse, onde os participantes do ato narrativo se libertam e reconstróem suas memórias, produzindo um resgate individual e até mesmo coletivo.

Por isso, o escrever ou o contar histórias torna-se um meio importante de reafirmação e, ao mesmo tempo, de aproximação com terceiros, visto que as lembranças sempre são coletivas, pois

se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias (HALBWACHS,1990, p.25).

Cabe, portanto, ressaltar que não há necessidade da presença concreta do contador ou escritor no momento do acontecimento contado ou narrado, o que ressalta a importância da

⁹ (...) en todas las culturas, en todos los niveles de la sociedad, en todos los países y en todos los periodos de la historia humana.

proposta desta pesquisa, uma vez que o principal objetivo é a formação de um espaço para criar narrativas diversificadas. Assim, “um relato de um amigo pode nos transportar ou desenhar uma paisagem em nossa mente” (HALBWACHS,1990, p.27) e tal fato pode resultar em consequências como a modificação, a fusão ou correção de lembranças, pois

tais imagens, que nos são impostas pelo nosso meio, modificam a impressão que possamos ter guardado de um fato antigo, de uma pessoa outrora conhecida. Pode ser que essas imagens reproduzam mal o passado, e que o elemento ou a parcela de lembrança que se achava primeiramente em nosso espírito, seja sua expressão mais exata: para algumas lembranças reais junta-se assim uma massa compacta de lembranças fictícias (HALBWACHS,1990, p.27).

Pode ocorrer também, como alega o autor supracitado, uma fusão de lembranças, que “os depoimentos dos outros sejam os únicos exatos, e que eles corrijam e reorientem nossa lembrança, ao mesmo tempo que incorporem-se a ela” (HALBWACHS, 1990, p.28), ou mesmo que corrijam impressões, acrescentem detalhes ou resgatem o que se havia esquecido.

Ao iniciarmos esta pesquisa, pôde-se notar que, quando se fala em contar histórias, a maioria das pessoas relacionam esse ato a uma forma de comunicação reservada apenas para crianças ou a práticas limitadas às horas de ócio ou às análises literárias, como alude Salmon (2010).

Portanto, cabe abordarmos o *storytelling*, palavra esta com a qual só nos deparamos ao ler Salmon (2010). Ao fazermos uma pesquisa no buscador da internet, são notórias a abrangência e a apropriação do termo em diversos setores, que vão desde a comunicação, a educação e até mesmo ao *marketing* e empresas. Há diversas instituições que ofertam cursos que alegam auxiliar quanto à comunicação ou à venda de um produto por meio do *storytelling*. Assim, o termo estaria ligado à arte de captar atenção e vender uma história ou um produto por meio dessa história. Mas o que ela significa? Por que ela abrange tantos setores? Somente agora ela tem feito isso? As respostas para as questões são diversificadas, porém interrelacionam-se.

De acordo com o dicionário, *storytelling* é

uma palavra em inglês, que está relacionada com uma narrativa e significa a capacidade de contar histórias relevantes. [...] Consiste em um método que utiliza palavras ou recursos audiovisuais para transmitir uma história. Esta história pode ser contada de improviso ou pode ser uma história polida e trabalhada (SIGNIFICADOS, 2013, *on-line*).

No *site* National Storytelling Network¹⁰, há uma explicação sobre o termo, mostrando características e propriedades que o mesmo possui, definindo, assim, o *storytelling* como uma

¹⁰ <https://storynet.org/>

arte secular interativa, que utiliza as “palavras e ações para revelar os elementos e imagens de uma história e incentivar a imaginação do ouvinte:

A narrativa acontece em muitas situações, desde conversas na mesa da cozinha a rituais religiosos, desde narrativas no decorrer de outros trabalhos até performances para milhares de ouvintes pagantes. Algumas situações de contar histórias exigem informalidade; outros são altamente formais. Alguns exigem certos temas, atitudes e abordagens artística. [...] a interação do ouvinte e a natureza da história em si variam amplamente (National Storytelling Network, 2017, tradução nossa)¹¹.

Xavier (2015) define o *storytelling* como uma combinação de técnica e arte, denominando-a assim como tecnarte em três dimensões: pragmática, pictórica e poética. Para o autor, vivemos em um mundo fragmentado e líquido corroborando com o pensamento de Zygmunt Bauman (2007), tempos

em que as organizações sociais (estruturas que limitam as escolhas individuais, instituições que asseguram a repetição de rotinas, padrões de comportamento aceitável) não podem mais manter sua forma por muito tempo (nem se espera que o façam), pois se decompõem e se dissolvem mais rápido que o tempo que leva para moldá-las e, uma vez reorganizadas, para que se estabeleçam (Bauman, 2007, p.5).

Neste cenário, onde o real e o virtual coexistem, o excesso de informação acarreta uma crise de atenção em diversos setores, que vão desde o profissional até o pessoal. Como consequência, surge a necessidade de novas conexões e novas expressões que ocorrem no âmbito emocional e cultural, pois sem emoção não há amor pelo que se narra e, sem identificação cultural, não há compartilhamento de ideias e “nada acontece”.

Assim, é notória a carência de uma ligação afetiva ou mesmo de uma relação de identificação entre as pessoas ou grupos porque

para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum. Não é suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como nos dos outros [...] (HALBWACHS, 1990, p.34).

¹¹ Storytelling happens in many situations, from kitchen-table conversation to religious ritual, from telling in the course of other work to performances for thousands of paying listeners. Some storytelling situations demand informality; others are highly formal. Some demand certain themes, attitudes, and artistic approaches. [...] interaction and the nature of the story itself vary widely.

Portanto, para que as narrativas façam sentido, os integrantes do grupo devem compartilhar de vivências ou experiências, o que corrobora, novamente, com o conceito de dialogismo de Bakhtin (2006) visto que as memórias e assuntos darão continuidade ou acrescentarão competências e sensações aos envolvidos.

Desta maneira, para Xavier (2015), os maiores *storytellers* foram aqueles que passaram por dificuldades e necessidades, pois tais sentimentos são uma espécie de combustível para a busca da felicidade e compartilhamento de histórias. Sendo assim, a meta do homem é essa constante atribuição de significado, pois “dar significado à nossa existência, às pessoas e coisas que nos cercam é a meta que buscamos desde sempre. Quanto mais nos aproximamos dela, mais perto chegamos da felicidade” (XAVIER, 2015, p.27). O fato de narrar e contar uma história torna-se importante, pois ela acentua “os traços para impressionar o público e reforçar pontos de vista” (XAVIER, 2015, p.15), utilizando a vida como matéria-prima para se desenvolver uma narrativa.

Para os *storytellers*¹², o que difere o homem dos outros animais é o domínio desta arte que, mesmo primitiva, é a mais eficaz e sofisticada no quesito transmissão de ideias, costumes e valores, o que corrobora Cogo (2006, p.132) quando afirma que o *storytelling* é “um processo que resulta de uma prática recuperadora do passado como alvo de inspiração e recriação argumentativa, na proposta de estabelecer um trampolim para manter diálogos produtivos com diversos públicos no presente e até obter vantagens sobre concorrentes no futuro”.

Diante de tais conceitos e autores mencionados, delineamos que, apesar das diferentes áreas de atuação e estudo destes, ambos concordam que o *storytelling* configura-se como uma nova forma de comunicação entre os homens, e diversos setores aproveitaram disso para vender seu produto. Isso não significa que o *storytelling* faça parte somente do território empresarial e do *marketing*. Áreas como educação, saúde e jornalismo utilizam o *storytelling* de forma comedida, aperfeiçoando-se o modo como este transformou-se em uma nova maneira de se comunicar com o público, ganhando seu espaço e se fixando na memória. Exemplo são os doutores da alegria, que vendem a imagem de que a alegria é o melhor remédio e com palavras, encenações, improvisos e brincadeiras impactam positivamente na vida do paciente, acompanhantes e nas relações da equipe de trabalho, como mostra a pesquisa em seu site¹³. Outro exemplo são os candidatos às eleições que são escolhidos não por mostrarem seus feitos,

¹² <http://www.storytellers.com.br>

¹³ https://doutoresdaalegria.org.br/wp-content/uploads/2018/06/Pesquisa_sobre_o_trabalho_dos_Doutores_da_Alegria_nos_hospitais.pdf

mas por convencerem por meio das palavras. Tais situações são traços de que a influência com gestos e palavras transformam o ambiente por onde passa o contador de histórias.

Dessa forma, *storytelling* é um termo usado para definir a forma de influenciar as pessoas. Aqui, destacamos a palavra influenciar, uma vez que tal ato não deixa de ser uma maneira de seduzir ou mesmo manipular e prender a atenção de alguém.

Como mencionado, o ato de narrar surge nos primórdios da existência humana. As culturas, as religiões, e a política se formaram com a influência do *storytelling*. Por meio da narrativa, religiões se edificaram, políticos foram eleitos e produtos são vendidos. As histórias são ferramentas importantes de comunicação, pois a todo momento nos deparamos com propagandas, narrativas construídas com determinados objetivos incorporados que nem sempre são explícitos, ou seja, por meio de palavras, um produto é vendido, uma ideia ou sentimento é despertado e uma opinião é convencida.

Se o objetivo é despertar o desejo, ensinar, transmitir valores, vender ou chamar a atenção para algo, o papel de quem narra a história também é importante. Salmon (2010) afirma que as histórias que nos são contadas já nos chegam prontas, de maneira sutil, para que não nos esforcemos para trocá-las, interpretá-las. Para o autor, um relato bem construído pode ser interiorizado facilmente e camuflar-se como verdade, uma vez que “por meio da narrativa, tentamos substituir nossas perdas diárias por boas histórias” (SALMON, 2010, p.19, tradução nossa)¹⁴.

Por isso, faz-se necessário mencionarmos a importância das lendas contadas nas pequenas cidades de interior. Este tipo de narrativa tem seus objetivos implícitos e carrega em sua essência o propósito de transmitir às gerações futuras exemplos de tradições e valores considerados necessários para a formação dos residentes locais. O método utilizado por quem conta a história é um fator influenciador para que esta se fixe e ganhe credibilidade, porém outra condição primordial é o ensejo que esta é contada. Não basta contar, deve-se influenciar, captar a atenção do ouvinte ou leitor. Assim, a ação interpretativa, ou seja, o ato de atribuir sentido àquilo que está nos sendo narrado, e também a vontade de ser lembrado, exteriorizada no papel do narrador, uma vez que este deve prender a atenção daquele que ouve.

Portanto, é inegável que o desempenho deste narrador está ligado ao sucesso ou fracasso de uma narrativa. Tal concepção ratifica as ideias benjaminianas quando se refere à necessidade do narrador de afastar-se do presente para possuir um ângulo de observação e garantir que a

¹⁴ mediante el storytelling, se intenta suplir nuestras pérdidas cotidianas con buenas historias.

narrativa mergulhe “na vida do narrador para em seguida retirá-la dele” (BENJAMIN, 1994, p. 205), propiciando a ele a conservação de sua narrativa.

Esta seria a primeira premissa para que a narrativa se perpetuasse? Afastar-se da realidade para ter um ângulo de observação e imaginar, fantasiar, colocando-se no lugar do outro para criar personagens? A resposta encontramos em Benjamin (1994), pois para ele a história é como uma rede que se tece, é como um trabalho manual que é feito repetidamente: “contar história sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história” (BENJAMIN, 1994, p.205).

Chegamos a um ponto importante de nossa reflexão: ambos autores deixam clara a vontade do homem de ser lembrado, demonstrando a ânsia de eternizar-se, ou seja, o desejo de memória está intimamente ligado ao homem desde os primórdios. Temos, portanto, a resposta para um de nossos questionamentos. O ser humano busca, por intermédio de sua narrativa, posicionar-se historicamente e isso é feito deixando lacunas interpretativas, onde quem ouve pode agir sobre o que é ouvido ou lido. “Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido” (BENJAMIN, 1994, p.205).

Porém, mesmo a narrativa tendo grande importância em toda a vida humana, percebe-se que há poucos projetos escolares voltados para o tema, e quando os mesmos existem, são trabalhados apenas como projeto de pesquisa, sem continuidade ou não focando no caráter lúdico e na participação ativa do educando. Outras narrativas, àquelas ligadas à cultura de um determinado local, como as lendas, não são propagadas e acabam por serem esquecidas. O próprio Benjamin (1994) reafirma que a história – neste caso, a narrativa – está definhando, porque “as experiências estão deixando de ser comunicáveis” (BENJAMIN, 1994, p. 200), e assim temos outro ponto que merece reflexão: como tornar a experiência comunicável?

Se avaliarmos o que anteriormente mencionamos, a resposta para esta pergunta seria o que Benjamin (1994) chama de linguagem concisa:

Quanto maior a naturalidade com que o narrador renuncia às sutilezas psicológicas e, mais facilmente a história se gravará na memória do ouvinte, mais completamente ela se assimilará à sua própria experiência e mais irresistivelmente ele cederá à inclinação de recontá-la um dia (BENJAMIN, 1994, p.204).

Assim, ao voltarmos nosso olhar ao questionamento sobre o que torna a narrativa contável, iremos acrescentar à nossa argumentação mais esse conceito: um texto, uma narrativa, seria interessante e teria o caráter de perpetuar-se, por ter em sua estrutura a qualidade de ser clara, concisa e ao mesmo tempo possuir lacunas, para que todos os envolvidos, tanto o narrador

ou escritor, quanto o ouvinte, em sua construção, possam interpretá-la. Portanto, o bem narrar de uma história, somente, não influencia em sua assimilação, posto que para que isto aconteça deve-se haver todo um contexto simbólico, psicológico e cultural, o que nos remete à Lévi-Strauss (1975).

Em seu texto “A Eficácia Simbólica”, Lévi-Strauss relata um procedimento de cura xamânica¹⁵ que “ilustra como a identificação do doente (no caso, uma parturiente) com os símbolos míticos de um canto ritual leva a uma resposta semelhante à ab-reação, isto é, uma descarga emocional com funções catárticas (TAVARES; BASSI, 2012, p.17). A cura acontece por meio de uma “medicação puramente psicológica”, feita por meio de “preparativos com uma grande riqueza de detalhes” narrados, sendo que “a técnica da narrativa visa, pois, reconstituir uma experiência real, onde o mito se limita a substituir os protagonistas” (LÉVI-STRAUSS, 1975, p. 225).

O canto do xamã, analisado enquanto narração de uma viagem e como uma guerra bem-sucedida, e apresentado como metáfora do trabalho de parto com efeito benéfico sobre os órgãos implicados, constitui, portanto, uma “manipulação psicológica” do órgão doente operada simbolicamente, encontrando-se num meio-termo entre a cura orgânica e a psicológica (TAVARES; BASSI, 2012, p.18).

Segundo Bonet (2012), nesse trabalho, “Lévi-Strauss estava pensando em como fazer coisas com palavras, ou em como os símbolos têm o poder de atuar sobre o mundo material”, ao relacionar-se metafórica, individual e coletivamente nas dimensões sociais, biológicas e psicológicas, num entrelaçamento de experiências vividas. (BONET, 2012, p. 102). O que torna a magia eficaz é a crença depositada nela, (“vê-se, ao mesmo tempo, que a eficácia da magia implica na crença da magia” (LÉVI-STRAUSS, 1975, p.182), é o crer que ela fará efeito. O mesmo acontece nas relações humanas: o efeito que o outro produz depende das referências e crenças que se relacionam, que são culturalmente partilhados pelo grupo. São representações daquilo que o grupo vivencia, as experiências íntimas e individuais se tornam coletivas a partir do momento que são reconhecidas e submetidas às experiências de mundo por causa de relações de grupo, dando significado às experiências.

Dessa forma, a prática dos benzedores, já mencionada na seção 1.1, compara-se ao ritual xamânico¹⁶. Também chamados de “rezadores”, são procurados por moradores do interior de Minas Gerais, como em Córrego Danta e Tapiraí para benzerem contra vários tipos de doenças

¹⁵ Trata-se de práticas medicinais, religiosas, filosóficas e mágicas através de transe e interações com espíritos. Para o xamanismo o que é importante é o encontro da cura e do equilíbrio com o auxílio da sabedoria dos espíritos, pois eles têm a resposta de anos de tradições e sabedorias, estes espíritos podem ser de pessoas, antigo xamãs, da natureza, animais ou criaturas míticas (mentores espirituais formados de energia).

¹⁶ <https://www.xamanismo.com.br/o-que-e-um-xama/>

do corpo e da alma. A benzedeira, assim como o xamã, utiliza manuseio de utensílios e orações, que fazem parte da crença e cultura popular, que aquele que está sendo benzido faça a ligação abstrata entre o mal e a oração, pois a vivência, o compartilhamento cultural é importante, não sendo necessário pensar no mito e sim imaginar a cura.

Em suma, essa importância do mito entre os antigos se reside pelo fato da maneira de registro estar ali presente, ao contá-lo: para os Gregos, não há mito e memória sem o poeta, na cultura popular não existe cura sem o benzedor e na contemporaneidade não existe história sem o contador. Tal ligação entre o xamã/benzedor e cura, entre passado e presente se dá mediante a invocação da narrativa, que portanto, para a proposta que será apresentada, será feita na figura do velho, do contador de caso uma vez que dele nascerá a invocação do passado.

Desse modo, convém mencionarmos o porquê da escolha da temática “causos” e fazer uma análise de um corpus coletado entre voluntários na cidade de Córrego Danta -MG e tal procedimento faremos a seguir.

CAPÍTULO 2

E POR QUE CAUSOS?

“Histórias se valem de mitos e ritos, recheiam de significado os momentos marcantes de pessoas, grupos sociais, cidades e nações” (XAVIER, 2015, p. 63).

Ao pesquisarmos iniciativas que comporiam o corpus inicial dessa pesquisa¹⁷, nos deparamos com várias propostas, com abordagens variadas em relação às narrativas que tiveram êxito e continuam sendo aplicadas. Os dados coletados nos mostraram que os produtos educacionais como cadernos pedagógicos e jogos, foram iniciativas que deram certo e a atitude de compartilhá-las para que outros docentes possam realizá-las é um fator que contribui para que os mesmos ganhem conhecimento de outros lugares, não permanecendo somente no local aplicado. Outro fator é que os projetos ligados à memória local (individual ou coletiva) foram bem-sucedidos e despertaram interesse nos envolvidos. Destacam-se entre as análises três propostas, em localidades distintas, que abarcavam peculiaridades voltadas às narrativas orais, sendo duas pesquisas acadêmicas no Paraná (Contação de histórias-experiências com oralidade e narrativas tradicionais do norte do Paraná em turmas do Ensino Básico e Narrativas da comunidade e oralidade: um resgate da cidadania) e uma em Santa Catarina (Companhia Contacausos). Esta, um exemplo de trajetória com dez anos de atuação envolvendo narrativas locais, de cunho coletivo, memoriais, e os outros dois, aplicados em escola, surtiram ótimos resultados com produções realizadas pelos alunos, sendo um projeto, transformado no livro “Contação de Histórias no Norte do Paraná: Memória e Patrimônio”.

É notório, na maioria dos projetos exitosos, a temática patrimônio imaterial, oralidade, causos e memórias. Narra-se o passado, como ele retornou à memória, com a trajetória de uma menina nascida em São Paulo que se muda para o interior de Minas Gerais, sendo imersa no universo de causos e das rodas de conversas. Costume comum nas cidades de interior e que ressurge nas menores aglomerações, sejam alegres como aniversários ou festas tradicionais, sejam em ocasiões tristes como funerais. Mas, por que causos? Porque são partes de uma vida inteira dessa “mineira”, já que na juventude a temática despertou curiosidade e hoje, ao recordar, tornou-se uma forma de resgate memorial. Esses relatos integram a experiência, como quando grupos de adolescentes foram para o Alto da Caixa d'água para tentar ver a mulher de branco. Ou mesmo quando haviam apostas para ver quem tinha coragem de pegar água dentro

¹⁷ O corpus mencionado está disponível no capítulo 3 e teve finalidade investigar uma coletânea de iniciativas que, após serem analisadas, pudessem apontar características que se identificassem com a proposta de criação de um espaço ou projeto para elaboração ou contação de histórias/narrativas.

do túmulo do cemitério. Foram momentos vividos que se misturaram às lendas correogodantenses: a lenda presenciada, vivida e atestada.

Nesse momento, é válido que explanemos sobre a importância da dimensão pessoal. Rocha (2016), ao abordar seu processo de formação como contador de histórias, salienta que o conto pessoal (baseado na infância e família do contador), assim como o conto tradicional tem potencial de trazer muitos benefícios para quem conta e quem ouve pois cria “uma ponte entre o contador e a plateia” (ROCHA, 2016, p.22), entre culturas gerando compreensão, respeito, justiça e paz. Pietro (2016) alega que os jovens gostam de ouvir histórias e que lendas urbanas e histórias pessoais tem um poder de agregar, de envolvê-los.

Portanto, como forma de imersão na pesquisa, torna-se necessário nos aproximarmos de narrativas com tais características, o que nos dirige aos causos de Córrego Danta- MG, pois a mineira fora criada nesta cidade, em meio às narrativas que teriam tais atributos e assim, como ex-moradora, sentira-se estimulada a resgatar as memórias que a constituíam, que faziam parte da sua subjetividade. Assim, o corpus apresentado a seguir teve como finalidade investigar uma coletânea de causos colhidos em rodas de conversas informais que, após serem analisadas, pudessem apontar características universais ou identitárias com outras localidades, o que poderia possibilitar a adaptação do projeto final em outras escolas.

Na coleta destes causos, porém, surgiram carências de dados pela ausência familiares e, o que fora atrativo na juventude, os causos de terror e fantásticos, passou a ser o desafio de encontrar antigos moradores da cidade que pudessem sanar tais lacunas. Com a pandemia, a partir de março de 2020, a pesquisa teve que ser adaptada: as visitas aos parentes mais velhos e as rodas de conversa foram substituídas por áudios do *whatsapp* e para encurtar as distâncias, chamadas de vídeos ficaram mais regulares. Dessa forma, a ideia da proposta que será exposta no capítulo 4 tornou-se mais clara e direciona-nos para um projeto realizado localmente, mas com amplitude: esse pode ser acessado em qualquer lugar e em qualquer momento. Visitando o passado, recordando o vivido e resgatando memórias.

2.1 Causos - narrativas fantásticas, estranhas e maravilhosas

Como abordado no primeiro capítulo, os estudos de Tzvetan Todorov possibilitaram classificar e criar regras comparativas que definissem os textos como narrativos ou não-narrativos. Por se tratar de assunto vasto, como o próprio Todorov (2006) afirma, iremos

primeiramente abordar as características de narrativas fantástica, a estranha e a maravilhosa¹⁸, pois tais conceitos serão úteis às análises dos “causos” e conforme formos avançando nas discussões, outros autores poderão nos fornecer aporte teórico.

Cabe ressaltar que Todorov (2006) tem como objeto de seu estudo “os modos narrativos, ou os pontos de vista, ou as sequências (sic), e não tal ou tal conto, em si mesmo e por ele mesmo” (TODOROV, 2006, p. 87), assim, o autor desenha uma tipologia das intrigas que permeiam as narrativas e conforme acontece equilíbrio ou não, surgem características comuns às narrativas. Segundo o autor, as partes componentes de um romance não são distintas nitidamente pois “o romance é um ser vivo, uno e contínuo, como qualquer outro organismo, e notar-se-á, creio eu, que ele vive precisamente à medida que em cada uma de suas partes aparece qualquer coisa de todas as outras” (TODOROV, 2006, p.82), porém há peculiaridades recorrentes que permitem uma classificação.

Etimologicamente, a palavra fantástico é derivada do adjetivo grego *phantastikós* e segundo o dicionário Michaelis *on-line* significa “que ou aquilo que é produto da imaginação, que só existe como fantasia, que é incrível; extraordinário, extravagante; que não é verdade; falso, inventado; que é caprichoso; sem regras, excêntrico, extravagante” (Fantástico | Michaelis *On-Line*, 2020).

Na literatura, fantástico “diz-se de obra ou gênero literário caracterizado pela transcendência do real, pela incursão ao mundo do sobrenatural, do terror, da magia, do sonho ou da ficção científica” (Fantástico | Michaelis *On-Line*, 2020) sendo considerado

como um elemento que perpassa toda a história da literatura e que opera constantemente o jogo entre o real e o irreal, o natural e o sobrenatural, o ordinário e o extraordinário, trazendo à baila a questão da mimese e da verossimilhança (entendida, aqui, mais como uma espécie de lógica interna do que como “fidelidade” ou semelhança à realidade empírica) (OLIVEIRA. 2011, p.3).

O termo “literatura fantástica se refere a uma variedade da literatura ou, como se diz normalmente, a um gênero literário” (TODOROV, 1977, p.5) e segundo Borges; Ocampo e Casares (1965):

A um anseio do homem, menos obsessivo, mais permanente ao longo da vida e da história, corresponde o conto fantástico: ao desejo inesgotável de ouvir histórias; esse o satisfaz mais que qualquer outro, porque é a história das histórias, a das coleções orientais e antigas e, como dizia Palmerim da Inglaterra, o pomo de ouro da imaginação (BORGES; OCAMPO; CASARES, 2019, p. 11- 22).

¹⁸ O autor apresenta em sua obra “*As estruturas Narrativas*” subdivisões para estes três gêneros que não serão abordados aqui por não serem necessários para a análise dos ‘causos’ de Córrego Danta.

De acordo com Camarani (2014, pp.7-8), “a narrativa fantástica caracteriza-se ao mesmo tempo pela aliança e pela oposição que estabelece entre as ordens do real e do sobrenatural, promovendo a ambiguidade, a incerteza no que se refere à manifestação dos fenômenos estranhos, insólitos, mágicos, sobrenaturais”, destacando que esta incerteza não acontece com tanta consistência em outros gêneros.

Para Todorov (2006) o fantástico é um tipo de narrativa em que as leis naturais familiares humanas não podem explicar, uma reação ao sobrenatural cujo leitor fica em dúvida em soluções que envolvam a ilusão dos sentidos, produto da imaginação, e nesse caso as leis do mundo continuam a ser o que são. É um gênero que, por sua vez, “ocupa o tempo da incerteza” e mesmo que haja uma certa integração e identificação do leitor com os personagens, há uma ambiguidade nos acontecimentos narrados:

assim que escolhemos uma ou outra resposta, saímos do fantástico para entrar num gênero vizinho, o estranho ou o maravilhoso. O fantástico é a hesitação experimentada por um ser que não conhece as leis naturais, diante de um acontecimento aparentemente sobrenatural (TODOROV, 2006, p.148).

Para uma narrativa ser definida como do gênero fantástico, de acordo com Todorov (1977), esta deve conter três condições: uma ligada ao aspecto verbal do texto, pois os personagens e mundo devem ser considerados como reais para que haja uma dúvida entre real ou não na interpretação dos fatos; outra relacionada ao caráter semântico e sintático, uma vez que a dúvida gerada anteriormente causa uma identificação do leitor pelo personagem e obra e por fim, uma condição ligada aos níveis de leitura. Nessa, o leitor deve se ater à leitura no nível mais literal, afastando-se da interpretação “alegórica”, com diversos sentidos mascarados no texto, e da interpretação “poética”, própria da poesia, com aspectos formais diversos.

Sendo assim, para que a narrativa fantástica exista é necessário um envolvimento entre os participantes da mesma: pois o fantástico implica “uma integração do leitor no mundo das personagens” (TODOROV, 2006, p.150); afirmativa com a qual corrobora Bonici (2013) quando afirma sobre o papel desempenhado por aquele que lê ou ouve, uma vez que:

O fantástico envolve uma integração entre o espectador no mundo das personagens, define-se pela percepção ambígua que este próprio tem dos acontecimentos ocorridos. O espectador tem uma função implícita de “espectador”, de interpretar o que assiste conforme manda sua noção, de hesitar diante a uma situação. E ao fazer isso, ao duvidar de um evento que não lhe parece real, que o fantástico acontece (BONICI, 2013).

É importante, porém, salientar que pode haver ambiguidade de julgamento por parte do leitor e neste caso a narrativa fantástica pode tornar-se um texto alegórico ou poético. Sendo

alegórico quando há presença de elementos conotativos e personagens inanimados que ganham vida e, no caso da narrativa poética, há elementos como o lírico (eu-poético) que indicam ao leitor que ele não precisa ir além das palavras ou literalmente.

Note que as regras mencionadas por Todorov (1977) são relacionadas ao universo interpretativo e, mesmo diante de tais leis, é necessário citarmos que nem todos os textos podem se enquadrar a elas, uma vez que generalizar seria não considerar as variações que a literatura fantástica pode ter, assim como mencionam Borges, Ocampo e Casares (2019):

Pedimos regras para o conto fantástico: logo veremos, porém, que não há só um, mas muitos tipos de contos fantásticos. É preciso averiguar as regras gerais para cada tipo de conto e as regras especiais para cada conto. Portanto, o escritor deverá considerar seu trabalho como um problema que pode ser resolvido, em parte, por regras gerais e preestabelecidas, e, em parte, por regras especiais que ele deve descobrir e acatar (BORGES; OCAMPO; CASARES, 2019, p. 10).

Dessa forma, os autores supramencionados sugerem algumas peculiaridades estruturais recorrentes em textos fantásticos como: a atmosfera que envolve a trama, que deve ser de medo, o insólito e inacreditável, a surpresa, argumentos em que aparecem fantasmas ou que se desenrolam no inferno, viagens no tempo, entre outras.

Para Laplantine & Trindade (1996) o fantástico, assim como a ficção e o maravilhoso são formas de imaginário literário que são encontrados tanto nas sociedades tradicionais quanto nas contemporâneas, apresentando-se em formas de contos nos mais diferentes modelos como em contos populares, contos de fadas, de duendes, de monstros, de demônios, dragões ou ao falarmos do que vivemos.

Ainda, para Todorov (2006), o fantástico é situado no limite, no momento de indecisão entre o estranho e o maravilhoso. Cabe ao leitor aceitar que o sobrenatural existe, pois há acontecimentos que as leis que regem o mundo real não podem explicar e, portanto, o leitor deve tomar dois caminhos: ou ele acredita e aceita o acontecimento que não é familiar, surgindo assim o maravilhoso, ou ele se convence de que tudo que aconteceu não passou de uma ilusão, o que faz surgir o estranho.

Além desses subgêneros ainda existem outros dois que de acordo com Todorov (1977), também são transitórios: o fantástico-estranho e o fantástico-maravilhoso, assim representados:

Quadro 1 - Divisão de gêneros Fantástico/Estranho/Maravilhoso

Estranho puro	Fantástico-estranho	Fantástico-maravilhoso	Maravilhoso puro
---------------	---------------------	------------------------	------------------



Fonte: Todorov, 1977, p.25

De acordo com o autor, nota-se a seguinte divisão: o estranho puro é formado por narrativas que possuem um cunho racional, mesmo aquelas que são inquietantes e despertam admiração. O fantástico-estranho é composto por narrativas que se desenvolvem com ações que parecem sobrenaturais e que no fim recebem uma explicação racional e, nesse limiar entre o fantástico-estranho e o fantástico-maravilhoso, é que se encontra o fantástico puro, existindo somente durante o período de hesitação do leitor.

No que tange ao fantástico-maravilhoso, a narrativa desse gênero se encontra “dentro da classe de relatos que se apresentam como fantásticos e que terminam com a aceitação do sobrenatural” (TODOROV, 1977, p.29), possuindo ausência de explicações pelas leis da natureza, devendo serem aceitas como são. Estas narrativas são as que mais se assemelham ao fantástico puro.

Quanto ao maravilhoso puro, assim como o estranho puro, esse gênero não tem limites, ou seja, “os elementos sobrenaturais não provocam nenhuma reação particular nem nos personagens, nem no leitor implícito” (TODOROV, 1977, p. 30), pois como discorre Marçal (2009), sua narrativa

relata acontecimentos impossíveis de se realizar dentro de uma perspectiva empírica da realidade, sem ao menos referir-se ao absurdo que todo esse relato possa parecer ao leitor. A narrativa do Maravilhoso instala seu universo irreal sem causar qualquer questionamento, estranhamento ou espanto no leitor porque, ao não estabelecer nenhuma via de conexão entre o universo convencionalmente conhecido como real e sua contradição absoluta, o irreal, reforça os parâmetros que o orientam no seu conhecimento empírico do que seja a realidade (MARÇAL, 2009, p. 2).

Tomemos como corpus para reflexões algumas lendas e mitos, os chamados “causos” da cultura popular local de Córrego Danta (MG), uma vez que estes são fatos acrescidos do imaginário e possuem caráter de realidade e fantasia, mesclando fatos reais, culturais e históricos com elementos fantásticos. Tais causos servirão como subsídio para a construção da proposta que faremos no final deste estudo. Por meio deles, poderemos traçar considerações em relação aos motivos de suas criações e propagação, se são oriundos de Córrego Danta ou se repetem em outras cidades, dando margem para análises, estudos para possíveis aplicações da proposta em outras localidades.

2.2 Conta a lenda...: Córrego Danta e suas assombrações

Córrego Danta é uma cidade do centro-oeste de Minas Gerais que recebeu este nome pela existência de manadas de antas que viviam à margem do córrego que banha a cidade. De

acordo com o *site* da Prefeitura Municipal¹⁹, tornou-se distrito em 1968 com o nome de São José do Córrego do Anta e mais tarde, em 1923, recebeu sua atual denominação, emancipando-se em 1948. Atualmente, a cidade conta com 3.667 habitantes, sendo 2.158 urbana e 1.519 rural cuja fonte de renda principal é a agricultura, com o plantio de café, cana-de-açúcar, milho e mandioca e a pecuária leiteira. É uma cidade de costumes religiosos, em sua maioria, católicos cuja maior festividade é a Festa do Rosário ou Festa de Nossa Senhora do Rosário, manifestação folclórica afro-brasileira composta por ternos de Congado, que acontece todos os anos em agosto.

Por ter um pequeno território, a maioria de seus habitantes são conhecidos entre si, sendo muitos destes familiares que costumam reunirem-se na praça central aos domingos e dias de festas para conversarem e comemorarem eventos, muitas vezes alicerçados em costumes antigos e rituais religiosos e culturais. Em tais reuniões é prática surgir nas rodas de conversas, assuntos de diversos teores e entre eles, os “causos” são os temas que possuem maior destaque.

De acordo com Alcântara (2014) o termo “causo” é comum e típico tanto na cidade de Belo Horizonte como no interior do Estado de Minas Gerais:

[...] é uma maneira específica de contar histórias oralmente, de narrar acontecimentos – nem sempre verídicos – que ocorrem na vida cotidiana das pessoas. Trata-se da contação de fatos ocorridos e consagrados pelo próprio indivíduo por meio de um estoque íntimo de experiências, cujo acabamento e performance narrativa peculiar busca o interesse do ouvinte, por vezes com toques de ironia e humor (ALCÂNTARA, 2014, p. 37).

Oliveira (2006) classifica o gênero causo como próprio de aglomerações rurais ligados à agrupamentos para realização de tarefas como “educação das crianças, construção e reparo de casas e igrejas, preparo de festas ou de velórios, execução de tarefas mais pesadas, o que motiva reuniões” (OLIVEIRA, 2006, p.5). Segundo o autor, a maioria das vezes, os grandes contadores de causos são: “por suas andanças e possibilidade de troca de novas histórias, os viajantes; os idosos, pela experiência, tempo e resgate de causos arquivados na lembrança, e os professores e líderes comunitários, como ferramenta de trabalho ou de aproximação” (OLIVEIRA, 2006, p.24), pessoas caracterizadas por Walter Benjamin (1994) como “o camponês sedentário” e o “marinheiro comerciante”. Enquanto este se ocupa do viajar, conhecer lugares e pessoas e transmitir o que viu e viveu, aquele tem a marca de permanecer em seu país, recebendo viajantes, vivendo e transmitindo a tradição local.

¹⁹ <https://www.corregodanta.mg.gov.br/perfil.php>

Cândido (2010) também disserta sobre o tema: o surgimento de aglomerações rurais, ou seja, a vida do caipira e, para o autor, a vida lúdico-religiosa “transcendem o âmbito familiar” (CÂNDIDO, 2010, p.85) na preservação da sociabilidade, nas reuniões para mutirões, eventos religiosos, o que “revela formas bem desenvolvidas de cooperação vicinal, divisão do trabalho, consciência de grupo, coordenação de atividades” (CÂNDIDO, 2010, p.88). Em meio a estas atividades surgem causos e histórias, “há interpenetração de planos, em que o passado e o presente, o mágico e o racional se combinam normalmente, sancionando em conjunto” (CÂNDIDO, 2010, p. 212).

É importante mencionar que tal gênero vem sendo esquecido, considerado obsoleto, pois “são negados sistematicamente por uma ideologia burguesa racionalista que identifica tais temas e formas de concepção de mundo com uma cultura primitiva e "devidamente dominada" pela superioridade da sua civilização” (MARÇAL, 2009, p. 4). O próprio Cândido (2010) mostra em sua pesquisa as diferenças ocorridas no decorrer do tempo, mudanças de comportamento e de relações sociais.

Ao idealizarmos esta pesquisa, queríamos propor algo que fosse de interesse aos discentes e que ao mesmo tempo, possibilitasse ouvi-los contar sobre suas histórias e de seus antepassados. E como começar uma conversa se não por um caso familiar? Como contar uma história do passado sem relembrar os medos, as histórias de fantasmas que permearam nossa infância? Afinal, o medo circula “em um gradiente narrativo, reflete os elementos do plano metafísico, as incompreensões e as aflições do sujeito em relação aos seus limites e ao desconhecido” (OLIVEIRA, 2006, p. 37).

Assim, surgiu a iniciativa de começar a recolher causos de Córrego Danta²⁰ para exemplificar que, mesmo fazendo parte de um cotidiano de interior, tais histórias possuem objetivos específicos, têm um porquê na sociedade e que podem se repetir em outros lugares. Porém, a atividade de recolhimento de causos que estava sendo feita em rodas de conversas informais entre familiares, teve que ser adaptada ao período de pandemia: vídeo chamadas e até áudios de *Whatsapp* foram sendo incorporados ao processo. Dessa forma, surgiu a ideia de um canal onde estes vídeos pudessem ser depositados para que no futuro fossem ouvidos.

Por ser uma cidade de interior, Córrego Danta possui uma grande variedade destas crenças como a Sexta-Feira Santa, que de acordo com Pereira (2005, p.12), é um assunto muito recorrente “no meio rural e em localidades do interior do país” ainda mais onde se tem a religião católica como base, o que reforça e destaca atividades folclóricas.

²⁰ Para realizar as análises, os causos serão encontrados no anexo da dissertação para facilitar a leitura.

As crenças nos poderes mágicos da Semana Santa, geralmente, têm origem no meio agrário e se expandem por outras regiões. O catolicismo rural funciona como portador desse imaginário, com suas tradições folclóricas que preservam os encantos da Semana Santa, tendo seu ápice na Sexta-Feira, com os elementos fúnebres que envolvem de encantamento este dia (PEREIRA, 2005, p. 35).

Além desse tema, assombrações permeiam toda temática de causos corregodantenses que, segundo Laterza Filho (1998), simbolicamente é um ser do passado que atua no presente sendo reforçado pela existência de narrativas e, dessa forma, recolhemos em rodas de conversa informais lembranças de tais acontecimentos, outros foram memórias pessoais. Partiremos da lenda apresentada no início desta pesquisa, para explicitar alguns pontos da literatura fantástica e seus gêneros vizinhos. Cabe aqui mencionarmos que tais lendas acima analisadas, estão dispostas no apêndice da pesquisa e fazem parte de um acervo oral popular e, portanto, muitas delas apresentam variações em relação a lugares ou fatos ocorridos. É certo que tais lendas estão se perdendo com o passar dos tempos, muitas apresentaram lacunas que só foram preenchidas conforme ocorreram conversas e áudios trocados com moradores e parentes que, na maioria das vezes, eram pessoas de idade avançada. Assim, é preciso valorizar estas vozes, pois os velhos “são a fonte de onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara” (CHAUÍ, 1979, XVII). É preciso ouvi-los deixando o registro para a posteridade.

Desse modo, pode-se perceber no decorrer da leitura, assuntos repetidos que permeiam muitos causos citados, como Quaresma, Semana Santa, promessas, horários, etc. Muitas narrativas aqui expostas transitam entre o possível e impossível, temas como o horário do diabo e promessas a santos, são elementos que possibilitam a criação de um mundo onde tais lições podem ser passadas de geração em geração habitando a memória e o imaginário de quem as transmite. Uma espécie de respeito pela tradição, por aqueles que já partiram e deixaram lições a serem propagadas.

Outro ponto interessante que pode ser notado em todas as histórias é o que Todorov (2006) chama de “*tensão de duas forças*”, ou seja,

no começo da narrativa, haverá sempre uma situação estável, as personagens formam uma configuração que pode ser móvel mas que conserva entretanto intactos certo número de traços fundamentais [...]. Em seguida, sobrevém algo que rompe a calma, que introduz um desequilíbrio [...] e o equilíbrio é então restabelecido mas não é o mesmo do começo. (TODOROV, 2006, p. 162)

Tal conceito nos ajuda, portanto, entender o porquê dos causos terem pontos de vista diferentes e dependendo destes, um gênero que o engloba. Assim, uma história que parecia ter um final lógico, pôde ter seu final místico pelo fato do elemento fantástico romper com seu equilíbrio.

Na história que introduz nossa pesquisa, podemos observar em um dos trechos, uma afirmação e certeza daquilo que estava acontecendo: “*Segundo ele aquilo era alma de criança pagã*”. Era uma criança chorando, o avô da narradora tinha a certeza, fazia parte de seu conhecimento real de que aquele choro era um fato normal, porém logo na frase seguinte nota-se que o avô acreditava que o que estava acontecendo ia muito além da certeza real: “*Criança que não era batizada e morria no parto*”. Temos aqui, portanto, algo novo: uma criança chorando seria algo normal, que faz parte das leis da natureza e, chorando na beira de um rio seria, ainda assim, algo aceitável. Entretanto, a morte gera, por parte do avô, uma certa dúvida resultante da oposição de dois estados: choro - atributo de ser viva; pessoa morta não chora.

A dúvida gerada pela oposição desperta no avô o sentimento de medo, que o faz tomar a decisão de sair daquele lugar onde estavam: “O medo já havia tomado conta de todos eles! Então levantaram acampamento e foram para casa”. Nota-se, portanto, que a referida narrativa possui fatores que tanto Todorov (1977) quanto Borges, Ocampo e Casares (2019) consideram importantes para se designar um texto fantástico: medo e dúvida.

Um registro de lenda semelhante é encontrado na cultura Europeia: o *Changeling*. Segundo a lenda, quando as fadas roubam uma criança humana, elas a substituem por uma criança delas que é deformada, que não prospera e não cresce. Se uma pessoa deixar uma *Changeling* da noite para o dia numa montanha de fadas, elas irão buscá-la e devolverão a criança humana que roubaram. Dessa forma, é encontrada mais uma explicação sobrenatural para choros, barulhos na mata.

Outro exemplo de lenda é uma narrativa que envolve o terno de congado chamado “Moçambique”, contada por muitos moradores de Córrego Danta - MG. A mesma narrativa foi encontrada em um *website* de Catalão - GO e cabe ressaltar aqui que, através dos tempos, estas narrativas têm-se mostrado esquecidas e até mesmo esta analisada aqui pôde ter sido adaptada de acordo com o contador da mesma. A lenda se desenvolve normalmente, pois o fato de a imagem da santa permanecer na gruta é algo aceitável para os leitores, uma vez que esta pôde ter sido colocada lá. Porém, em determinado ponto da história um fato inesperado acontece: “*para a surpresa de todos, a santa saiu da rocha e acompanhou o grupo*”.

Dessa forma, há uma quebra no desenvolvimento daquilo que é narrado, pois o fato da imagem acompanhar o terno de congado foge às regras das leis da natureza, o que caracteriza esse tipo de narrativa como fantástica.

Um exemplo do respeito devotado a essa história é que mesmo seu cunho sendo fantástico, os moradores de Córrego Danta, por saberem de tal narrativa, respeitam o terno de congado Moçambique. Este é o responsável pela abertura da festa de Nossa Senhora do Rosário

e, se porventura acontecer um fato que impeça o terno de dançar, a festa não pode começar. O mesmo ocorre em seu final: os integrantes do Moçambique também respeitam sua história: além dos costumes que permeiam o terno, após as missas, saem da igreja dançando e cantando sem virarem as costas para o altar onde está Nossa Senhora do Rosário. Eles também são responsáveis por buscar o Rei Perpétuo em sua casa para levá-lo em todos os eventos relacionados a festa. É importante salientar que o título de Rei Perpétuo é passado de pai para filho e somente o terno Moçambique pode coroá-lo (Fotografia 1). É o terno mais respeitado da festa.

Figura 2 - Coroação do Rei Perpétuo Vicente de Paulo Ferreira em 2002



Fonte: Acervo pessoal da família Coimbra

Figura 3 - Terno Moçambique cantando para o Rei Perpétuo



Fonte: Acervo pessoal da família Coimbra

Outras narrativas, muito comuns na mesma cidade são as lendas envolvendo procissões. Nos dois casos analisados observa-se a presença de uma atmosfera de medo, conferindo um juízo de prudência disfarçado de moralidade. Contados por muitos pais, “*A procissão de dia de finados*” e “*A procissão de sexta-feira da Paixão*”, têm como objetivo afastar os adolescentes de um determinado lugar distante da cidade, o Alto da caixa d’água, e também despertar nos mesmos a prática de respeitar determinados rituais e datas religiosas. Ambos os casos são marcados pela presença da religiosidade e do respeito à tradição. O primeiro, inicia com conselhos de uma mãe a seu filho, mostrando uma tendência reguladora e moralizante, pois ela, ao contar sobre a procissão, tenta impedir o filho de sair de casa no dia que deve ser respeitado, um típico costume de cidade do interior.

Ao notar uma luz vindo em sua direção, o primeiro julgamento do personagem é acreditar que seja um vagalume, uma referência natural e normal por se tratar de uma cidade de interior, porém com o decorrer da lenda há todos os indícios que caminham para referências sobrenaturais: como a vestimenta branca para dar a impressão de palidez e assombração e a expressão dos componentes da procissão: “pele pálida e olhar parado” o que infere que os componentes da procissão estavam mortos.

Outro fator considerado sobrenatural que permeia o caso é a hora: 3:00h da manhã que é considerada a “hora do Diabo”²¹ que segundo a tradição católica foi a hora que o Demônio escolheu para ser sua como afronta à Deus por ser oposta ao horário que Jesus Cristo morreu, nona hora (3 horas da tarde) de acordo com os Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas. Ademais, o caso termina com um elemento que deixa em suspense se o rapaz foi ou não o próximo a morrer, o que concede à narrativa um certo ar misterioso.

Segundo um *site*²², há em Mariana- MG, atualmente, a Procissão das Almas, que é inspirada em uma lenda portuguesa século XVIII. Essa procissão sai da porta do cemitério com pessoas vestidas com roupas brancas, arrastando correntes, carregando velas e cantando músicas e murmurando como em sofrimento. De acordo com pesquisadores, tal ritual é para despertar nos vivos a consciência de que poderão morrer a qualquer momento.

Em *A Procissão das Almas*²³ acontece um relato parecido com o fim deste caso, porém a senhora depara-se com um osso de um fêmur dentro de uma gaveta, o que acontece também em um caso contado em Goiás e Pirenópolis - GO²⁴ com o objetivo de repreender pessoas

²¹ <https://pt.aleteia.org/2017/10/23/sabe-por-que-3-da-manha-e-a-hora-do-diabo/>

²² <https://www.otempo.com.br/pampulha/turismo/almas-rondam-pela-noite-1.1019546>

²³ <https://sombrasdorecife.com.br/almas-a-procissao/>

²⁴ <http://www.ugopoci.com.br/site/causoInd.php?id=102>

que fazem fofoca. Quanto a esse último caso, seu fim apresenta-se punitivo e semelhante com o caso corregodantense cujo personagem encontra uma vela.

Neste caso, de Córrego Danta, há a presença do medo, mas há outro elemento que corrobora com a classificação da narrativa como fantástica: é o fato de que o leitor ou ouvinte vê o mundo da procissão como real, ou seja, “ao mesmo tempo, o narrador não está seguro de que tudo o que o personagem viveu dependa da ilusão; insiste inclusive sobre a verdade de certos feitos relatados” (TODOROV, 1977, p.22).

Continuando o tema sobre procissões, observemos agora características do segundo caso, muito parecido com o anterior, porém em data religiosa diferente. É importante mencionarmos que a Semana Santa em Córrego Danta é marcada por procissões que determinam períodos da mesma como a procissão do encontro, a *via crucis*, uma procissão onde somente homens participam (nela carregam a imagem de São José, padroeiro da cidade e pai de Jesus). A paróquia possui uma réplica em tamanho real de um corpo de Jesus Cristo crucificado que fica guardado dentro de um caixão e na sexta-feira da Paixão os fiéis, após a missa e encenação da crucificação, fazem a procissão do enterro que sai da Igreja da Matriz, passando pela casa do congadeiro, subindo pela rua da prefeitura até chegar na Igreja novamente.

O caso “*A procissão de sexta-feira da Paixão*” é relatado com detalhes de nomes de ruas e vestimentas dos componentes da procissão. A mesma sai de um lugar diferente da procissão original da cidade, porém passa pelo mesmo trajeto. Dois detalhes mostram que esse caso é muito antigo: a utilização do véu das mulheres, costume dos primeiros séculos na Igreja até Paulo VI, e de que o antigo cemitério da cidade se localizava ao lado à Casa do Congadeiro, informação que somente pessoas idosas sabem.

Em relação a essa lenda, não há nada que a ligue às leis naturais. Ela já é contada como se tal procissão acontecesse e só resta ao leitor acreditar, pois não há fatos que refutam a história, mas também não há o que comprove a existência, somente relatos que fazem com que esta narrativa seja inserida no gênero maravilhoso.

Outro caso que envolve o tema procissão, que curiosamente acontece no mesmo período de Semana Santa é “*O bebê da procissão*”. Tal narrativa tem como objetivo indicar como se deve comportar-se em um cortejo, ou seja, uma forma de controle por parte de pessoas que frequentam os rituais religiosos.

A origem da procissão²⁵ é incerta e cada lugar possui sua tradição. Ouvir um bebê chorando é normal em qualquer situação, até mesmo em uma procissão porque faz parte da natureza de uma criança. O que deixa de ser algo natural é o fato do choro partir do meio do mato, porém não é algo impossível, pois um fiel que esteja na procissão pode pensar que seja um bebê abandonado. O que torna a narrativa fantástica-maravilhosa a pessoa desaparecer caso saia da fila, pois não há explicação para o desaparecimento, o que acarreta na aceitação da ocorrência do sobrenatural na narrativa.

Cabe ressaltar que o “medo” está presente em todas narrativas sobre procissão, porém tal característica não é fator essencial, para caracterizá-la como fantástica ou não, mas sim o fato de cada “personagem estar indeciso quanto à interpretação dos fatos: também ele crê às vezes em sua loucura, mas nunca chega à certeza” (TODOROV, 1980, p.22).

Observe duas outras narrativas com um tema diferente do anterior, envolvendo o assunto cemitério: a história sobre o homem enterrado na porta do cemitério e a narrativa sobre o túmulo que jorrava água, ambas não possuem uma atmosfera de medo, porém há uma curiosidade despertada em relação a veracidade das mesmas.

O caso “*O homem enterrado na porta do cemitério*” é contado para explicar a criação de um segundo portão do lado do cemitério de Córrego Danta. A população idosa da cidade conhece essa história e jura que quando entra no cemitério procura não pensar no homem, o que é impossível. Há quem acredite que é mentira e que o portão do lado do cemitério foi feito para facilitar a entrada de materiais para construção e manutenção dos jazigos. O que se sabe é que todos aceitam tal lenda da maneira que é narrada e quem duvida, simplesmente não contesta, pois o segundo portão está lá.

Em buscas feitas pela internet não foram encontradas referências de lendas ou causos parecidos que envolvam um homem sendo enterrado na entrada do cemitério. Não há existência do sobrenatural na narrativa e o que se generaliza é uma aura anormal, um tanto diferente, seu cunho racional, o que neste caso, insere a lenda no gênero estranho-puro.

Em relação ao “*O túmulo que jorra água*”, a lenda é um pouco complexa. Novamente ela envolve uma festividade da cidade e se desenvolve normalmente até o final quando há uma quebra do racional: de repente uma água nasce dentro do túmulo. Coincidência?

O leitor influenciado pelo mistério pode alegar que foi um castigo, outro pode alegar ser coisa de Deus. História semelhante acontece no cemitério municipal de Quatiguá (Norte do

²⁵ <https://pt.aleteia.org/2014/04/16/origem-significado-e-estrutura-das-procissoes-da-semana-santa/>

Paraná)²⁶ onde um túmulo de uma senhora que morreu de acidente automobilístico em janeiro de 2018 verte água e, segundo a reportagem, o corpo foi exumado por autoridades e familiares e descartado aparecimento de mina ou infiltração causada por chuva, ou seja, a água é oriunda da gaveta do túmulo dela.

Outras lendas semelhantes são encontradas ao buscarmos o tema na internet como em Santo Amaro - MS²⁷, o que mostra que o caso de Córrego Danta não é único e embora conhecido por todos moradores da cidade, nunca foi pesquisado o real motivo do túmulo verter água. Como dito anteriormente, há quem acredite que foi castigo pelo fato do homem ter negado água, mas quem acredite que a ciência explica, pois o cemitério da referida cidade se localiza onde o solo é argiloso e propenso à infiltração e surgimento de minas de água. Independente da explicação, tais pontos de vistas podem surgir, pois segundo Lévi-Strauss (1975):

Tais interpretações divergentes, por mais fidedigna que seja sua origem, não são evocadas pela consciência individual ao cabo de uma análise objetiva, mas antes como dados complementares, invocados por atitudes bastante vagas e não elaboradas que, para cada um de nós, possuem um caráter de experiência (LÉVI-STRAUSS, 1975, p.186).

Sendo assim, essa narrativa tem dois prismas: fantástica por apresentar indecisão naqueles que não possuem o conhecimento mencionado anteriormente, ou no caso contrário, classificar-se no gênero fantástico-estranho.

Dando continuidade em nossas análises, passaremos para temas mais diversos que permeiam a sociedade correogodantense como “*O demônio da gameleira*”.

É perceptível a descrição dos detalhes que permeiam toda a narrativa como a poeira, o horário e até mesmo a localidade em que ocorreu. Outro detalhe mencionado é o período que acontece (Semana Santa), mostrando novamente uma intenção religioso-moderadora, o que sugestiona que a narrativa virá seguida de um conselho ou repreensão.

A fala da madrinha (- *Aquilo não é nada não, a gente passa longe, vamos caladinhos e devagar*) exemplifica bem o gênero estranho que, segundo Todorov (2006), se apresenta com a aceitação de que algo ocorrido é uma ilusão, se confirmando quando a matriarca pede para que rezem credo, hábito normal entre famílias do interior de Minas Gerais. Porém, o caso ganha credibilidade quando a matriarca retorna à casa e pede ao esposo para conferir o ocorrido, há a aceitação de que algo aconteceu e mesmo após a constatação de que não havia nada debaixo

²⁶ <https://www.fatimanews.com.br/brasil/tumulo-que-verte-agua-em-cidade-do-parana-intriga-moradores-nao-ha/195624/>

²⁷ <https://www.correiadoestado.com.br/cidades/campo-grande/o-tumulo-que-minava-agua-e-outras-historias-do-santo-amaro/335045/>

da gameleira, é dado um conselho ao leitor que ratifica a narrativa como gênero fantástico-maravilhoso. Causo semelhante é relatado no *site*²⁸ que conta que a árvore ainda existe em uma cidade histórica de Minas Gerais.

Cabe lembrar que a árvore de Gameleira é objeto de outra narrativa, do gênero fantástico-maravilhoso, causo este que relata sobre o capeta jogar truco embaixo da árvore. Possivelmente a lenda foi criada para assustar alguém da região que passa pela estrada durante a noite: moradores, viajantes ou mesmo casais que vão namorar debaixo de sua copa, uma vez que ela existe no local indicado e recebe tais frequentadores pelas madrugadas.

É um causo que desde seu início já se mostra aconselhador: (*Para os moradores do povoado de Córrego Fundo, muito cuidado!*) e após o detalhamento do motivo de se ter cuidado, tenta dar credibilidade dizendo que muitas pessoas já ouviram. Porém, não há explicação racional sobre a luz e o barulho, o que classifica o causo no gênero fantástico-maravilhoso, pois o leitor é conduzido a um mundo onde projeta-se possíveis fantasmas.

Lenda envolvendo a árvore de Gameleira também é encontrada em Pitangui - MG, porém a história não envolve aparições, mas possíveis acontecimentos²⁹ motivados por um fantasma de um escravo e em um vídeo³⁰ onde Zezim Oliveira, um caçador de assombração de Uberlândia, Minas Gerais tenta filmar o barulho de uma gameleira, local onde um senhor suicidou-se.

Outra narrativa que envolve um fantasma é a lenda da mãe do ouro, muito conhecida pela zona rural de Córrego Danta, mas que já foi relatada em Tapiraí- MG e Altolândia - MG, todas cidades vizinhas.

Córrego Fundo é o nome de uma área da zona rural de Córrego Danta onde há várias fazendas próximas umas das outras. Em relação a esta narrativa, a família em que a referida lenda mencionada não autoriza pessoas estranhas entrarem em suas terras pelo fato do local já ter sido explorado por desconhecidos, uma vez que lá já foram encontradas pedras semipreciosas. Essa lenda faz parte do folclore brasileiro e segundo o site³¹ possui muitas versões: que a mãe do ouro é uma mulher loira de cabelos longos, uma bola de fogo, entre outras. Não há uma explicação racional para seu aparecimento e outros sites como da Associação dos Caçadores de Assombração de Mariana³² menciona que a lenda é de meados

²⁸ http://www.descubraminas.com.br/Cultura/CasoMinasDetalhe.aspx?cod_casocategoria=2&cod_caso=56

²⁹ https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2012/09/30/interna_gerais.320467/historia-de-fortuna-enterrada-debaixo-de-arvore-assusta-moradores-de-pitangui.shtml

³⁰ <https://www.youtube.com/watch?v=B51gbg85OzU>

³¹ <https://www.todamateria.com.br/mae-de-ouro/>

³² <http://acammg.com.br/artigo/a-lenda-da-mae-do-ouro>

do século 18, tempo do Ciclo do Ouro. Sendo assim há duas possibilidades: a lenda fora criada para afastar curiosos, pois ninguém teria coragem de cortar o próprio dedo para tentar atraí-la ou, mais uma vez, a explicação estaria no tipo de solo propenso ao fogo fátuo, uma combustão acarretada pela decomposição de rochas e materiais orgânicos. Nestes dois casos, há uma explicação racional no fim da lenda, o que a faz ser uma narrativa estranha-pura, pois “por necessidade de explicar o fantástico, existe também o estranho puro” (TODOROV, 2006, p.p.157-158).

Na mesma localidade do Córrego Fundo, há relato de outro caso contado por moradores, que é “O *Garupeiro Frio*”. Novamente a narrativa envolve a zona rural e a temática de procissões: são relatos que marcam a tendência de disciplinar, ou seja, aplicar uma lição naqueles que ouvem, provavelmente, maridos com propensão ao alcoolismo e mentir que andam durante a madrugada, no período da quaresma. Lenda parecida é encontrada na wiki “O lado Negro”³³ e no site “Além da imaginação”³⁴ (neste há referência de onde ocorre a aparição, São Paulo) cujo episódio se repete e a intenção aconselhadora é repetida.

Dessa forma, a lenda do garupeiro seria uma narrativa fantástica-estranha pois “os acontecimentos que parecem sobrenaturais ao longo da história recebem por fim uma explicação racional” (TODOROV, 2006, p.156), porém ao ganhar a simpatia da sociedade conservadora e por conveniência ser propagada como verdadeira, a lenda conduz “a personagem e o leitor a acreditar na intervenção do sobrenatural” (TODOROV, 2006, pp.156-157), ganhando assim “um caráter insólito, estranho” (TODOROV, 2006, p.157).

Outra lenda parecida, com caráter disciplinar envolvendo fantasma em garupa de cavalo é a narrativa do “*Fantasma da Taquara*”, que acontece em outro povoado rural próximo a Córrego Danta. Provavelmente a lenda sobre o fantasma da porteira é antiga, de caráter disciplinar, pois começa com uma explicação do costume familiar da época e termina aconselhando o leitor ou ouvinte em relação a ter respeito.

Ao começar, aparentemente é uma história comum sobre um hábito passado, porém com o transcorrer da história ela se torna uma narrativa maravilhosa uma vez que “os elementos sobrenaturais não provocam qualquer reação particular nem nas personagens nem no leitor implícito” (TODOROV, 2006, p.160) que acreditam e aceita o fato ocorrido.

Lenda parecida é mostrada no canal do *Youtube*³⁵ onde um grupo de jovens tentam filmar algum fato paranormal decorrente de relatos sobre a aparição de uma mulher em uma

³³ <https://www.wattpad.com/248194375-o-lado-negro-2-relato-alguem-na-garupa-do-cavalo>

³⁴ [http://www.alemdaimaginacao.com/Relatos%20P/alguem na garupa do cavalo.html](http://www.alemdaimaginacao.com/Relatos%20P/alguem%20na%20garupa%20do%20cavalo.html)

³⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=GMMQbQmfoKw>

porteira. Porém, neste caso, não há registro do local ou cidade que acontece, somente relatos nos comentários de pessoas que presenciaram ou de parentes que já viram a tal mulher de branco.

Com relação ao tema aparições de uma mulher de branco, há várias lendas que relatam tal manifestação em diversos pontos, tanto em Córrego Danta, quanto em outras cidades, sofrendo algumas variações. A história “*A mulher do poste*” não é antiga e é relatada por moradores que atualmente possuem entre 40 a 45 anos. Eles juram que aconteceu com eles e até mencionam o nome do tal menino arteiro e da vizinha. Todos na cidade sabem desta história, apesar de não terem ido lá conferir, ou seja, é uma lenda fantástica: há a dúvida, mas aceitam o fato do ocorrido como verdade. Lendas semelhantes são relatadas em Joinville- SC³⁶ e Fernando de Noronha³⁷: neste, o *site* explica que a narrativa pode ter sido uma adaptação da lenda da sereia ou até criada para afastar mulheres que se prostituíam em determinado lugar, o que a insere no gênero estranho, pois “pequenos acontecimentos estranhos se produzem; podem ser coincidências, mas podem também testemunhar a existência de um mundo invisível”(TODOROV, 2006, p.192).

A lenda da mulher que aparece na casa em Joinville centraliza na ação dos personagens que vão até o lugar depois das 3:00h da madrugada, o que já foi dito anteriormente, um horário considerado maldito e tentam filmar alguma manifestação. Durante toda filmagem há um clima de mistério e no final aparece a imagem que se assemelha com uma mulher na estrada, pois, mesmo se for um episódio combinado ou simulado, o que não dizem no filme, a lenda em si faz parte do gênero fantástico maravilhoso, uma vez que ela se insere “na classe de narrativas que se apresentam como fantásticas e que terminam no sobrenatural” (TODOROV, 2006, p. 159).

Outras lendas, também relatam a manifestação da mulher de branco na mesma localização, no Alto da Serra. As narrativas “A noiva do Alto da Serra”, “A carona” e “A loira do viaduto” possuem o tema carona como foco para explicar acidentes ocorridos na região da Br 262, onde se localiza a Serra do Urubu.

Nessa serra, há uma longa extensão de serras íngremes entre Campos Altos e Córrego Danta, onde acontecem um grande índice de acidentes e, por tal motivo, quando acontece um fato trágico fora do período de chuva, logo surgem rumores de onde e o porquê.

³⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=NTYlj4QC8c4>

³⁷ http://www.noronha.pe.gov.br/instHistoria_12.php

Dessa forma, uma das explicações estaria na imprudência dos motoristas ao descerem a Serra e outra possibilidade é voltada ao caráter moralizador que seria o caso de esposas, com ciúmes dos maridos caminhoneiros, criarem tais lendas para que seus cônjuges não deem carona a mulheres.

Tais narrativas são fantásticas-estranhas, por parecerem sobrenaturais, mas terem explicações racionais, porém, pelo fato dos moradores da cidade acreditarem que já as viram e chegam a atestar a existência de tais mulheres de branco, tais lendas se classificariam na classe do gênero maravilhoso.

Esse tema que envolve a aparição de mulheres de branco é muito conhecido em vários Estados e até em outros países, sendo que algumas lendas possuem explicação racional e outras somente têm relatos de pessoas que viram a assombração. No *site* do Jornal Gazeta do Sul³⁸ vários caminhoneiros e motoristas de ônibus relataram a visão de um fantasma de uma mulher que vaga pela estrada da região de Candelária- RS, a brigada militar da região alega ser uma usuária de crack que vive nas redondezas.

Ademais, moradores de Maria da Fé, no sul de Minas são assombrados pela aparição de uma mulher vestida de noiva³⁹ que aparece misteriosamente na rodovia. Nesse caso, há até uma filmagem feita por um jornalista que passava pela região e que após retornar ao local, não encontrou nada que comprovasse a presença de pessoas.

Também Fortaleza de Santa Catarina - PB, há também a história de uma mulher muito bonita que assombra visitantes e moradores⁴⁰ e em Goiânia - GO reza a lenda que uma Mulher de Branco podia ser vista na baixada do antigo Leite Gogó⁴¹. No que tange outros países, há a lenda mexicana La Llorona⁴² - A chorona, uma mulher que matou seus filhos e chora durante a noite, White Lady nos Estados Unidos e, segundo a Wikipedia⁴³, tal lenda existe em diversos países.

Em Belo Horizonte-MG⁴⁴, uma moça vestida de branco, desce a serra do Curral para buscar amores perdidos. Uma loira, a *Loira do Bonfim*, habita o cemitério de mesmo nome e

³⁸ <http://www.gaz.com.br/conteudos/regional/2018/07/25/125579-a-mulher-de-branco-que-intriga-motoristas-na-ers-400.html.php>

³⁹ <https://noticias.r7.com/minas-gerais/noiva-assombra-motoristas-vagando-em-estrada-mineira-30062016>

⁴⁰ http://www.jornaldaparaiba.com.br/vida_urbana/fortaleza-de-santa-catarina-tem-lenda-da-mulher-de-branco.html

⁴¹ <http://www.ugopoci.com.br/site/causoInd.php?id=102>

⁴² <http://portugalmisterioso.blogspot.com/2013/12/a-lenda-de-la-llorona-chorona.html>

⁴³ [https://en.wikipedia.org/wiki/White_Lady_\(ghost\)#Brazil](https://en.wikipedia.org/wiki/White_Lady_(ghost)#Brazil)

⁴⁴ Tais lendas de Belo Horizonte podem ser conferidas no site a seguir: <https://noticias.r7.com/minas-gerais/fotos/bh-mal-assombrada-conheca-as-lendas-dos-fantasmas-que-vagam-pela-cidade-03112013#!/foto/4>

uma versão masculina da Chorona, o Avantesma da Lagoinha (um senhor de terno preto, sem rosto definido), assusta os motoristas com um choro convulsivo.

Anteriormente foi mencionado uma lenda sobre uma casa em Joinville- SC. Destacamos que a mesma é contada em *A casa mal-assombrada*”, porém não há menção do tipo de fantasma somente que ocorre no Limoeiro, uma região da zona rural de Córrego Danta que possui várias fazendas, muitas delas distantes umas das outras.

A lenda da casa mal-assombrada é uma história muito conhecida em diversos Estados, não somente em Córrego Danta. Que criança não teve medo de uma casa “que dizem” mal-assombrada? Quem nunca assistiu episódios de desenhos animados que mostram uma casa cujos moradores são fantasmas? E filmes? Gasparzinho (1995), Os Fantasmas se Divertem (1988), Poltergeist: O Fenômeno (1982/ 2015) são apenas exemplos de que esse assunto povoa mentes e faz parte do imaginário infantil e adulto.

Desse modo, podemos inferir que a lenda corregodantense, assim como as das demais cidades possuem um objetivo em comum, ou seja, controlar seu patrimônio ou punir quem a ele viola: um fantasma numa casa isolada ou abandonada por seus donos é o melhor vigilante que o próprio Estado. Há lugares, como no caso da casa da localidade do Limoeiro, distantes da cidade e difíceis de serem monitorados pelas autoridades responsáveis pela segurança da sociedade e, portanto, provavelmente tal história foi criada da mesma forma que a lenda sobre a mãe do ouro, ou seja, para afastar prováveis intrusos em propriedades particulares.

Lendas parecidas são encontradas no Recife onde há relatos de uma casa mal-assombrada por um fantasma de criança⁴⁵ e uma da rua Rosa e Silva⁴⁶. Já em Minas Gerais, em Belo Horizonte há aparições no Palácio da Liberdade⁴⁷ que são reforçadas pelo testemunho do ex-governador Itamar Franco.

Em relação à lenda corregodantense, seu gênero é o maravilhoso, pois não há reação por parte dos envolvidos, somente a aceitação de que houve um acontecimento sobrenatural, uma vez que “não é uma atitude para com os acontecimentos contados que caracteriza o maravilhoso, mas a própria natureza desses acontecimentos” (TODOROV, 2006, p.160), que neste caso, leva o leitor a aceitar como verdade.

⁴⁵ <https://www.orecifeassombrado.com/morei-numa-casa-mal-assombrada/>

⁴⁶ <https://sombrasdorecife.com.br/casa-mal-assombrada/>

⁴⁷ <https://noticias.r7.com/minas-gerais/fotos/bh-mal-assombrada-conheca-as-lendas-dos-fantasmas-que-vagam-pela-cidade-03112013#!/foto/6>

Outra lenda que envolve o Alto da Serra é o caso da gruta e em relação a esse caso, provavelmente seu objetivo é idêntico ao anterior: afastar visitantes ou aventureiros que porventura entrem em propriedades particulares para explorá-las.

Narrativas semelhantes são encontradas em uma área deserta em Nevada - EUA, onde um homem desapareceu⁴⁸, em Minas Gerais, perto de Uberaba⁴⁹ e em vários vídeos sensacionalistas do *Youtube*, mas o que torna tais lendas conhecidas é a atmosfera de mistério que envolve suas explorações. Assim, tais casos são classificados no gênero maravilhoso pelos seguintes motivos: não haver explicações racionais, existir a presença de elementos sobrenaturais e serem aceitos sem questionamentos fazendo parte da cultura local. O próprio fim da narrativa é um conselho: *ninguém voltou de lá*, ou seja, se você quer arriscar, a responsabilidade será sua.

Muitas lendas possuem como lição a responsabilidade daquele que faz ou promete algo, assim as duas lendas a seguir possuem esse objetivo: a responsabilidade religiosa, o respeito por rituais. A lenda da promessa e do último suspiro se diferem no conteúdo, mas possuem o mesmo objetivo: reprimir aqueles que não respeitam rituais religiosos e como consequência sujeitar o ouvinte ou leitor a tais regras.

Mesmo estando no século XXI algumas cidades ainda se sujeitam a tais preceitos e ainda não romperam com a tradição. A maneira de se educar e ensinar os filhos seria por forma de conselhos, mas que causem impacto. Assim, os elementos sobrenaturais que permeiam estes casos, passam a ser incorporados como verdade uma vez que são exemplos daqueles que possuem maior vivência.

Ao prometer sugere-se uma negociação com o santo e o não cumprir rompe-se com a palavra dada. Dessa forma, ao contar sobre uma promessa, pretende-se ensinar que a pessoa deve ter honestidade, ou seja, dar para receber.

Portanto, “*A promessa*” é uma história fantástica-maravilhosa, pois ela possui elementos sobrenaturais e não há explicação lógica e racional só restando aos envolvidos aceitar sem questionamentos os eventos acontecidos. História semelhante é relatado em Piauí - PI, onde pessoas prometem acender velas em uma localidade chamada Desastre⁵⁰, porém não foi encontrado muitas lendas a respeito. O que pode ser mencionado aqui também é que muitos

⁴⁸ <https://noticias.r7.com/hora-7/fotos/misterio-aventureiro-curioso-descobre-caverna-sinistra-e-desaparece-sem-deixar-rastros-16062018#!/foto/1>

⁴⁹ https://www.youtube.com/watch?v=y9X_Ko6RI64

⁵⁰ [PROMESSA É DÍVIDA! \(Cobranças das Almas do Desastre\)](#)

daqueles que dançam na Festa do Rosário, em Córrego Danta, estão pagando promessas feitas a Nossa Senhora do Rosário.

Quanto a lenda de “*O último suspiro*” se enquadra no gênero estranho. Não há elementos sobrenaturais e apesar da atmosfera de ensinamento que paira desde o início da mesma, é notório que sua intenção é coibir por meio de um exemplo que desperta terror ou até mesmo medo.

Passemos agora para outra lenda analisada, um tanto curiosa, que possui duas vertentes curiosas: o lado do contador (senhor que ainda está vivo) e daqueles que propagam a história, que é “*O homem que matou uma assombração*”. Nesse caso, um fato que tinha explicação clara e verídica, mas que se tornou uma lenda pelo motivo da verdade ser ocultada.

Assim, a história é uma narrativa que possui duas interpretações: fantástica-estranha e maravilhosa. Esta, pelo fato da personagem enterrar o animal morto e ocultar a verdade, tornou-se o matador da assombração uma vez que para os moradores do lugar, tornara-se o herói e lendário. Aquela, porque o próprio personagem assume que o fantasma não existia, e assim, um fato narrado cheio de acontecimentos sobrenaturais passa a ter explicação racional.

Lenda semelhante ao caso corregodantense também pôde ser encontrada em Uberlândia-MG, onde o senhor apelidado de Tem Tem, contou sobre a aparição de uma mulher que foi morta por ele⁵¹. Em comum, além da morte da assombração, há nas narrativas o desejo inconsciente de valentia, de ser o herói que alcança o reconhecimento coletivo.

Em ambos os casos, o fato do homem matar o assombração ou animal exemplifica o que Lévi-Strauss (1975) menciona ao relatar que “ao curar um doente, o xamã oferece um espetáculo ao seu auditório” (LÉVI-STRAUSS, 1975, p.196). Essa encenação, todo aparato utilizado para contar essa história reforça e torna intensa a crença no poder exercido pelo homem.

Outro exemplo de crença no espetáculo é a lenda do “*Caboclo d'água*”. Muitos moradores alegam já terem o visto e acreditam na sua existência. Apesar de não haver provas, há relatos fiéis sobre sua aparência e causos relatam detalhes sobre um homem que vive dentro do rio para protegê-lo.

Segundo leituras, a lenda é típica de Minas Gerais e é contada em várias cidades, mencionando um homem grande e musculoso que mora dentro das águas do Rio São Francisco e o guarda ferozmente. Devido a essa lenda, muitos barqueiros começaram a usar carrancas nas

⁵¹ <https://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/o-homem-que-matou-uma-assombracao/>

proas dos barcos para o afugentar e moradores ribeirinhos costumam deixar fumo para agradar ao Caboclo d'água.

Conforme já mencionado na lenda da Mãe do Ouro, há uma Associação de Caçadores de Assombração de Mariana - ACAM⁵², que possui quatro grupos de estudos e pesquisas temáticos destinados ao estudo de vários assuntos, entre eles, sobre o Caboclo d'água. Em um site do Rio de Janeiro⁵³, encontramos várias lendas e *flashcards* para impressão e entre eles a história do Caboclo d'água. Há também várias reportagens e vídeos disponibilizados na internet que contam aparições deste ser que habita as águas de rios mineiros, como o vídeo do site do programa Balanço Geral⁵⁴ que mostra moradores e uma historiadora de Juatuba - MG. Na reportagem, há relatos de pessoas que viram e foram atacados pelo lendário monstro e um dos entrevistados dá detalhes da aparência com convicção e propriedade de veracidade. Outro vídeo com riqueza de detalhes é o do canal Inconfidentes⁵⁵ onde moradores de Barra Longa- MG relatam a aparência e armadilhas para se defenderem: treinam cachorros para latirem quando o virem, fazem armadilha com feromônio e soltam bombas para afugentá-lo. Um ponto interessante nesse vídeo é que na escola local, professores aproveitam a temática para trabalharem projetos com os alunos, prática oportuna para desenvolver a criatividade e consciência cultural local e, ainda na mesma cidade, outra reportagem⁵⁶ mostra uma caçada ao Caboclo d'água com oferta de recompensa para quem o encontrá-lo, associando sua aparição à consciência ambiental dos moradores uma vez que depois que foi relatada sua presença, os rios passaram a ficar limpos.

Dessa forma, mesmo sendo lenda, a história tem seu lado benéfico para a população: atrai visitantes e curiosos em busca do Caboclo d'água, além de ser um mote para a educação que incentiva seus alunos por meio de projetos, despertando a consciência de valorização cultural local.

Assim, histórias comuns podem ganhar elementos que as tornem atrativas e possibilitar sua exploração de maneira que desperte no educando o prazer por contar ou escrever. A proposta de construir um espaço onde todos esses modelos de narrativas possam surgir torna-se importante não só por dar voz ao passado, como forma de resgate cultural, mas também por proporcionar ao educando a oportunidade de pesquisar sobre sua cultura e do entorno onde vive.

⁵² <http://www.acammg.com.br/>

⁵³ <http://multirio.rj.gov.br/index.php/interaja/multiclube/9a11/diz-a-lenda/13062-caboclo-d-%C3%A1gua>

⁵⁴ <https://noticias.r7.com/minas-gerais/balanco-geral-mg/videos/voce-acredita-caboclo-dagua-aterroiza-moradores-de-juatuba-mg-15072017>

⁵⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=i0aoxY68c7U>

⁵⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=sL-aKW9cybE>

Portanto, ao observarmos a tabela abaixo, nota-se que dos vinte e dois (22) causos analisados, 77,3% deles, ou seja, dezessete (17) se repetem em algum lugar, no Brasil ou no exterior o que comprova amplitude de temáticas e que a proposta apresentada ao final desta pesquisa pode ser adaptada, sem perder sua característica principal, o resgate de causos e memória local.

Tabela 2 - Causos correгодantenses e suas repetições em outras localidades

Causo	Repetição em outras localidades
Lenda familiar da introdução	Changeling (Europa)
Moçambique	Catalão – GO
A procissão de finados	Mariana – MG, Pirenópolis - GO
A procissão de sexta-feira da paixão	Mariana – MG, Pirenópolis - GO
O bebê da procissão	XXXXXX
O homem enterrado na porta do cemitério	XXXXXX
O túmulo que jorra água	Santo Amaro- MS, Quatiguá – PR,
O demônio da gameleira	Cidade histórica - MG e Uberlândia-MG
A gameleira	Pitangui – MG
Mãe do Ouro	Mariana-MG, Tapiraí e Altolândia-MG
O garupeiro frio	São Paulo
O fantasma da Taquara	XXXXXX
A mulher do poste	XXXXXX
A noiva do Alto da Serra	Maria da Fé – MG
A carona	Belo Horizonte - MG,
A loira do viaduto	Candelária - RS, México, Goiânia – GO
A casa mal-assombrada	Joinville-SC, Recife-PE, Belo Horizonte-MG
A gruta	Nevada – EUA, Uberaba – MG
A promessa	Piauí – PI
O último suspiro	XXXXXX
O homem que matou a assombração	Uberlândia – MG
Caboclo d'água	Mariana-MG, Juatuba-MG, Barra Longa - MG

Fonte: Dados da pesquisa, 2020

De acordo com as leituras e análises, um espaço onde os discentes poderão exercitar sua autonomia de pesquisa, resgatando memórias e dando voz aos idosos, será uma proposta que além de poder ser aplicada por outros professores, poderá ser fonte de acervo memorial. Destarte, resta-nos responder sobre quais técnicas os autores e narradores utilizam para a construção de uma narrativa, escrita ou falada, temas que serão abordados no capítulo final.

CAPÍTULO 3

PROJETOS QUE ENVOLVEM NARRATIVA

É que a memória é contrária ao tempo. Enquanto o tempo leva a vida embora como vento, a memória traz de volta o que realmente importa, eternizando momentos (Adélia Prado).

Tendo em vista, a relevância das discussões desencadeadas acima, é necessário refletirmos sobre a metodologia e abordagens educativas que discorrem a respeito da construção de narrativas.

Cabe-nos fazer alguns questionamentos e provocações. Primeiramente abordaremos as técnicas que os autores/narradores utilizam para construção de sua narrativa e se estas possibilitam uma continuidade da mesma. Em segundo lugar, analisaremos a mediação e como alguns profissionais utilizam a narrativa como forma de se aproximar e de interagir com os outros.

É notório que em nossa sociedade o fato de contar histórias não seja considerado como atividade legítima de produção de conhecimento. Quando fala-se em contar história, a maioria das pessoas associam o fato a imagens infantis ou histórias de terror ficcionais, mas poucos associam à contação de sua própria história, de suas raízes e que isto constitui uma forma de resgate não somente pessoal, mas histórico. Dessa forma, analisaremos alguns projetos voltados à construção de narrativas para posteriormente podermos nos dirigir às respostas para tais questionamentos.

O corpus apresentado a seguir teve como finalidade investigar uma coletânea de iniciativas que, após serem analisadas, pudessem apontar características que se identificassem com a proposta de criação de um espaço ou projeto para elaboração ou contação de histórias/narrativas. Tratam-se de projetos que abarcam a construção de narrativas e que tenham ligação com propostas de contação de histórias orais ou escritas, podendo ter relação com o resgate memorial, pessoal e tradição local, vez que

O resultado são narrativas nas quais a fronteira entre o que toma o lugar fora do narrador e o que acontece dentro, entre o que desrespeita o individual e o que diz respeito ao grupo, pode se tornar mais enganosa que os gêneros escritos estabelecidos, de modo que a “verdade” pessoal possa coincidir com a “imaginação” compartilhada (PORTELLI, 1997, p.30).

Assim, buscando a obtenção de tais peculiaridades comumente à projetos bem-sucedidos, foi necessário interrelacionar dados de um corpus variado composto de vinte (20)

projetos. É importante ressaltar que, para chegar nesse número, foram obtidos vinte e cinco (25) projetos por meio de pesquisas na internet cujo tema fosse “Projetos que abordam narrativa e Iniciativas sobre narrativa”. Destes vinte e cinco, cinco (5) iniciativas somente possuíam a palavra narrativa em seu título e não abordavam a temática educativa, contação de histórias ou *storytelling* como prática de marketing, sendo, portanto, excluídos do corpus. Como resultado, restaram para análise vinte (20) projetos que foram subdivididos em quatro subitens, sendo: Oficinas ou Workshops, Oficinas em escolas - apresentações culturais, Cursos de formação e Pesquisas acadêmicas.

3.1 Oficinas ou Workshops

O método de ensinar por meio de oficinas é baseado no pensamento de Paulo Freire sobre a dialogicidade, interação e troca de saberes entre os envolvidos no ato de educar, pois além de diversos fundamentos como criticidade, estética, ética, etc., “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos” (FREIRE, 1996, p.16).

Este tipo de metodologia possibilita a reflexão e a forma democrática de construção do aprendizado, pois

coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os da classes populares, chegam a ela - saberes socialmente construídos na prática comunitária - mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos (FREIRE, 1996, p.16).

O termo oficina é a tradução literal de workshop e, sendo assim, ambos possuem o mesmo objetivo: a reunião de pessoas e o interesse em algum assunto específico, metodologia que é caracterizada como um grande caminho para se articular prática e conteúdo, construindo “conhecimento, com ênfase na ação, sem perder de vista, porém, a base teórica [...] é, pois, uma oportunidade de vivenciar situações concretas e significativas, baseada no tripé: sentir-pensar-agir, com objetivos pedagógicos” (PAVIANI; FONTANA, 2009, p.78).

Dessa forma, neste tópico, as oficinas e workshops possuem o intuito de alcançar qualquer pessoa que se interesse no assunto de narrativa ou contar histórias, o que inclui não somente a comunidade, como também atores, profissionais de *marketing* e pessoas que utilizam a voz como ferramenta de trabalho.

3.1.1 Oficina música e narrativa

Foi uma oficina ofertada pelo Instituto Arte Tear para atores, músicos, narradores, professores e interessados em geral, não sendo necessário ter experiência musical. Seu objetivo foi o de pesquisar nos elementos básicos da música (ritmo, canto, etc.) e das histórias, ferramentas que criassem alternativas para o narrador em sua atuação, buscando compartilhar as pesquisas sonoras feitas por Cristiano Gouveia.

A proposta de trabalho é voltada a ensinar profissionais, tendo o foco no professor, naquele que vai atuar como mediador, sendo dividido em três etapas:

1) Criar referências: Ouvir músicas, histórias, peças radiofônicas, onde possam discutir escolhas dos diversos autores e entender caminhos possíveis.

2) Experimentos técnicos: exercícios de voz, canto, pulso, andamento, percussão corporal, percussão com objetos diversos, sejam instrumentos musicais (pandeiro, chocalho, etc), outros objetos (panela, talher, balde) ou trilha gravada.

3) Como levar esse trabalho musical à narrativa. Quais os caminhos possíveis, como a história interfere na música e a música na história. Ritmo da fala, sonoridade da palavra, concepção de trilha para uma história oral.

De acordo com o *site*⁵⁷, a oficina aconteceria de 8 à 10 de abril de 2014, no Shopping Paço Alfândega, Recife - PE, mas não há registro de seu acontecimento. Foi encontrado também divulgações no *Facebook*⁵⁸ com data marcada para 10 e 11 de novembro de 2015 em outro endereço, em Recife - PE, porém sobre essa data foi encontrada uma foto do primeiro dia com nove participantes. Ao pesquisar em imagens no Google, foram encontradas as seguintes divulgações da mesma oficina: de 01 à 03 de abril de 2014, em Belo Horizonte - MG, com taxa de inscrição e curso no valor de R\$110,00 e no Instituto Tear, nos dias 24 e 25 de outubro de 2014 com investimento solidário: R\$ 250,00. De ambos eventos não foram encontrados fotos ou registros de acontecimento.

Como anteriormente mencionado, a oficina explora elementos da música e por meio deles, incorpora à narrativa, uma óptica considerável a ser analisada. Habitualmente considera-se como fonte de informação livros, jornais, dissertações, podcasts, vídeos, etc., porém a música tem caráter identitário, possuindo uma carga simbólica que desperta a memória afetiva e histórica, individual e coletiva, pois “a narrativa musical é capaz identificar os conteúdos

⁵⁷ <https://www.dicasmiudas.com.br/oficina-musica-e-narrativa/>

⁵⁸ https://www.facebook.com/events/1643809385895722/?active_tab=discussion

significativos relativos aos valores e os sentimentos ligados à tradição de grupos sociais regionais, constituindo-se em uma fonte de informação” (Morigi e Bonotto, 2004, p.143).

Ademais, na Educação Básica, que compreende a Educação Infantil até o Ensino Médio, a BNCC visa competências gerais “que pretendem assegurar, como resultado do seu processo de aprendizagem e desenvolvimento, uma formação humana integral que vise à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva” (BRASIL, 2017, p.25). Dentre tais competências, a utilização da música para desenvolvimento, comunicação e expressão de sentimentos, “exercitando a autoria (coletiva e individual)” (BRASIL, 2019, p. 41) e emancipação do educando.

Dessa forma, um projeto cujo foco alie música e histórias ou causos poderá ser uma iniciativa que desperte o interesse dos participantes, pois ao ouvir ou cantar uma determinada música, uma pessoa aciona sua memória e pode lembrar-se de fatos, lugares e pessoas. Assim, o contato com a musicalidade, ritmo a qual propõe o projeto analisado acima, tem eficácia já que essa proximidade com os elementos da música oportuniza conhecer ou resgatar a afetividade e memórias, pois a medida em que os atuantes utilizam a subjetividade e acessam seus conhecimentos culturais, esse ato gera informação.

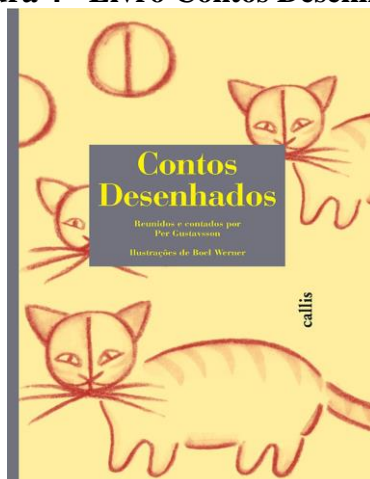
Por ser destinada a um público restrito, há a lacuna a ser preenchida: caso fosse destinado a um público familiar específico, a proposta seria melhor explorada. Outro ponto que poderia enriquecer o projeto seria aliar o tema central, que é música, à produção de textos, de memórias ou à contação de histórias pessoais e coletivas, dessa forma tal iniciativa abrangeria a formação musical e o fortalecimento de relações pessoais e sociais.

3.1.2 Oficina para as mães no mês de maio: *Técnicas para ilustrar uma contação de histórias*

Foi uma oficina ofertada por Nani Braun para mães, no mês de maio de 2015, com proposta de trabalho que abrangia técnicas para ilustrar uma contação de histórias. Nesta Oficina, foram contadas histórias, utilizando 3 técnicas diferentes como suportes da narrativa. Sendo estes:

1º) Contos desenhados ("Contos Desenhados" da Ed. Callis, colhidos por Per Gustavson do folclore sueco).

Figura 4 - Livro Contos Desenhados



Fonte: <https://www.amazon.com.br/Contos-Desenhados-Jonas-Gustavsson/dp/8574165514>

2º) Conto ‘recortado’ (desenvolvido através da narrativa do conto hebraico “De Pouco se Faz Muito” da editora Caramelo, escrito e ilustrado por Phoebe Gilman).

Figura 5 - Livro De pouco se faz muito



Fonte: <https://www.traca.com.br/livro/1174280/>

Brinquedos de barbante de tradição indígena e/ou europeia. (Manobras com um pedaço de barbante, no estilo “cama de gato” ideias para ilustrar e criar histórias e construção de brinquedos voadores-barangandão⁵⁹, pau de fita, helicóptero e pião de cartolina).

⁵⁹ um brinquedo ligado ao folclore e à história brasileira, feito com jornal, barbante e várias tiras de papel ou pano, longas e coloridas, que flutuam no ar de acordo com o movimento

Figura 6 – Brinquedo Baragandão

Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/664351382506836249/>

A professora Nani Braun possui uma vasta experiência no ramo e oferta de oficinas que tratam da narrativa e contação de histórias, o que pode ser constatado em seu *site*⁶⁰.

Embora a proposta mencionada abranja três técnicas distintas, duas delas, especificamente, destinam-se a profissionais que trabalham com crianças: a técnica do conto desenhado é limitada ao desenho de um objeto ou animal de acordo com uma única história, portanto, quem deseja fazer outros desenhos, deve adquirir o livro do autor Per Gustavson ou pesquisar outras possibilidades. A segunda proposta, o conto ‘recortado’, é mais limitada uma vez que se baseia em uma obra específica. Assim, após ser contada, não há novas histórias que possam usar a mesma técnica, deixando ao contador a possibilidade de contar a história para outras pessoas ou turmas. A última técnica, mais ampla, pode ser utilizada na construção de vários brinquedos que conseqüentemente podem ser utilizados em outras brincadeiras e ocasiões. Dessa forma, a proposta que se ajusta melhor ao tema (oficina para as mães) seria esta última técnica por possibilitar a elas aplicassem o que aprenderiam.

Portanto, embora informando pelo título que a oficina se destina às mães, o conteúdo da mesma não aborda temas que serão especificamente utilizados por elas, tem conteúdo educacional, mas não construindo narrativas.

⁶⁰ <http://nanibraun.blogspot.com/2015/04/oficina-de-contacao-tres-tecnicas-para.html>.

3.1.3 Workshop de narrativa oral: teoria e prática na contação de histórias

Ofertado pelas Oficinas Culturais do Estado de São Paulo, sob coordenação de Cinthia Siqueira, foi um workshop gratuito que teve como público-alvo professores, bibliotecários e estudantes de pedagogia e comunicação.

Este workshop aconteceu no dia 22 de agosto de 2014, na Biblioteca Municipal “Mitsuo Marubayashi”; no dia 20 de agosto de 2014 no Departamento de Cultura e na Secretaria Municipal de Cultura: Praça Zeferino Inácio da Silva s/nº, no dia 24/03/2018 – segunda-feira – 9h às 12h e 13h às 16h e as inscrições nos dias 4/2 a 17/3 com 25 vagas. Todas ofertadas em Paraguaçu Paulista- SP.

Ao apresentar informações teóricas e práticas sobre a arte de contar histórias, o workshop teve o objetivo de levar os participantes a compreenderem a importância da narrativa oral, suas especificidades e funções para a formação de leitores. Por meio de exercícios, a proposta abordou temas como: expressão corporal, palavra, musicalidade e ritmo, estrutura de um conto, entre outras técnicas básicas utilizadas na narração de histórias. Como anteriormente mencionado, a utilização de estruturas musicais cria um elo entre o conhecimento, a informação e a afetividade, desenvolvendo “o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais” (BRASIL, 2019, p.65). Sendo assim, a utilização de exercícios corporais possibilita o entrosamento, a comunicação entre os atuantes e ao conhecer a estrutura de contos e as técnicas básicas de narrações, os mesmos podem se expressar de forma mais adequada e tornar a história mais atrativa.

Portanto, tais técnicas executadas por estudantes podem resultar em textos significativos, dependendo da idade: quando mais novos, tais técnicas podem facilitar a aproximação, quanto mais amadurecidos, as mesmas possibilitarão produções significativas que refletem o contexto social, a criatividade, pois “participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas”(BRASIL, 2019, p. 65) é um dos eixos propostos pela BNCC.

Nos sites onde as divulgações foram encontradas não constam se foram realizados os workshops, porém a metodologia em forma de oficina pode resultar em resultados satisfatórios ao professor, pois corrobora com a BNCC quando propõe o rompimento de “barreiras disciplinares” e acolhe em sua práxis “outras formas de organização curricular” (BRASIL, 2019, p. 489). Assim, ao abordarem conteúdos artísticos como musicalidade, ritmo, o docente estará

contribuindo para a construção da apreciação estética, significativa para a constituição de identidades, a vivência de processos criativos, o reconhecimento da diversidade e da multiculturalidade e a expressão de sentimentos e emoções. Possibilita aos estudantes, portanto, reconhecer, valorizar, fruir e produzir tais manifestações, com base em critérios estéticos e no exercício da sensibilidade (BRASIL, 2019, p. 489).

3.1.4 Workshop – Contar e Encantar: A Arte de Contar e Ouvir Histórias

O workshop aconteceu no dia 18/05/2012 das 9 às 18 horas, e domingo (20/05/2012), das 9 às 13 horas no espaço Paz e Bem, no Bigorriho - Curitiba, ministrado pela escritora, especialista em literatura infantojuvenil e contadora de histórias Cléo Busatto tendo como foco a arte da narrativa e da apresentação textual, baseando-se principalmente em seu livro *Contar e Encantar - Pequenos Segredos da Narrativa*, que serve de referência para a formação de narradores.

Além do mencionado, o workshop teve como objetivo a reflexão sobre os caminhos da arte de contar histórias, a partir da ideia de que alguns contos são educativos, pois ao abordar uma realidade simbólica atuam sob diferentes dimensões e fornecem múltiplas leituras e compreensão. A proposta do curso intenta indicar algumas possibilidades a quem deseja narrar histórias.



Fonte: <https://www.livrariavozes.com.br/contar%20%20%20encantar>

Em quatro módulos, em que explica a estrutura oral do texto falado, a qualidade do texto escrito, a forma como a memória é armazenada, o ritmo e o ato de narrar, entre outros tópicos com os seguintes conteúdos: *A arte de fazer rir e chorar* - A história como sujeito; A memória como espaço mítico; A linguagem simbólica como caminho; A abordagem multidimensional

como proposta; o ritmo e intenção. *Formando repertório*: Como e por que escolher uma história; Memorização e aquecimento do conto; Corporificando as palavras; Tornando o conto, o meu conto; Narrar, um ato de entrega; contar histórias, a arte de criar imagens no ar. *Exercitando o contar*: O exercício da narração oral; A experiência de cada um; Contar para o grupo. *Contar e Encantar*: A voz de todos - o momento que o conto se faz ouvir.

A matrícula para o workshop pôde ser feita pelo e-mail⁶¹ e deu direito ao livro escrito pela instrutora. O curso disponibilizou quinze vagas e o valor da inscrição foi de R\$ 275,00 e o certificado foi disponibilizado para quem teve frequência de 80%, porém não conseguimos encontrar registros do curso. Em sua propaganda há um relato da escritora que afirma que a utilidade do curso se estende a todos os que dependem da palavra falada como instrumento de trabalho:

Quem utiliza a fala estética, de certa forma, se beneficia com a técnica da contação. Desde o professor, o advogado até profissionais da área corporativa. Saber apresentar o texto é saber torná-lo convincente, diferentemente do teatro e outras artes que trabalham com a representação, a narrativa trabalha com a apresentação do texto. Eu trabalho com o foco na palavra. Essa técnica prioriza a questão da imagem e as intenções que o texto carrega (WORKSHOP, 2012, *on-line*).

Porém ao pesquisar mais profundamente encontramos como público-alvo: coordenadores pedagógicos, supervisores, diretores, psicopedagogos, gestores educacionais de secretarias de educação, assistentes pedagógicos e professores interessados.

Aparentemente, ao analisarmos as temáticas abordadas, temos a impressão que o curso proposto acima é mais adequado para profissionais da Educação que atuam em sala de aula, principalmente no ensino infantil, porém, apesar do público-alvo estar voltado à essa área, a declaração da ministrante amplia as possibilidades de público que poderá participar do curso. Diversas áreas como Publicidade, Direito e Serviço Social lidam constantemente com a comunicação e nem sempre seus profissionais possuem desenvoltura para exprimir o que pensam. Nesse caso, a contação de história poderá auxiliá-lo no sentido de dar-lhe confiança para falar e criar um ambiente de harmonia e interação. Assim, o que irá mudar em cada situação são os objetivos, o formato, o estilo e as especificidades de manuseio da linguagem, como afirma Xavier (2015).

Um tópico que nos chama a atenção no curso proposto foi “*A arte de fazer rir e chorar*” pois esta aborda a história, memória e o simbólico que perpassam as narrativas e o sujeito. A possibilidade de falar de si, de compartilhar vivências e transmiti-las, gera a possibilidade de identificação com o outro e assim, a criação de um clima de harmonia para expor o que se

⁶¹ atendimento@cleobusatto.com.br

pretende. Desta forma, o curso analisado possui resultados satisfatórios por lidar com a palavra e aliá-la à memória e história, características importantes para o desenvolvimento do projeto que iremos propor no final dessa pesquisa.

3.1.5 Workshop - Design da Narrativa

De acordo com seu *site*⁶², a oficina buscou, de maneira coletiva e com empatia, proporcionar soluções inovadoras de problemas. Identificavam os dilemas e tentavam dominá-los, mapeando e mesclando experiências culturais e as visões de mundo de uma equipe multidisciplinar. Assim, segundo o site, buscam “construir coletivamente as narrativas da marca e são identificadas as principais diretrizes da comunicação, necessidades, expectativas, oportunidades e vulnerabilidades, alinhando os objetivos de comunicação e negócios à visão, valores e propósito”.

Visivelmente é um workshop voltado a administradores e integrantes de grupos empresariais e apesar de conter o nome narrativa no título, essa seria voltada à construção de uma marca ou solução de problemas, o que corrobora com os estudos de Salmon (2010) quando afirma que a técnica de *storytelling* tem sido apropriada por empresas objetivando a desenvolver a habilidade de comunicação de seus integrantes. Ao contar uma história de maneira cativante, um publicitário envolve o público-alvo por meio de uma narrativa que gera identificação, para vender o produto. O que o difere dos demais *contadores* de história, é seu objetivo e a forma que ele utiliza as palavras para criar essa atmosfera de admiração, interação.

Assim surgem as marcas e as histórias relacionadas a elas e, dessa forma, o *marketing* e a propaganda vendem seus produtos:

a propaganda não deve mais modificar ou influenciar apenas a opinião de um indivíduo, mas o conjunto de suas crenças e hábitos: sua cultura, sua ideologia, sua religião. A ação sobre as consciências individuais dá lugar a uma operação de propagação social e interativa de uma forma de crença (Salmon, 2010, p. 208, tradução nossa)⁶³

É importante lembrar que o papel do contador de histórias entra justamente nesse ponto, no limiar entre a verdade e a imaginação: ao contar e gerar uma história sobre algo, tal marca ganha uma dimensão de verdade e passa a ser parte representativa e ao mesmo tempo identidade de uma sociedade. É assim que acontece com diversas marcas que desde os anos 80 e 90 têm o

⁶² <https://www.tramaweb.com.br/design-da-narrativa/>

⁶³ la propaganda ya no debe sólo modificar o influir en la opinión de un individuo, sino el conjunto de sus creencias y de sus hábitos: su cultura, su ideología, su religión. La acción sobre las consciencias individuales cede su lugar a una operación interactiva y social de propagação de una forma de creencia.

seu lugar garantido em meio a tantas outras, como a esponja de aço que “tem 1001 utilidades” e a “verdadeira maionese”. Do mesmo modo, é comum a substituição de leite condensado por “Leite Moça”. Não é mera coincidência que até os tempos atuais a lata contenha o desenho de uma moça carregando um balde, a mesma imagem que inspirou a marca em 1921.

Este é um exemplo não somente de uma marca de êxito que até hoje faz parte do cotidiano de muitas casas, mas de uma história bem contada por alguém que, no início, na criação da mesma, soube manipular as palavras de modo a gerar confiança no público.

Figura 8 - Imagem do Leite Condensado Moça clássico



Fonte: <https://www.propagandashistoricas.com.br/2014/05/historia-da-marca-leite-moca.html>

O Workshop - *Design da Narrativa* por ser voltado ao desenvolvimento de uma atmosfera natural e confiança de um grupo, os temas abordados são coerentes por terem relação com a individualidade, uma vez que objetiva que o cursista se compare com outros e, dessa forma, ele desenvolve confiança em falar, colocando-se no papel de igualdade.

3.1.6 Workshop – O mapa da narrativa

Este workshop aconteceu em 2017 numa localidade chamada Sítio, em Santa Catarina, conduzido pelo facilitador Olavo Pereira Oliveira. A proposta do workshop era de ser em 3 encontros, de 3 horas cada, sendo que em um deles haveria dinâmicas abordando os conceitos, estudos de casos e aplicação do método *O Mapa da Narrativa* com ferramenta de Mapa Visual para apoiar a construção de narrativas. A proposta era utilizar metodologias de facilitação que promovessem trocas de ideias, feedbacks mútuos e experiências de conexão entre os participantes e entre os encontros, seriam propostos desafios e oferecidos conteúdos exclusivos para os participantes *on-line*.

De acordo com o *site*, a oficina é prática e utiliza histórias pessoais e demandas reais de comunicação como matéria-prima, destinando-se a quem quer aprimorar suas habilidades de

comunicação em conversas, reuniões e palestras, promovendo mais concisão e conexão emocional com as pessoas; a quem quer desenvolver melhor seu posicionamento e sua marca pessoal e de seus projetos em seus materiais de comunicação; a quem desenvolve projetos de conteúdo para empresas e queira aprimorar suas habilidades de entendimento das necessidades de seus clientes e na forma de expressá-los em seus conteúdos ou a quem desenvolve projetos autorais de conteúdo e queira explorar melhor seu potencial criativo no desenvolvimento de narrativas.

Esse envolvimento pessoal possibilita a evocação de lembranças, o que alega Halbwachs (1990) quando afirma que recordar, falar sobre memórias e vivências facilita o acesso às recordações, ratificando informações e o conhecimento pessoal e grupal. No *site*⁶⁴ há todo o conteúdo que foi abordado e o valor de investimento que foi de acordo com os lotes, sendo o primeiro de R\$480, 00, o segundo de R\$ 540, 00 e o terceiro de R\$600,00. Encontramos o *site* do mesmo projeto⁶⁵ que está muito atualizado que disponibiliza a descrição de seus serviços, que são divididos em: mentoria, indicada para quem precisa se comunicar numa reunião, preparar um discurso, realizar apresentação, pitch ou palestra; construção, indicada para quem precisa começar do zero com orientação e criatividade para gerar conteúdos e roteiros em diversos formatos como apresentações, manifestos, site, mídias digitais, artigos, vídeos, entre outros; e também ensino - workshop com aplicação prática do método. “O Mapa da Narrativa” em turmas abertas, presencial ou *on-line* e também em formatos desenvolvidos de acordo com a necessidade e demanda de cada cliente. Voltado a empreendedores e profissionais que queiram aprimorar suas habilidades de comunicação e engajamento de pessoas em suas ideias, projetos e serviços, bem como a profissionais corporativos das áreas de comunicação, *marketing* e vendas.

O conteúdo do workshop é variado e não deixa de ser voltado a quem ocupa-se com a área de *marketing*, pois aborda aspectos da comunicação, das mídias digitais e ensino. Desta forma, contempla abordagens de ambientação que podem auxiliar o cursista no processo de desenvolvimento do diálogo, expondo pensamentos e ideias, transpondo-os para a mídia digital, que é uma das mais utilizadas pelo *marketing* e publicidade, e até mesmo ensinar todas as técnicas adquiridas com o curso, para possíveis colegas de trabalho, numa espécie de orientação.

⁶⁴ <https://ositio.com.br/produto/workshop-o-mapa-da-narrativa/>

⁶⁵ <https://narrative.com.br/>

Portanto, diante do conteúdo abordado e de suas características de aplicabilidade, acreditamos que tal oficina seja mais adequada à publicitários e professores, não sendo pertinente à estudantes, que será nosso público-alvo para a proposta final desta pesquisa.

3.1.7 Oficina Construção de Narrativas - com Socorro Acioli

Foi uma oficina ofertada pela Escola de Formação e Criação do Ceará oferecendo as ferramentas básicas para que o aluno fosse capaz de compreender os mecanismos da ficção; analisar, contextualizar e criar histórias, desde os princípios básicos do enredo aos métodos criativos usados por escritores e roteiristas profissionais; entender os processos narrativos do passado, presente e futuro e captar o projeto artístico de cada narrativa.

Na página⁶⁶ de divulgação não há registro do ano que a oficina se realizou, somente o dia e mês porém, foi encontrada uma foto no *Facebook* do Cena⁶⁷ com data de 18 de agosto de 2014 onde várias pessoas estão assistindo. Em outro *site*⁶⁸, com data de 05/12/2017, há uma publicação da Oficina Ateliê de Narrativas, da mesma autora, marcada para os dias 18, 19, 21 e 22 de dezembro, mencionando que essa se realiza desde o ano de 2016, o que sugere que a oficina anteriormente mencionada evoluiu para esta que durou cerca de 2 anos. A referida proposta tinha o enfoque em diversificadas narrativas ficcionais “buscando compreender desde a alta literatura aos roteiros de novelas e séries de televisão”, visando “instruir sobre o processo de desenvolvimento de um projeto de ficção, as criações das personagens e referências para o estudo da narrativa”. Há também informações quanto ao currículo da ministrante das oficinas em todos os sites disponibilizados. De acordo com estes, Socorro Acioli, tem formação em Roteiro de cinema, como aluna de Gabriel García Márquez, Robert McKee e Guillermo Arriaga. Venceu o Prêmio Ceará de Cinema e Vídeo na categoria Roteiro com o argumento do filme “A bailarina fantasma”. Na área da Literatura, dedica-se à carreira de escritora, tem vinte livros publicados e recebeu vários prêmios e menções, com destaque para o primeiro lugar no Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro, categoria literatura infantil com o livro “Ela tem olhos de céu”. Em 2014, publicou “A cabeça do santo”, pela Companhia das Letras.

Apesar da experiência em escrever, nota-se que o foco de trabalho da oficina e o currículo da instrutora são focalizadas no cinema, filmes e novelas, ou seja, na arte de interpretar, o que também pode contribuir para desenvolver a confiança em falar em público.

⁶⁶ <http://www.portoiracemadasartes.org.br/oficina-construcao-de-narrativas-com-socorro-acioli/>

⁶⁷ <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=262383787305233&set=a.240886299454982&type=3&theater>

⁶⁸ <https://www.opovo.com.br/vidaarte/exposicoesecursos/2017/12/atelie-de-narrativas-de-socorro-acioli-abre-incricoes.html>

Segundo o *site VivaArteViva*⁶⁹, para aprimorar a técnica de se apresentar para uma plateia, é importante ter uma boa oratória, porém é necessário ter postura adequada e para tal, o método utilizado em um curso de teatro pode contribuir. A metodologia em um curso assim pode encorajar o cursista a superar seus medos e confiar em si mesmo, demonstrando credibilidade e confiança em expressar suas ideias. Desse modo, uma proposta como a *Oficina Construção de Narrativas* é adequada a empresas que querem proporcionar a seus funcionários a experiência de se comunicar e inter-relacionar com os demais integrantes. Pode ser útil também a contadores de história, professores ou a um público que trabalha com publicidade e propaganda, aprimorando conhecimentos para realizarem apresentações de projetos, prática comum na área.

3.2 Oficinas em escolas e apresentações culturais

As oficinas em escolas são projetos voltados especificamente para a comunidade escolar com o objetivo de trocar saberes por meio de reflexão e participação. Tais oficinas podem ser realizadas no ambiente escolar ou fora deste, com relação às apresentações culturais e nos padrões anteriormente mencionados: possuem o objetivo educacional semelhantes e visam ensinar determinado assunto ou difundir a cultura local por meio de histórias ou apresentações.

3.2.1 Contacausos - Pesquisa e Contação de histórias

A Contacausos é uma companhia de Chapecó - Santa Catarina, que desde sua criação (2010), tem se apresentado em escolas, centros comunitários, universidades, feiras de livros, bibliotecas, maratonas de contos, festivais, programas e projetos do Sesc e Sesi em diversos Estados Brasileiros.

Segundo o seu *site*⁷⁰, seus objetivos são contar histórias, compartilhar a sabedoria popular, e dar voz à cultura oral do Brasil, propondo “a pesquisar, registrar e fomentar a literatura oral brasileira através da montagem de espetáculos de narração de histórias. Estimulando o ato de contar, ouvir e ler histórias” (CONTACAUSOS, 2018, *on-line*). A Companhia possui seu trabalho reconhecido e premiado em ações do Ministério da Cultura e outros importantes prêmios do Brasil, tendo registro de diversos projetos e iniciativas que abordam a construção de narrativa e contação de história como o “*Um punhado de histórias para um Peti de mais leituras*” que são apresentações de contação de histórias (Espetáculo

⁶⁹ <https://www.macunaima.com.br/vivaarteviva/entenda-como-o-teatro-pode-ajudar-a-ter-uma-oratoria-melhor-e-quais-os-beneficios/>

⁷⁰ <https://www.contacausos.com.br/>

Esticando as Canelas) e oficinas de formação de mediadores de leitura e contadores de histórias nos Programas de Erradicação do Trabalho Infantil nos Territórios da Cidadania do Governo Federal. Com os seguintes municípios contemplados: Alpestre/RS, Nonoai/RS, Planalto/SC, Ametista do Sul/RS. Cavalcante/GO, Alto Paraíso de Goiás/GO, Campos Belos/GO, Colinas do Sul/GO.

A página no *Facebook*⁷¹ da Cia. é bem completa e possui divulgação das apresentações: há vídeos, links, fotografias que revelam ser um projeto de veras ativo cuja participação é marcada por vários integrantes⁷² e pela atuação de Josiane Geroldi, a principal contadora de histórias do projeto. O *Instagram*⁷³ possui a divulgação das *lives* além de encontros virtuais com outros pesquisadores e contadores de histórias. Aparentemente é um projeto voltado à comunidade de Santa Catarina e seu foco é o entretenimento por meio de histórias e causos. Tais gêneros apresentam-se como atrativo para as diversas idades, principalmente o causo, categoria peculiar de cidades do interior, o que corrobora com o que afirma Pietro (2016, p. 37): “é impressionante como esses contos têm um efeito agregador e, muitas vezes, podem ser o chamariz para contar mitos, causos, lendas de outros povos”. O que torna tal gênero envolvente é o fator identificação que nele consta: os causos são provenientes da tradição oral, atraem pelo caráter pessoal, por serem baseados em vivência do tempo de infância onde os ensinamentos e comportamentos não poderiam ser transmitidos por meio da escrita, o que justifica serem transmitidos em forma de histórias familiares ou lendas urbanas.

Assim, ao contar uma lenda ou causo de assombração, um pai estará ensinando por meio de lições, criando ligações entre culturas, aquilo que o filho é impedido de ler em um livro, por não ser alfabetizado, pois “a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo” (BOSI, 1979, p.17). O tema desperta fascínio, como alega Braite (2019) pelo fato do homem sentir curiosidade em vivenciar por meio de histórias o medo que possui, porém sem correr riscos:

talvez, ao vermos nossos medos exteriorizados em objetos que podemos visualizar, como livros ou telas, seja possível termos a sensação de controlá-los e apreendê-los. Isso traz um alívio prazeroso, como se, ao lermos uma história de terror ou vermos um filme, pudéssemos metabolizar nossos medos: eles saem do nosso inconsciente e se tornam coisas palpáveis, que podemos, finalmente, enfrentar. (BRAITE, 2019, p.17)

⁷¹ <https://www.facebook.com/ContaCausos/>

⁷² <https://www.contacausos.com.br/integrantes>

⁷³ https://www.instagram.com/cia_contacausos/channel/?hl=pt-br

Portanto, como afirma Laterza Filho (1998), o medo contribui para a construção da narrativa pois “o medo nos causos de assombração, é dotado também de um valor simbólico. Temer as assombrações significa ter respeito pelo passado que é vivo e atuante dentro do presente, invocado e conjurado nas narrativas” (LATERZA FILHO, 1998, p.152). Dessarte, relacionando essa concepção ao objeto central da Cia Contacausos que é linguagem oral, pode-se inferir que as ideias acima reforçam o caráter estimulante das narrativas de medo, uma vez que mesmo não sendo somente de horror, despertam curiosidade nos envolvidos numa história, pois:

em um mundo que é o nosso, que conhecemos, sem diabos, sílfides, nem vampiros se produz um acontecimento impossível de explicar pelas leis desse mesmo mundo familiar. [...]. O fantástico é a vacilação experimentada por um ser que não conhece mais que as leis naturais, frente a um acontecimento aparentemente sobrenatural” (TODOROV, 1981, p.11).

O trabalho da Cia Contacausos é o que mais perdurou em relação a todas outras propostas e segundo as análises desta pesquisa é o projeto que mais se enquadra a proposta que será desenvolvida no final desta dissertação. Provavelmente pelo fato de lidar com memória local, por contar histórias do lugar em que está inserido o grupo e não somente lidar com histórias literárias universais, além da atuação da principal narradora da Cia, cujo currículo possui grande experiência na área.

Neste período de pandemia, a Cia tem feito *lives* e encontros virtuais com diversos contadores de causos e pesquisadores de histórias da região Sul. Estes encontros podem ser assistidos pelo canal do *Youtube*⁷⁴ da Contacausos, o que possibilitou conhecer melhor o projeto, seus integrantes, além de permitir a participação de um público em geral. O processo de escuta constrói a voz do narrador, no caso da Cia. Ele constrói suas histórias a partir do momento que este toma consciência da terra onde pisa, do lugar que está inserido, toma consciência de onde está e mantém as histórias deste, discurso constatado na atuação de Josiane Geroldi.

3.2.2 Núcleo Condão

O Núcleo Condão foi criado por Rafael Jorda em 20 de março de 2019, com o objetivo de exercitar a criatividade e criticidade de crianças e adolescentes por meio do incentivo à

⁷⁴ <https://www.youtube.com/channel/UCPNYfMRHkzHrOt1p628ShkQ>

leitura e o resgate do ser criança. De acordo com o endereço eletrônico⁷⁵, “com obras nas linguagens de Contação de História, Espetáculos de Teatro, Intervenções e Música, o Núcleo Condão busca aproximar o público de forma interativa e dinâmica, despertando o interesse em fazer arte e novas formas de conhecimento através da ludicidade”. O projeto escolhe histórias depositadas em uma rede social e, com a ajuda de um dado, que ao ser lançado, estipula qual história contará ao público. Desta forma, o autor retira do perfil histórias curtas e criativas que são depositadas no *Instagram* @haleatorias, administrado por Yuri Vasconcellos Pereira. Baseado em tais histórias, utiliza um grande dado cênico, cujos lados representam os contos que, após ser sorteado, é contado para o público. Outras práticas realizadas são as rodas de conversa sobre histórias de medo que os próprios participantes trazem. Experiências de temor sobre diversos assuntos como medo de altura, medo de cobra, medo da morte, medo de esqueleto, medo de fantasma, medo do escuro, medo de floresta, assuntos que demonstram ser interessantes à ouvintes e contadores das diversas idades e meios sociais, gerando vínculo pessoal e de identidade.

Com poucos meses de apresentação, o Núcleo Condão apresentou em várias escolas, participou de grandes eventos de Catanduva e região, porém, o projeto tem sido colocado em prática desde março de 2019, pouco tempo para se considerar um projeto com êxito. Além disto, há alguns pontos a questionar quanto às práticas desenvolvidas a ser: em relação à forma interativa que o projeto alega ter. Há participação dos frequentadores do espetáculo? Como são feitas essas colocações dos participantes uma vez que as histórias são estipuladas em um dado e já estão dispostas em uma rede social? Há participação dos mesmos na rede social ou somente o administrador deposita as histórias?

Rocha (2016) ao discorrer sobre seu processo de formação teatral ressalta a importância de se ter comprometimento com a plateia. Para ele, o objetivo de um contador não deve ser apenas entreter e preocupar-se com a técnica, mas buscar interação com quem assiste o espetáculo: “prestar mais atenção, a ‘ouvir’ a plateia, a buscar uma maior integração com essa[..], necessitar até de um pouco de iluminação na plateia para poder observá-la melhor” (ROCHA, 2016, p.16).

Dessa forma, voltamos a questionar como é feita essa interação, uma vez que a proposta de apresentação do Núcleo Condão menciona o depósito de narrativas prévias, como essa plateia é ouvida? Essa interação, quando bem trabalhada, pode ser o veículo por meio do qual um contador pode chegar até sua plateia.

⁷⁵ <https://oregional.com.br/cidades/nucleo-condao-de-catanduva-leva-historias-inspiradas-em-instagram/>

3.2.3 Festival de Contadores de Histórias

Tem o objetivo de difundir a arte de contar histórias, por meio da realização de festivais anuais de Contadores, descobrindo novos talentos entre alunos nas Unidades Escolares da Rede Municipal de Ensino de Uberaba- MG e valorizando práticas de leitura, sob os aspectos psicológico, pedagógico, histórico, social, estético e cultural. O projeto abrange alunos de 6º ao 9º ano e em 2019 apresentou sua oitava edição e, além disso, possui uma regulamentação com cronogramas a serem cumpridos que vai desde a divulgação até a etapa final do festival. Todas as informações, além de fotos e edições anteriores podem ser verificadas no site da prefeitura⁷⁶, porém devido à pandemia, o mesmo não será realizado no ano de 2020.

Apesar do êxito, o projeto abrange contação de histórias cujos textos lidos e recitados possuem autoria de compositores reconhecidos ou consagrados pela cultura popular. Assim, os participantes do projeto não produzem narrativas, apenas contam e apresentam textos selecionados e, desta forma, apesar de ser uma proposta que envolve narrativa, a mesma não possui peculiaridades semelhantes ao projeto que será proposto em nossa investigação, pois esta abarca a memória cultural e narrativas de um povo local.

3.3 Cursos de formação

Os cursos de formação são aqueles ofertados por instituições privadas ou públicas e destinados ao público em geral. Possuem como objetivo o aprendizado da arte ou a certificação daqueles que querem se especializar em construção de narrativa, em cinema, contação de histórias ou aprimorar a retórica como forma de comunicação.

3.3.1 Oficina Livre Roteiro: Narrativa e o Processo Criativo

Curso é ministrado no Instituto Brasileiro de Audiovisual, Escola de Cinema Darcy Ribeiro. Como o nome da escola diz, é um curso voltado para o cinema, focando no processo de criação de um roteiro. Busca abordar os diferentes elementos que compõem a dramaturgia e a narrativa cinematográfica, fornecendo ao aluno ferramentas para que ele possa estruturar e desenvolver suas próprias histórias. Tal proposta aconteceu no segundo semestre de 2016, com a professora Daniele Reule, com carga horária de 24 horas e valor de R\$ 850,00.

⁷⁶ <http://www.uberaba.mg.gov.br/portal/conteudo.46837>

A página no *Facebook* do Instituto⁷⁷ está mais atualizada e possui maior divulgação, porém como foi dito anteriormente, é uma iniciativa de formação para um público interessado em cinema, possuindo oficinas de criação de roteiro, de figurinos, filmagens, entre outros.

No que tange às técnicas abordadas na oficina, pode-se dizer que as mesmas se referem à postura, oratória e desenvolvimento na comunicação, prática comumente de atores e pessoas que trabalham com teatro. Dessa forma, a *Oficina Livre Roteiro: Narrativa e o Processo Criativo* pode contribuir no sentido de que uma pessoa que faça parte de um público-alvo diferente pode fazê-la com o objetivo de, por meio de técnicas teatrais, extinguir a dificuldade na comunicação e transmissão de ideias.

Apesar de tais pontos benéficos, a oficina não é voltada à fins educacionais, ou seja, há a possibilidade de adolescentes fazerem-na, porém serão aqueles que se interessam pela dramaturgia. Assim, tal iniciativa não se enquadra na proposta de trabalho a qual buscaremos, exceto quanto a algum conteúdo relacionado à busca de atrair a atenção do público por meio de técnicas do teatro.

3.3.2 Narrativas Oraís e Literatura Infantil

Segundo a pesquisa inicial, foi um curso de pós-graduação ofertado pelo Centro Universitário Ítalo Brasileiro que capacita seus egressos para a prática da contação de histórias e processos criativos para o desenvolvimento de pesquisa e criação literária com foco na infância. Sua duração foi de 12 meses, sendo desenvolvido na modalidade presencial, com aulas semanais que envolviam teoria e prática da contação de histórias, bem como exercícios técnicos para o estudo e desenvolvimento de contos e demais produtos da literatura infantil.

Tem como público-alvo educadores, artistas, profissionais das áreas de artes, cultura, educação, pesquisadores de cultura popular e demais interessados no tema. Além disso, segundo o portal, o egresso do curso “Narrativas Oraís e Literatura Infantil” poderá atuar como contador de histórias em escolas, bibliotecas, centros culturais, livrarias além da pesquisa em literatura infantil, oralidade e cultura popular, em espaços escolares ou não.

Em sua grade curricular abrange eixos que abordam o universo da contação de histórias. No eixo 1, que trata das narrativas oraís são propostos os temas: Narrativas Oraís e Cultura Popular, O ofício do Contador de Histórias, Técnicas e Processos de Contação de Histórias, *Storytelling*: histórias que engajam, Tipologia dos Contos: Clássico, Populares, Causos e

⁷⁷ https://www.facebook.com/escoladecinemadarcyribeiro/?__tn__=%2Cd%2CP-R&eid=ARC9KxfX7agh_4kuNAw3nhUJfNK9ZjAHfmwRrwB7XGx5OEUEoXUpJfGLmMdru2Th4ejknwCBHNBGGPHT

Oralidades. No eixo 2 são contemplados a Literatura infantil - história e contextos, narrativas orais e mediação de leitura, o Livro infantil - imagem e palavra, laboratório de escrita criativa. No eixo três é tratado do ensino e pesquisa, já abrangendo o TCC e conclusão.

O curso tem o valor de R\$ 5.814,00 sendo dividido em 18 X de R\$ 323,00 + o valor de matrícula: R\$150,00 e as mensalidades virão após o início das aulas e, em relação à realização do curso, não encontramos registros de comprovação e após a redação desta, foi feita nova pesquisa para confirmação dos conteúdos abordados e datas, porém a única menção relativa à esta iniciativa foi um vídeo⁷⁸, onde fala-se do curso em Linguagens da Infância.

Apesar de tal empecilho, é importante mencionar que os eixos abordados no curso atendem peculiaridades que o projeto que vamos desenvolver, no final desta pesquisa contempla. Por exemplo, os eixos 1 e 2 tratam dos causos populares, da linguagem oral, de técnicas de contação de histórias, bem como pontos que focam no engajamento do profissional. Assim, acreditamos que provavelmente o curso seja ideal para professores que atuam na educação infantil, porém pode ser útil a outros profissionais pelo fato de lidar com conhecimentos amplos em relação à arte e técnicas de contar de histórias e reflexão memorial.

3.3.3 Curso – A arte de contar e encantar com histórias

Curso ofertado por Alexandre Camilo que pode ser encontrado no perfil do *Instagram*⁷⁹, no *site* da internet⁸⁰ e pelo *Youtube*⁸¹. Nestes perfis pode-se encontrar a divulgação do curso, com telefone (*Whatsapp*), email do prelecionista para mais informações e o valor de investimento que varia de acordo com datas: alguns custam desde R\$900,00 até R\$1.250,00 (com material incluso).

Os módulos que o cursista assistirá são dispostos da seguinte forma: Módulo I - “*Despertando o Contador que existe em você*”, com os seguintes conteúdos: Motivação e Criatividade, O processo criativo - 1ª parte; Sistema de Classificação dos Contos; Estudos de Textos; Linguagem não-verbal; Construindo Imagens através de Palavras; Espaço, Ambiente e Música; e Dinâmica da Apresentação. O Módulo II, denominado “*A Jornada do Narrador*” constitui-se de: A construção da história; Tipos de Narrador (O caminho quádruplo); Processo Criativo - 2ª parte; Trabalhando Valores através do conto de Sabedoria; Metáforas; Dramatizando uma História; Utilização de Materiais e Recursos de Apoio e Sua Herança, Suas

⁷⁸ <https://www.facebook.com/souitalobr/videos/1200750956688793>

⁷⁹ https://www.instagram.com/aprender_com_historias/?hl=pt-br

⁸⁰ <https://www.contadordehistorias.com.br/>

⁸¹ https://www.youtube.com/channel/UCLSsxGGZuoLb3_LwXiRRHbg

Histórias. Por fim, o Módulo III, “*Escrever, Contar e Contar*” o cursista assistirá aulas com os seguintes temas: Recontando; Processo criativo - 3ª parte; Milton Erickson e os Padrões de Linguagem; *Storytelling* - Uso Pleno; Joseph Campbell e o Herói de Mil faces; CSH- Crie Sua História, Jornada do Herói - Passo a Passo e Histórias que Curam.

No *site*, há uma descrição do prelecionista, sendo apresentado como escritor, ator, palestrante, atuante em comunicação e liderança com *Storytelling*, formado em Artes Cênicas, contador de histórias, mestrando em Comunicação ECA (USP), desenvolvedor do “Método do Ator”, sendo estudioso da “Arte da Narração no Processo Formativo de Educadores Artistas”. Em sua descrição no *Youtube*, além das descrições acima, há a informação que Alexandre Camilo é um consultor de empresas que trabalha a comunicação e liderança dentro do ambiente corporativo por meio de recursos teatrais. A ludicidade de seu método possibilita a participação da plateia que reflete com exercícios e histórias.

suas palestras e treinamentos são especialmente criados para tratar de assuntos corporativos com enfoque na capacitação comercial e comportamental. Utilizando-se de técnicas motivacionais, de comunicação e exercícios práticos, explorando os mais diversos contextos e atendendo as necessidades e expectativas de sua empresa de forma customizada (CAMILO, 2017).

Em todas suas redes sociais pode-se também encontrar a divulgação de vários cursos ministrados, das turmas que já frequentaram e depoimentos dos mesmos, espetáculos, projetos, loja onde são vendidos livros, vídeos e contato. Nota-se pela divulgação no *site* e no *Youtube* que o público que frequenta os cursos são pessoas que querem aprender a contar histórias ou desenvolver oratória. O foco empresarial é destacado em ambas redes sociais, o que reafirma as características de consultoria da proposta de trabalho do palestrante. Dessa forma, o foco de tais apresentações não é voltado ao público infantil ou adolescentes, sendo interessante a profissionais, o que não se enquadra em nossa futura proposta. O *storytelling* abordado neste curso, portanto, é o mesmo que Salmon (2010) defende em seu livro sendo a arte de propagar, contar e modificar atitudes, comportamentos e vender uma ideia.

3.3.4 Histórias de Boca: Contos Tradicionais na Educação Infantil

Curso ofertado pela “A Casa Tombada” nas datas 6, 13, 20, 27 de maio e 3, 10 de junho, de 19h às 22h e para uma turma de no mínimo 12 e máximo 20 pessoas e de acordo com o *site*⁸², o curso é ofertado por por Cristiane Velasco, destinando-se à interessados nas múltiplas possibilidades das narrativas de tradição oral e a contadores de Histórias, Educação, Cultura do

⁸² <https://acasatombada.com.br/historias-de-boca/>

Brincar, Narrativas Orais, sendo o investimento no valor de R\$ 600,00, em até 4 vezes sem juros.

Há também informações do que será abordado nos encontros : mitos, contos e lendas, as rodas tradicionais, quadrinhas populares⁸³, cantigas de ninar, trava-línguas, adivinhas e outras brincadeiras com atividades a partir de brincadeiras que aquecem a voz e o corpo, experiências de escuta, relatos compartilhados da prática com crianças, reflexões e diversos exercícios de aproximação dessas narrativas orais, tais como: a) visualizações criativas com intenção de adentrar o universo da imaginação acessando conteúdos simbólicos internos, b) dinâmicas em grupo para aprofundar o estudo de estruturas, pulsação, ritmo e personagens das narrativas, c) pesquisa de variantes de uma mesma história, reconhecimento de motivos temáticos comuns e recriação da substância tradicional, d) investigação de elementos cênicos enquanto brinquedos a serviço da arte de narrar, e) criação de textos em prosa e verso partindo de histórias de vida.

O título do projeto chama-nos atenção, pois até esse ponto da pesquisa não tínhamos nos deparado com o termo "histórias de boca" e, ao fazer uma busca pela internet, encontramos a explicação de que o mesmo significa histórias orais que fazem parte da cultura popular. Dessa forma, o conteúdo ministrado neste curso é pertinente para profissionais da Educação, bem como pessoas que querem trabalhar com a arte de contar histórias. Apesar de não haver menção sobre o tempo em que o curso é ofertado, se é contínuo ou em períodos determinados, o tema possui relação à proposta que faremos, uma vez que trata de história memorial, de tradição e cultura.

3.3.5 Curso Histórias de Boca - com Cristiane Velasco

Destinado a jovens e adultos interessados na arte de contar histórias, é um curso ofertado pelo Instituto Brincante com início no dia 12 de março de 2020 e duração de março a junho, em todas as quintas-feiras (exceto em feriados), nos horários de 19h às 20h20m. O investimento é de R\$ 795,00 à vista ou 4 parcelas de R\$ 205,00/mês.

No *site*⁸⁴, há também uma proposta de pagamento que contribui com uma campanha do Instituto a ser: ao pagar 50% da mensalidade, o aluno participa dos encontros virtuais e ao pagar 80%, além dos encontros virtuais, ele terá acesso a 4 vídeos exclusivos disponíveis durante um mês. A programação do curso se constitui por temas como Narrativas de Tradição Oral,

⁸³ São também conhecidas como poesias populares, compostas por quatro versos, se caracterizam por possuir rimas muitas vezes imperfeitas e escritas muitas vezes incorretas.

⁸⁴ <http://www.institutobrincante.org.br/cursos/ver/224>

Proximidades entre Cultura da Criança e Cultura Popular, A linguagem integrada do Brincar, Mitos de origem e Mito pessoal, Características do Conto Tradicional, Contos Cantados e Histórias Brincadas, Variantes do Conto no movimento da Oralidade, A Arte de recriar a Tradição, Memória e Ancestralidade, Diálogos entre Histórias de Boca, Histórias de Livro e Histórias de Vida, O Contador de Histórias: Voz, Corpo, Elementos Cênicos e Escolha de Repertório.

No *site* há áreas com o regulamento do curso que aborda desde as inscrições, formas de pagamento até certificação. Quanto à ministrante do curso, é educadora e contadora de histórias, com especialização em Arte-Educação pela ECA-USP, trabalhou 12 anos com educação infantil em várias instituições. Participou de vários eventos sobre contação de histórias e escreveu obras como a trilogia “Dançando Histórias” (“Contos Indianos”, “Contos Flamencos” e “Contos Brasileiros”) e o monólogo “Aguadouro”. É também autora de “Maria Sabida e João do Uia”, "Histórias de boca: o conto tradicional na educação infantil” e “Avoou: Eu tava lá...”.

Como mencionado na programação, o curso é destinado a adolescentes e adultos, porém, o mesmo é mais propício para as pessoas que vão lidar com a educação de crianças ou mesmo com contação de histórias. O currículo do curso contempla pontos muito pertinentes como tradição, memória e a ancestralidade, temas de interesse para o projeto que será proposto nesta pesquisa.

3.4 Pesquisas acadêmicas

As pesquisas acadêmicas são iniciativas ou projetos de extensão com o objetivo de sanar dificuldades detectadas por meio de uma análise ou avaliação antes aplicada. Tais projetos visam ter continuidade uma vez que as modificações esperadas sejam a longo prazo. Alguns são estudos feitos com objetivo de analisar determinado assunto mediante um problema específico e, como resultado da pesquisa, o autor apresenta uma dissertação de mestrado/doutorado ou um artigo para obtenção de um título. Pode ocorrer de originar-se uma proposta pedagógica ou projeto de extensão, porém o fator observado para caracterizá-lo como concluído, em nosso estudo, é a realização da pesquisa.

3.4.1 Narrativas da comunidade e oralidade: um resgate da cidadania

Caderno Pedagógico com proposta de Plano de Desenvolvimento da Escola - PDE, de 2016 e implementada na turma do 3º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual do Campo Professor Argemiro Luís de Lima (escola de campo), no município de São João do Triunfo, PR,

pelo professor Fábio Antônio Gasparelo, sob orientação do professor Ubirajara Araujo Moreira. O caderno justifica-se como um

resultado de uma inquietação verificada no referido Colégio sobre a dificuldade que os educandos apresentaram no cotidiano escolar em falar sobre suas próprias histórias, em ver negadas diariamente, seja nos conteúdos escolares, seja na estrutura educacional, as suas raízes, os seus valores (PARANÁ, 2016, p.2).

Além disso, o intuito do trabalho foi o de oportunizar, por meio de atividades variadas ligadas principalmente à oralidade, como aquelas ligadas às narrativas pessoais, uma oportunidade do educando reconhecer-se enquanto sujeito histórico, despertando o interesse por “ histórias que fizeram parte da construção social de suas comunidades, visto que se perdeu o hábito de contá-las no dia a dia, por causa da influência do modo urbano de se viver, assim como das diferentes demandas sociais que transformaram o meio rural” (PARANÁ, 2016, p.1).

Seu desenvolvimento deu-se em duas etapas: a primeira, com a aplicação do projeto na referida turma do Ensino Médio; a segunda, junto a professores da Rede Pública de Ensino do Paraná por meio do Grupo de Trabalho em Rede e resultou em um caderno pedagógico que poderá auxiliar professores na aplicação do mesmo projeto no futuro. O projeto abrangeu contação de histórias dos alunos, daquelas ouvidas no cotidiano, a escrita das mesmas e conceitualização dentro dos gêneros e escolas literárias, além de análise do material escrito. Segundo o professor que desenvolveu a pesquisa, os alunos mostraram entusiasmo ao relatar assuntos de seus cotidianos, mas não há registros de que a proposta tenha continuidade.

Esse projeto é um exemplo de atividade que possui característica de despertar o interesse uma vez que faz parte do universo cultural e social daqueles que estão envolvidos. Além disso, faz parte do PDE, um programa de apoio à gestão escolar baseado no planejamento participativo e destinado a auxiliar as escolas públicas a melhorar a sua gestão” (BRASIL. 2014, *online*), dessa forma, a escola recebeu recursos financeiros do Ministério da Educação - MEC para apoiar a execução de todo ou de parte do seu planejamento.

Uma proposta como esta tem êxito por ser trabalhado na configuração de projeto pedagógico, pois assim, o aluno passa a fazer parte do processo de aprendizagem, interagindo, uma vez que tal proposta metodológica “procura desenvolver no aluno a autonomia, criatividade, capacidade analítica, de síntese e o poder de decisão, uma vez que a escolha do tema parte do educando, passando o professor a ser igualmente sujeito do processo” (Diniz, 2015. p.6). Quanto ao professor e a escola, ao desenvolverem um trabalho assim, valorizam a vivência do aluno e sua origem, respeitando “os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela - saberes socialmente construídos na prática comunitária -

mas também, [...] discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos (FREIRE, 1996. p.15).

Por se tratar de memória particular e local, ao ser trabalhado com a pedagogia de projetos, tal proposta tem a característica que mais se assemelha a nossa proposta futura, agregando metodologicamente.

3.4.2 Propostas pedagógicas com narrativas para desenvolver a Leitura, a Escrita e a formação cidadã no Ensino Fundamental

É uma produção Didático-Pedagógica, constituída com o intuito de atender alunos do 6º Ano do Ensino Fundamental, no que se refere à leitura, escrita e formação cidadã. Foi aplicado no Colégio Estadual Pato Bragado Ensino Fundamental e Médio, no Paraná, pela professora Ilga Carletto no ano de 2015.

As ações do projeto não abrangeram estritamente contação de história, mas atividades de leitura e escrita como: o uso do laboratório de informática e da biblioteca da escola como fonte de pesquisa e busca de narrativas literárias para o incentivo da leitura e ao letramento; criação e uso do *Facebook* para postagem de atividades realizadas, socializar as leituras instigar a curiosidade e divulgar práticas de letramento através de narrativas literárias; socialização das leituras e produções dos alunos por meio de mural, confeccionado pelos próprios alunos; exposição de atividades realizadas na sala e na biblioteca da escola.

Essa proposta resultou num caderno com sugestões e atividades que se referem à literatura universal. Nela, há menção sobre diversas obras que podem ser exploradas, servindo de apoio para se trabalhar soluções de erros ortográficos, vocabulário precário, dificuldade de compreensão, etc., que poderão ser usadas futuramente por algum professor. De acordo com a rede social da professora Ilga Carletto⁸⁵, a proposta foi realizada somente no ano de 2015 e não foram encontradas postagens posteriores. Tais atividades são narrativas e poesias ilustradas, painéis com mensagens de motivação e boas maneiras, etc. que abrangem contos de fadas, literatura universal e criações autorais dos alunos. Dessa forma, o projeto mencionado possui características que incentivam a participação, atitudes comportamentais e criatividade do educando, o que corrobora com Freire (1996) quando afirma que

uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em relação uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz [...] (FREIRE, 1996, p.23).

⁸⁵ <https://www.facebook.com/ilga.carletto/posts/510998242391862>

Apesar de não possuírem ligação com histórias reais ou memoriais, o projeto mencionado é uma prática que, por sua metodologia, surte o desempenho desejado, despertando no discente autonomia e desejo de produzir narrativas. Assim, o próprio professor, com atitude de mudança, despertará no aluno tal sentimento, poderá transformá-lo, pois “um gesto aparentemente insignificante vale como força formadora ou como contribuição à do educando por si mesmo” (FREIRE, 1996, p.24).

3.4.3 Contação de histórias: experiências com oralidade e narrativas tradicionais do norte do Paraná em turmas do Ensino Básico

Pesquisa realizada por Mário Júnior Alves Polo, por meio de um projeto de extensão “Contação de Histórias do Norte do Paraná” onde foi trabalhada uma oficina “Causos e Acontecidos” que abordou o trabalho com narrativas orais, aliado às discussões sobre memória, identidade e patrimônio imaterial.

Segundo o autor, o projeto promove, em escolas de municípios ligados ao Núcleo Regional de Educação de Londrina, a atuação conjunta entre alunos e professores, na formação de registros da memória local por meio da coleta de lembranças de trabalhadores. Para subsidiar professores e alunos, são realizadas oficinas sobre exploração de fontes seguindo uma perspectiva na qual “causos”, lendas e mitos, documentos pessoais e álbuns de família se constituem como fontes para a análise histórica e para o ensino de História.

O objetivo esperado foi de que os alunos pudessem identificar narrativas orais como fontes para a construção do conhecimento histórico ou propriamente como parte da História não-escrita, reconhecendo suas especificidades, como a gestualidade, os silêncios e o ritmo. As narrativas destacadas contam diferentes versões da história da região norte do Paraná, incluindo-se a mitologia Kainkang, histórias de Orixás e muitas referências sertanejas.

A oficina de contação de histórias foi apenas parte de um trabalho bastante amplo que articula professores, alunos, comunidade, museu, graduandos e pesquisadores de Ensino de História, que é o Projeto Contação de Histórias do Norte do Paraná – fomentado pela SETI (Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior) através do Programa Universidade Sem Fronteiras, em parceria com o Núcleo Regional de Educação de Londrina-PR e com a UEL, por meio do departamento de História e Museu Histórico de Londrina e o Projeto deu apoio, em escolas da rede estadual, ao desenvolvimento de um plano de atuação realizado por alunos e professores em vista da formação de um registro da memória local. Tal integração se construiu na coleta de fragmentos de memória e fontes de diversos tipos, priorizando-se a lembrança de trabalhadores das comunidades e envolvidas.

Foi ofertado aos professores um curso e oficinas de extensão nos quais receberam orientações para elaborar o plano de trabalho da escola e desenvolver o tema escolhido, com várias dimensões, abordando áreas do ensino. Na oficina “Causos e Acontecidos” houve coleta de lembranças de trabalhadores onde “causos”, lendas e mitos, documentos pessoais e álbuns de família constituíram como fontes para a análise histórica.

Não há registros de que o projeto teve continuidade, somente que teve êxito na aplicação mencionada na pesquisa, porém foi encontrado um livro organizado pela orientadora da pesquisa, Regina Célia Alegro, cujo título: “Contação de História no Norte do Paraná: Memória e Patrimônio”⁸⁶, onde aparentemente há uma coletânea de práticas e estudos feitos no decorrer da aplicação do projeto de extensão referido na pesquisa.

3.4.4 RPG (Role-Playing Game) & LITERATURA: O jogo lúdico da leitura e da escrita

Pesquisa realizada em 2009 por Márcia Juraci Ferreira a partir de sessões de RPG-Role-Playing Game, vivenciadas em uma Oficina: RPG & Literatura e nos encontros do Grupo de Apoio à Implementação do PDE na Escola, bem como nas discussões no GTR-Grupo de Trabalho em Rede. Foi um projeto integrante do PDE - Programa de Desenvolvimento Educacional, do Estado do Paraná que apresentou atividades de implementação na escola realizadas no segundo semestre de 2010.

Por suas características discursivas, lúdicas, de socialização e cooperação, buscou-se verificar se a prática do RPG constitui uma ferramenta lúdico-pedagógica de alto potencial educativo, que mobiliza a fruição do texto literário e a sua produção criativa.

O projeto constituiu-se de Planejamento, Execução e Avaliação, sendo a execução feita por meio de módulos. O Módulo I, nomeado como “Mundo das palavras”, buscou estimular e conscientizar a criatividade dos alunos por meio de exercícios práticos e lúdicos para que eles pudessem propor ideias. O módulo III (na pesquisa o módulo II é descrito posteriormente) é denominado como “Aventura-Solo: Livros-Jogos” onde os livros foram apresentados aos alunos e no Módulo II (1ª Parte) foi apresentado “O Baralho de Propp” onde as cartas possibilitam diferentes arranjos e combinações, bem como nova construção narrativa. Foi feito também a leitura da obra literária A Luta do Cavaleiro Contra o Bruxo Feiticeiro, de João Gomes de Sá, passando a construção da jornada do herói.

Na 2ª Parte do Módulo II, foi apresentado um baralho narrativo com pequenos trechos da obra “Os Noturnos”, de Flávia Muniz, favorecendo “uma leitura coletiva e colaborativa dos

⁸⁶ http://www.uel.br/com/agenciaueldenoticias/index.php?arq=ARQ_not&id=29030

alunos, uma vez que a narrativa estava passando por um processo de desconstrução e construção” (FERREIRA, 2009, p. 20). O módulo IV foi constituído da construção dos personagens por meio de tabelas (com exemplos de características, talentos, perícias e falhas), revistas e livros de RPG. Assim, os alunos montaram suas Fichas de Personagem e no módulo V, foi realizada a Sessão de RPG onde “os jogadores/alunos simularam ações para suas personagens, vivenciando os seus desafios e interagindo com os demais personagens participantes” (FERREIRA, 2009, p. 22).

Como resultado, o projeto revitalizou a parceria literatura-escola-leitura ao apresentar uma proposta, na qual o RPG pôde ser uma interface pedagógica que, além de funcionar como fator de motivação para a leitura, envolvendo o leitor-jogador no jogo da ficção, contribuiu para a produção de narrativas interativas. Além do projeto, como resultado, um caderno de atividades⁸⁷ foi criado para orientar professores.

A proposta acima é atrativa ao público jovem e ao mesmo tempo há a necessidade da dedicação maior por parte do aluno em aprender e buscar a respeito do jogo RPG. O modelo de aprendizagem por meio de jogos é comum desde a educação infantil quando o professor incentiva seus alunos a ultrapassar níveis de aprendizagem baseando “em estruturas de recompensa, reforço e feedbacks, suportadas por mecânicas e sistemáticas que potencializam o envolvimento do indivíduo” (BUSARELLO; ULBRICHT; FADEL, 2014, pp. 12-13). Assim, a gamificação, algo natural que está presente em muitas fases da vida estudantil, engajando o educando e proporcionando prazer em cada etapa vencida, pois ela “tem como base a ação de se pensar como em um jogo, utilizando as sistemáticas e mecânicas do ato de jogar em um contexto fora de jogo” (BUSARELLO; ULBRICHT; FADEL, 2014, p15).

Por abordar o universo de jogos, por possibilitar a atuação dos alunos na construção do próprio material que utilizarão nas sessões de RPG pois neste, os jovens “apropriam-se de histórias narradas por livros, filmes, quadrinhos e as reinventam em grupo (RODRIGUES, 2004, p.19), o contexto do “RPG é obrigatoriamente oral e coletivo e definido por regras de jogo” (RODRIGUES, 2004, p. 48), tem uma gama de possibilidades de envolvimento para que os alunos possam desempenhar papéis e construir a narrativa. com independência, fazendo escolhas e tomando caminhos que os levam a uma jornada de envolvimento, mesmo tendo consciência de que a mesma é fictícia: “existe a consciência de que o jogo é faz-de-conta e que a qualquer momento pode ser interrompido pela realidade cotidiana, pelo rompimento das

87

http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos/pde/pdebusca/producoes_pde/2009_fafipar_portugues_m_d_marcia_juraci_ferreira.pdf

regras por parte de algum participante ou pelo fracasso dos objetivos (RODRIGUES, 2004, p.44).

Assim, ao associar jogo e leitura, despertando o comportamento autônomo do aluno, a proposta acima mencionada corrobora com a pedagogia de projetos, pois busca estimular a criticidade e a curiosidade, contribuindo para o aprendizado e conseqüentemente o êxito do projeto uma vez que a autonomia leva o aluno a se constituir como sujeito histórico e o professor a refletir sobre sua prática.

3.4.5 Leitura e escrita de jovens em contextos de RPG.

Dissertação de Vivianete Milla de Freitas, apresentada em 2007 em Mestrado em Educação onde a autora analisou a escrita dos adolescentes no contexto do RPG. A pesquisa realizada consistiu na observação de um grupo de jogadores, a maioria em idade de prestar vestibular, realização de entrevistas com membros do jogo e a participação em momentos presenciais de jogos com os adolescentes que compunham o grupo. O objetivo foi responder questionamentos iniciais tais como se a leitura de textos variados disponíveis para o RPG, associada à participação nos jogos desta modalidade de diversão, são fatores motivadores para a produção escrita dos adolescentes e como esses recursos ficcionais, apropriados nessas leituras e práticas orais, aparecem nos textos produzidos pelos jovens.

Segundo a autora, “os jogos de RPG, associando características de jogo e narrativa, se apresentam como uma modalidade de diversão que enriquece aspectos como inventividade e imaginação entre aqueles que dela participam” (FREITAS, 2007, p.121). É um jogo de produzir ficção por meio da oralidade, que se apresenta de forma lúdica e voluntária por todos os participantes (RODRIGUES, 2004).

As características do jogo, ou seja, a grande quantidade de regras exige que seus jogadores utilizem “leitura, a escrita, matemática, artes, língua estrangeira apresentando-se como campo vasto e variado para produção de narrativas orais e escritas, no caso do grupo observado ao longo deste trabalho” (FREITAS, 2007, p.121).

Os participantes da pesquisa (jogadores) relataram motivação em produzir textos manuscritos (individuais e coletivos) “quer seja pelo simples prazer de escrever sobre um tema que lhes é atraente quer seja visando publicar suas produções, levando-as ao conhecimento de outros jogadores ou do público que desconhece o jogo” (FREITAS, 2007, p.121).

A pesquisa mencionada acima foi inserida no corpus desta análise pelo fato do RPG ser um jogo de construção narrativa elaborada oralmente. Apesar da ludicidade e criatividade

permeadas no decorrer do jogo, as histórias concebidas não possuem características de representação social ou históricas, não contam sobre aqueles que estão participando da sessão.

3.5 Considerações sobre os projetos analisados

De acordo com as descrições e análises acima elencadas, podemos sintetizar os critérios das iniciativas da seguinte maneira:

Tabela 3 - Projetos analisados e critérios considerados para análise

Nome do projeto	Categoria	Tipo de abordagem:	Natureza: Pessoal ou Memorial	Técnicas de contação ou contação de histórias?
Oficina música e narrativa	Oficinas e workshops	Escrita	Sim	Técnicas de contação
Oficina para as mães no mês de maio: <i>Técnicas para ilustrar uma contação de histórias</i>	Oficinas e workshops	Oral/Escrita	Não	Técnicas de contação
Workshop de narrativa oral: teoria e prática na contação de histórias	Oficinas e workshops	Oral	Não	Técnicas de contação
Contar e Encantar: A Arte de Contar e Ouvir Histórias	Oficinas e workshops	Oral e escrita	Sim	Técnicas de contação
Design da Narrativa	Oficinas e workshops	Escrita	Sim	Técnicas de contação
O mapa da narrativa	Oficinas e workshops	Oral	Sim	Técnicas de contação
Construção de Narrativas - com Socorro Acioli	Oficinas e workshops	Oral	Não	Técnicas de contação
Contacausos - <i>Pesquisa e Contação de histórias</i>	Oficinas em escolas e apresentações culturais	Oral	Sim	Contação de histórias
Núcleo Condão	Oficinas em escolas e apresentações culturais	oral e escrita	Sim	Contação de histórias

Festival de Contadores de Histórias	Oficinas em escolas e apresentações culturais	Oral e escrita	Não	Contação de histórias
Oficina Livre Roteiro: Narrativa e o Processo Criativo	Cursos de formação	Oral	Não	Técnicas de contação
Narrativas Oraís e Literatura Infantil	Cursos de formação	Oral	Sim	Técnicas de contação
A arte de contar e encantar com histórias	Cursos de formação	Oral	Sim	Técnicas de contação
Histórias de Boca: Contos Tradicionais na Educação Infantil	Cursos de formação	Oral	Sim	Técnicas de contação
Histórias de Boca - com Cristiane Velasco	Cursos de formação	Oral	Sim	Técnicas de contação
Narrativas da comunidade e oralidade: um resgate da cidadania.	Pesquisas acadêmicas	Oral e escrita	Sim	Resultou em um produto
Propostas pedagógicas com narrativas para desenvolver a Leitura, a Escrita e a formação cidadã no Ensino Fundamental	Pesquisas acadêmicas	Escrita	Não	Resultou em um produto
Contação de histórias: experiências com oralidade e narrativas tradicionais do norte do Paraná em turmas do Ensino Básico	Pesquisas acadêmicas	Oral	Sim	Contação de histórias
RPG (Role-Playing Game) & LITERATURA: O jogo lúdico da leitura e da escrita	Pesquisas acadêmicas	Oral com tópicos em leitura	Não	Resultou em um produto
Leitura e escrita de jovens em contextos de RPG.	Pesquisas acadêmicas	Escrita	Não	Resultou em um produto

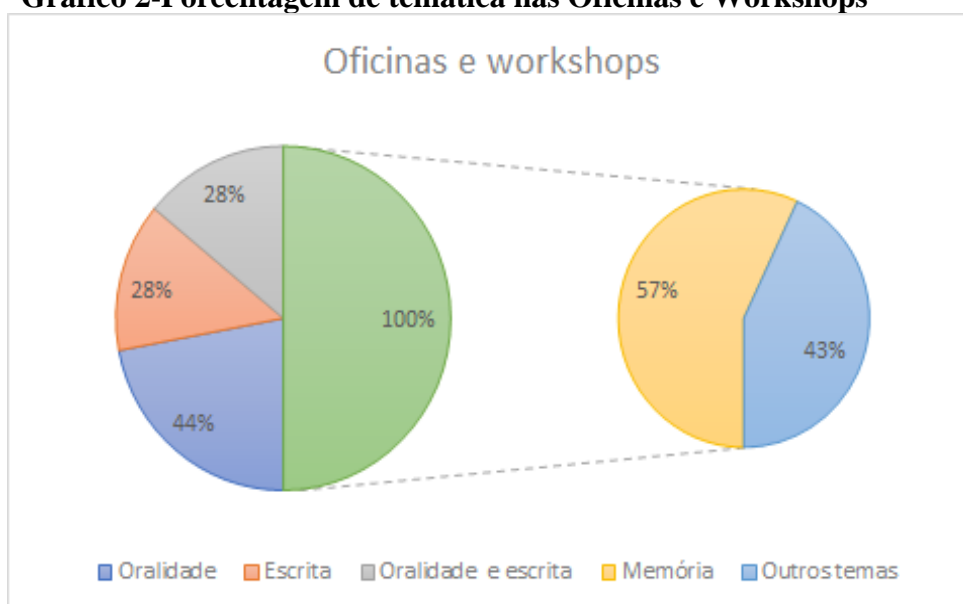
Fonte: Dados da pesquisa, 2020

Foram analisados vinte (20) iniciativas sendo que destas, sete (7) projetos oficinas e workshops, três (3) projetos são oficinas em escolas e apresentações culturais, cinco (5) projetos são cursos de formação e cinco (5) são pesquisas acadêmicas, apresentando, conforme o gráfico 1, a seguinte porcentagem:

Gráfico 1 - Total de iniciativas que abordam narrativas

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

As oficinas e workshops foram caracterizadas como técnicas de contação de histórias: três (3) se dedicam à oralidade, dois (2) se dedicam somente à escrita e dois (2) se dedicam à oralidade e escrita. Destes, quatro (4) tratam da temática memória e três (3) abordam outros temas, conforme o gráfico 2, o que nos faz concluir que por meio da memória pessoal ou coletiva, o ofertante da oficina cativa aquele que vai realizá-la.

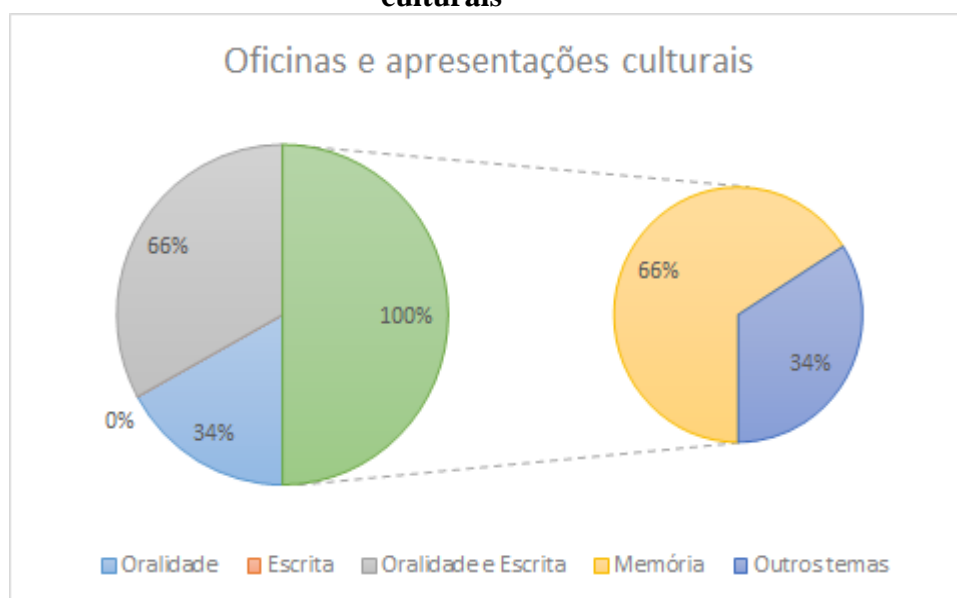
Gráfico 2- Porcentagem de temática nas Oficinas e Workshops

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

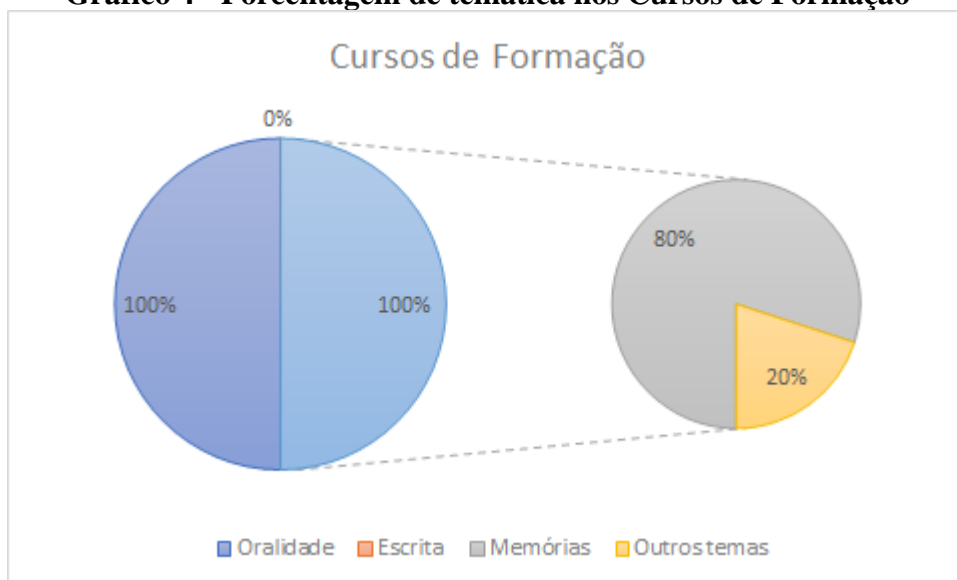
Entre as três oficinas em escolas e apresentações culturais, todas abrangem contação de histórias. O prelecionista utiliza das técnicas da oralidade para contar histórias e mesmo que

estas após serem contadas devam ser transportadas para o papel, a oralidade é importante para que ele se aproxime do público e gere confiança. Segundo o gráfico 3, somente um (1) se dedicou à oralidade e dois (2) trabalharam oralidade e escrita. Destas, somente o Festival de Contadores de Histórias que não utiliza o cunho memorial e pessoal como abordagem e prática.

Gráfico 3 - Porcentagem de temática nas Oficinas em escolas e apresentações culturais

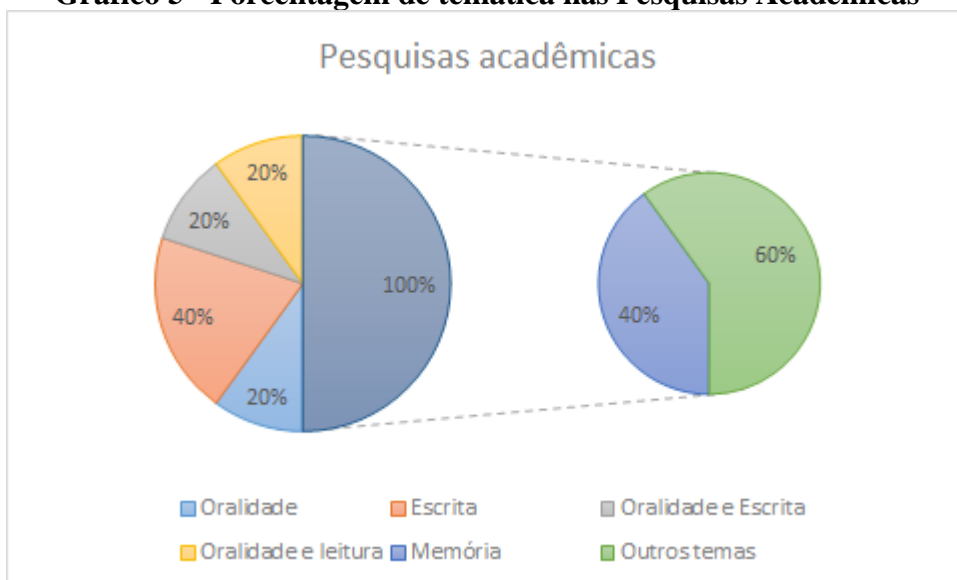


Segundo o gráfico 4, em relação aos cinco (5) cursos de formação, todos se dedicaram à oralidade e técnicas de contação de histórias. Somente 1 (um) não utilizou a temática memória pessoal ou coletiva para suas abordagens. Assim, é importante mencionar que tais porcentagens indicam que a maioria das empresas utilizam a temática de contação de história para despertar em seu funcionário a confiança em si mesmo empresa, valem-se da memória, do despertar de lembranças para alcançar seus objetivos.

Gráfico 4 - Porcentagem de temática nos Cursos de Formação

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

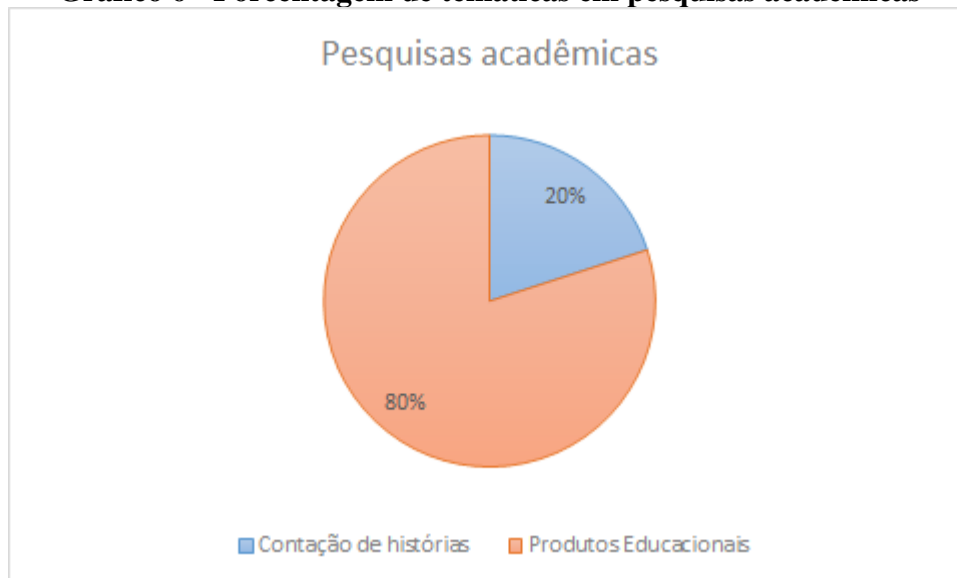
Quanto às pesquisas acadêmicas, conforme o gráfico 5, dos cinco (5) projetos avaliados somente um (1) pesquisou oralidade, dois (2) pesquisaram a escrita, um (1) pesquisou oralidade e escrita e surgiu neste tópico uma (1) pesquisa que abordou a oralidade e leitura. Destas pesquisas duas (2) trataram do assunto memória e três (3) não abordaram. Tais números mostram que a oralidade está presente em muitas pesquisas, porém o foco principal é na leitura e na escrita, não considerando o fator memorial como um critério, mas a diversidade de assuntos.

Gráfico 5 - Porcentagem de temática nas Pesquisas Acadêmicas

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Conforme o gráfico 6, nas pesquisas acadêmicas, somente uma (1) abordava a contação de histórias e as demais, quatro (4), resultaram em produtos educacionais como cadernos pedagógicos e jogos, o que não deixa de ser importante uma vez que se tais iniciativas deram certo, compartilhá-las para que outros docentes possam realizá-las é uma atitude plausível.

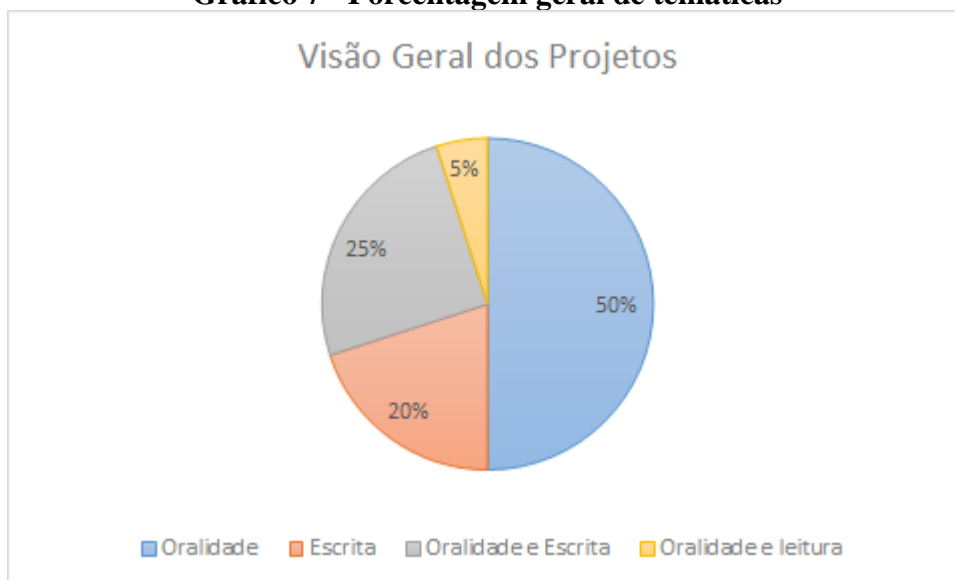
Gráfico 6 - Porcentagem de temáticas em pesquisas acadêmicas



Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

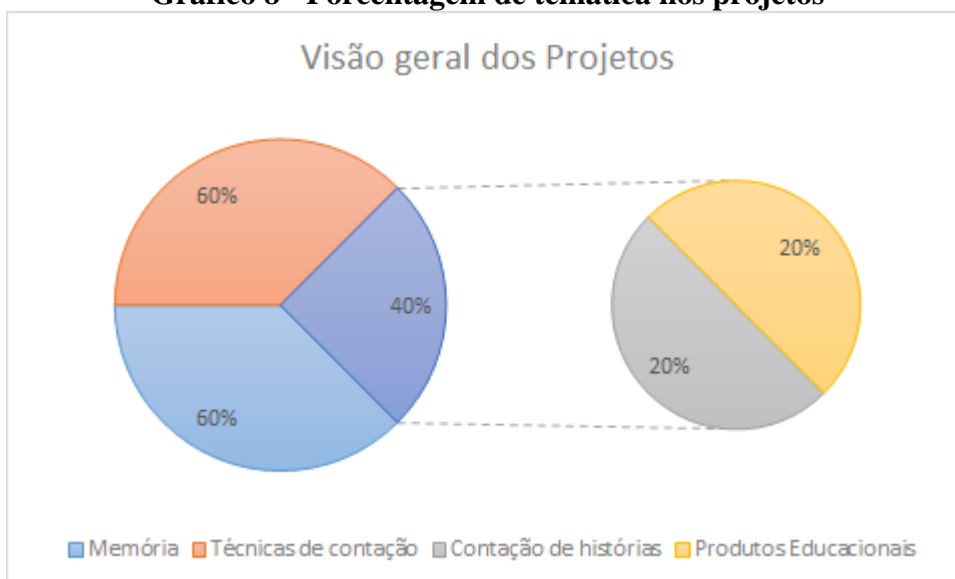
Cabe ressaltar que comparando os Cursos de Formação pagos, as Pesquisas acadêmicas e as Oficinas em escolas e Apresentações Culturais, nota-se que se diferem em relação à princípios norteadores: enquanto estas buscam entender o objeto a ser trabalhado, a disseminação da ciência sem fins lucrativos, visando um retorno social, os Cursos de Formação não contemplam todas as especificidades a que se propõem, objetivando o ganho de adeptos que os compreem. Embora suas propostas sejam atrativas, as lacunas que os mesmos deixam impulsionando seus compradores a continuarem a adquiri-los.

Sendo assim, dos vinte (20) projetos analisados, dez (10) projetos abarcam a oralidade, e quatro (4) projetos utilizam a escrita como foco de trabalho, cinco (5) oralidade e escrita e um (1) oralidade e leitura, mostrando que a oralidade possui grande relevância para o desenvolvimento de projetos, conforme o gráfico 7.

Gráfico 7 - Porcentagem geral de temáticas

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Do total de projetos analisados, doze (12) possuem cunho memorial pessoal ou coletivo, doze (12) são técnicas de contação de histórias, quatro (4) são práticas de contação e quatro (4) resultaram em produtos educacionais, apontando que a temática memória, mesmo local, pessoal ou coletiva é pertinente para o desenvolvimento de projetos relacionados à construção de narrativas.

Gráfico 8 - Porcentagem de temática nos projetos

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Sendo assim, após as análises feitas, retomamos aos questionamentos iniciais sobre qual o motivo de algumas narrativas possuírem maior aceitação que outras. Ao refletirmos sobre os pontos positivos dos projetos acima elencados, nota-se que aqueles cujos temas eram ligados à

memória coletiva ou local daqueles que ouvem, contam ou escrevem, foram desenvolvidos e possuem acolhimento por parte da comunidade, pois quanto mais próxima da realidade social e cultural, mais atrativa será para ser ouvida e conseqüentemente propagada, citando como exemplos a “*Companhia Contacausos*” entre as oficinas em escolas e apresentações culturais, “*Propostas pedagógicas com narrativas para desenvolver a Leitura, a Escrita e a formação cidadã no Ensino Fundamental*” e “*Contação de histórias: experiências com oralidade e narrativas tradicionais do norte do Paraná em turmas do Ensino Básico*” entre as pesquisas acadêmicas.

Assim como Heródoto afirma no prólogo de *HISTÓRIAS - Heródoto* que lutará para que o tempo não suprima os feitos dos gregos, tais projetos simbolizam a busca pela recordação antepassada, o resgate memorial e “a possibilidade de uma tradição compartilhada por uma comunidade humana, tradição retomada e transformada, em cada geração, na continuidade de uma palavra transmitida de pai para filho” (GAGNEBIN, 2006, p.45). Destarte, as peculiaridades encontradas mostram-nos que a aceitação está ligada à apreciação individual ou de um grupo, narrativas que geram identificação, que despertam memórias antes esquecidas. Há também o quesito da forma em que tais histórias são abordadas: “o único e precioso elemento que as fontes orais têm sobre o historiador, e que nenhuma outra fonte possui em medida igual, é a subjetividade do expositor” (PORTELLI, 1997, p.31) que acrescida ao método, proporciona melhor aceitação.

É preciso narrar para sobreviver. É preciso contar para ser lembrado: uma história, e uma memória se fazem presente no futuro uma vez que ela é escrita e contada. Deixar registrado é uma forma de alegar fragilidade da memória, mas também deixar marcas para a posteridade é sinal de resistência. As palavras voam, a escrita fica. “Por que a memória vive essa tensão entre a presença e a ausência, presença do presente que se lembra do passado desaparecido, mas também presença do passado desaparecido que faz sua irrupção em um presente evanescente” (GAGNEBIN, 2006, 44) e a qualquer momento tudo pode ser esquecido. “Fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e que agora pensa que fez” (PORTELLI, 1997, p.31).

Há relatos e fatos históricos que caíram no esquecimento. Oportunamente pela necessidade de se apagar aquilo que foi trágico ou ganhando novas expressões, novas vozes e, portanto, foram se transformando permanecendo o que foi contado de geração a geração. Destarte, não importa a veracidade, mas a tentativa do recordar: memórias individuais e coletivas que fazem sentido na medida em que resgatam lembranças de entes queridos e de fatos que lhes ocorreram dando significado a existência do presente, pois “a experiência que

passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos” (BENJAMIN,1994, p.198), pois

não importa propriamente procurar qual é a ‘verdadeira história’ de assombração mineira [...] importa é que essas histórias estão por aí, mais ou menos como as narrativas míticas, não se sabe bem onde eu como, gerando uma espécie de ‘simpatia’ (no sentido etimológico do termo: afinidade) entre aqueles que as narram, ouvem e conservam (LATERZA FILHO, 1998, p. 153).

Não existem falsas fontes orais, pois “a importância do testemunho oral pode se situar não em uma aderência ao fato, mas de preferência em seu afastamento dele, como imaginação, simbolismo e desejo de emergir” (PORTELLI, 1997, p.32). Tanto o documento escrito quanto narrativas orais estão sujeitos ao esquecimento por não estarem diante do ocorrido, e neste caso, o que está a favor da narrativa oral é que há eventos que são contados tantas vezes, relatados em agrupamentos, em reuniões familiares que começam a serem preservadas.

Diante disso, os aspectos presentes em todos os projetos considerados bem-sucedidos foram apontados com as características de fazerem parte da cultura popular brasileira, possibilitar o envolvimento ou participação ativa dos integrantes e possuir temas concernentes ao universo dos mesmos, o que sugere fazerem parte da memória individual ou coletiva.

Portanto, faz-se necessário, mencionar que a proposta a qual este trabalho se destina deve contemplar tais especificidades, ou seja, estar associado às narrativas locais ou regionais, uma vez que estas são repositórios de memória de um povo, podendo ser adaptadas em outras localidades sem perder suas características. Dessa maneira, tal projeto será exposto no capítulo a seguir.

CAPÍTULO 4 CONTO, LOGO EXISTO!

“Temer as assombrações significa ter respeito pelo passado que é vivo e atuante dentro do presente, invocado e conjurado nas narrativas” (LATERZA FILHO, 1998, p.152).

4.1 - Contar: Escrever ou falar é só começar!

Segundo os estudos de Smith *et al.* (2017) sobre os Agta, uma população de caçadores-coletores das Filipinas, a cooperação, o sucesso reprodutivo e a transmissão de valores estão ligados à presença de bons contadores de história. Esta seria, portanto, uma forma de seleção individual entre os Agta, e a falta de conhecimento comum entre os comunicadores geraria problemas de coordenação. Esse conceito é o que já mencionamos como dialogismo de Bakhtin (2006): “em outras palavras, não basta saber como agir em determinada situação; os indivíduos precisam saber que os outros também sabem como agir” (SMITH, 2017, p.2, tradução nossa).⁸⁸

O processo de seleção, dessa forma, aconteceu pelo fato do contador possuir habilidade gestual, pois esta exigia a prática, o desempenho e o processamento cognitivo, levando o homem a evoluir, pois “a narração de histórias entre os Agta e outros caçadores-coletores transmite fortes mensagens de cooperação, de igualdade sexual e social, de aversão à desigualdade, e é amplamente contada em acampamentos para adultos e crianças” (SMITH, 2017, p. 4, tradução nossa)⁸⁹.

Essa evolução, abordada por Dor bem como por Smith (2017), mostra que nossos ancestrais, desde o *Homo erectus* sujeitavam-se à cooperação coletiva: “os primeiros avanços cognitivos humanos dependiam de condições e interações sociais e culturais e tenho em mente um nicho cognitivo sociocultural” (BOYD, 2018, p 3, tradução nossa)⁹⁰. Assim, o aprimoramento de técnicas e ferramentas para caça, a convivência social coletiva e até mesmo adaptações em localidades e climas diferentes foram em decorrência da aprendizagem do *Homo erectus* adquirida com ancestrais: “nossos antepassados teriam desenvolvido a capacidade de apontar, de chamar a atenção de outras pessoas para características distantes ou próximas do

⁸⁸ In other words, it is not enough to know how to act in a given situation; individuals need to know that others also know how to act.

⁸⁹ Storytelling among the Agta and other hunter-gatherers conveys strong messages of cooperation, sex and social equality, and inequality aversion, and are widely told in camps to adults and children.

⁹⁰ human cognitive advances depended on social and cultural conditions and interactions, and I have in mind a sociocultural cognitive niche

ambiente, algo que os macacos não fazem, exceto em ambientes humanos, e apenas para alimentação” (BOYD, 2018, p. 4, tradução nossa) ⁹¹.

Sendo assim, a aprendizagem se concluiu de forma mimética, ou seja, o *Homo erectus* se baseava em gestos, expressões, movimentos para ensinar, transmitir ideias, valores e costumes de geração a geração, formas de manifestações que até hoje utilizamos para apontar, mostrar, contar algum fato. Dessa maneira, a atividade de contar histórias surge como forma de necessidade de sobrevivência, tarefa individual que alcança a coletividade e ganha características próprias para a transformação e perpetuação da espécie, e a figura do contador está associada à sabedoria, pois não é somente contar sua própria história, mas a do outro, de lugares, de culturas.

o narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida - uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia (BENJAMIN, 1994, p. 221).

Em relação às histórias contadas, Alcântara (2014) afirma que elas podem ser narradas várias vezes sem que o ouvinte perca o interesse. “Independentemente de sua natureza linguística, será a percepção da mensagem o fator condicionante da ação do contador. Esse, por sua vez, sem recorrer a registros escritos, se valerá da memória e da performance para construir e fazer circular suas narrativas” (ALCÂNTARA, 2014, p.149).

Quem conta e narra é portador da memória e da história. Sua arte requer minúcias e criatividade, pois “o grande narrador tem sempre suas raízes no povo, principalmente nas camadas artesanais” (BENJAMIN,1994, p.214). Ele lapida as palavras, trabalha com o imaginário, proporcionando, por meio do papel ou oralmente, uma viagem sem se locomover, o que configura uma atividade que merece atenção e cuidado.

Segundo Shedlock (2008), há diversos fatores que interferem no sucesso da contação de histórias. No caso de crianças, deve-se preparar, não alterar a história para se adequar às ocasiões, faixa etária ou costumes, além de não romper com a parte dramática em busca de uma história curta e emocionante. A super ilustração ou muito detalhamento também comprometem a história, pois o apelo à visão e à audição ao mesmo tempo gera distração, assim como o detalhar demais pode criar impaciência e atrapalhar a imaginação da criança. Entretanto, ao lidar com objetos que podem realmente ser vistos, é bastante legítimo mostrar imagens antes de começar a narração.

⁹¹ Our forebears would have developed the capacity to point, to draw distant or close features of the environment to others' attention, something apes do not do except in human environments, and then only for food

No que tange às histórias escolares e público em geral, modificar uma história, rebaixá-la a simples fatos para simplificar e dar ênfase a partes desnecessárias são posturas que podem comprometer a contação. Outro fator importante é não pedir participação de crianças, pois elas “dizem a primeira coisa que lhes vem à cabeça, sem nenhuma referência aos seus pensamentos reais sobre o assunto” (SHEDLOCK, 2008, p.27, tradução nossa)⁹². A dificuldade em avaliar o efeito de uma história sobre o público é em decorrência da falta de observação e experiência do contador.

Conforme o manual disponibilizado pelo curso de contação de histórias da A Tabá⁹³, “as histórias nos remetem a nossas origens, a nossos medos, anseios, a nossas necessidades e renovam nossas percepções e esperanças independente da fase da vida em que nos encontramos”(GUILHERME & FREITAS, 2020, p.8) e qualquer pessoa pode contar, porém tal tarefa “exige dedicação ao estudo, ao diálogo, à escuta [...], ampliando o conhecimento do contador e permitindo sua atuação com maior segurança e desenvoltura com variados tipos de público” (GUILHERME & FREITAS, 2020, p.12).

Assim, é necessário pensar no tom de voz, pois ele reflete a personalidade do contador. Este pode moldá-la, impondo maior delicadeza, humor ou dramaticidade, expressando os sentimentos envolvidos na história, sendo preciso ter o “cuidado de não imprimir através da voz uma personalidade irreal, tanto a personagens como a nós mesmos, para que não nos tornemos reféns de imagens e estereótipos que nada acrescentam à contação (GUILHERME & FREITAS, 2020, p.14).

Além da voz, o contador de histórias pode utilizar o corpo para bater palmas, estalar os dedos, fazer expressões faciais ou mesmo usar objetos de apoio que chamem a atenção do ouvinte. Um exemplo desta prática vem da contadora Camila Genaro, de cultura caiçara, que utiliza, com maestria, recursos visuais e materiais concretos, como um ralador que ela ressignifica como porco-espinho, além de sua luva em formato de barco que Camila alega carregar todas as histórias que conheceu do mundo.

⁹² [...] say the first thing that comes into their heads without any reference to their real thoughts on the subject.

⁹³ <http://materiais.ataba.com.br/22816a61df747d821546>

Figura 9 - Contadora de Histórias Camila Genaro e sua luva do mar



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CEzbo7hg80B/>

É importante salientar que “o foco deve ser sempre a história, o objeto não deve sobressair-se a ela, esvaindo-a. O objeto deve ser complementar, um apoio, que está presente para auxiliar o ouvinte em seu percurso ao local mágico onde se queira chegar” (GUILHERME & FREITAS, 2020, p.18).

Um exemplo de objeto para se começar a contar história é o que Kátia Freitas, uma contadora de histórias, chama de “chamador de histórias”, que nada mais é que um carrilhão de chaves ou fitas preso à uma escumadeira. Na mesma linha de objetos utilizados, temos também o bastão ou pau de chuva que é um instrumento de percussão.

Figura 10 - Chamador de histórias



Fonte: Curso de contação de histórias da TABA - https://www.youtube.com/watch?v=6PY5VDmf9_U

Figura 11 - Bastão de chuva

Fonte: <http://povoadodascores.com.br/product/pau-de-chuva/>

Assim, quando se fala em contação, leva-se em conta que “as histórias contadas podem ser relatadas por diversas vezes e, ainda assim, manter a atenção do ouvinte. Independentemente de sua natureza linguística, será a percepção da mensagem o fator condicionante da ação do contador (ALCÂNTARA, 2014, p. 149). Quanto à escrita, é importante mencionar que é outro gênero de contação e, por isso, deve se ater àquilo que o outro quer contar, ou seja, o papel torna-se o palco e a prática de contar torna-se mais silenciosa e individual.

Dessa forma, as técnicas utilizadas, além da boa escrita, são aquelas que despertam em quem escreve a vontade de expor pensamentos e ideias, pois o que “no texto escrito se restringe a normas de pontuação e estratégias estéticas de linguagem, na oralidade se amplia, abrangendo variáveis como o olhar e a voz, o corpo todo integra o contexto no ato de narrar” (ALCÂNTARA, 2014, p. 150).

Em relação ao que se entende por boa escrita, é importante mencionar o estilo que, de acordo com Pinker (2018), “garante que os escritores conseguirão que suas mensagens cheguem aos destinatários” (PINKER, 2018, p. 23), porque esta garante confiança. Nesse sentido, devemos pensar no porquê de existir, no mercado, tantas empresas de consultorias e treinamentos, voltadas ao campo do *storytelling*, que utilizam a história como ferramenta para gerar a confiança no funcionário. Segundo o workshop 350.org, “a contação de histórias é uma prática de liderança” que inspira a construção de identidades, uma vez que todos têm histórias para serem contadas e as mesmas proporcionam ao contador a experiência de observar e de falar para o público que compartilha daquilo que foi relatado. Desse modo, “a chave para uma contação de história de sucesso é compreender quais são os valores que inspiram a ação por meio da emoção” (350.org - *on line*). Ao utilizar a história do funcionário, da empresa e dos

fatos que estão ocorrendo na mesma, gera-se, no participante de um workshop, a confiança de compartilhar e expor ideias.

Confiança em escrever, em se expor e contar sobre si e seu passado. Nada mais verdadeiro que falar de suas experiências, comparando-as com as de antepassados e entes queridos, prática que, atualmente, está se tornando escassa. Talvez, com o tempo, muitas memórias se percam justamente pelo fato de que a elas não se tem dado o valor necessário. Quem vive o agora não tem a dimensão de quão importante será registrar fatos, eventos e histórias, pois o hoje passa rapidamente e a juventude só as valorizará quando estiver cara a cara com o passado na tentativa de recordar algo. Neste momento, a memória falha será suprida por registros e relatos que, guardaram e mantiveram lembranças vivas, pois “a lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembrança” (BOSI, 1979, p.15).

Dessa forma, justifica-se a proposição de um projeto que envolva passado, memória e resgate cultural. Um projeto que contemple as peculiaridades que tiveram êxito entre os projetos analisados e que dê espaço à voz da experiência, que ouça a voz do passado, sua vivência, suas relações, visto que:

quando um grupo trabalha intensamente em conjunto, há uma tendência de criar esquemas coerentes de narração e de interpretação dos fatos, verdadeiros "universos de discurso", "universos de significado", que dão ao material de base uma forma histórica própria, uma versão consagrada dos acontecimentos. O ponto de vista do grupo constrói e procura fixar a sua imagem para a História. Este é, como se pode supor, o momento áureo da ideologia com todos os seus estereótipos e mitos (BOSI, 1979, p.27).

Sendo assim, tal iniciativa deve abordar o resgate da memória local, promover a integralização, por meio de projetos, tendo em vista que, “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado” (BOSI, 1979, 17).

Na tese de Alcântara (2014), cujo nome é Descobrimos Minas de “Causos”: Narrativas orais e culturas do escrito em Belo Horizonte (1930 a 1960), a autora coletou depoimentos orais de quatorze indivíduos que viveram em Belo Horizonte e somente dois relataram ter o professor como referência de contador de história, o que ressalta que poucas instituições escolares são atribuídas como espaço dessa prática, que “se dava por mediação da escrita, ou seja, pela leitura de alguma obra literária ou instrucional” (ALCÂNTARA, 2014, p.165).

A autora afirma, ainda, em sua tese, que três motivações específicas para se contar e ouvir histórias são mais recorrentes nos depoimentos coletados: “a) as narrativas eram proferidas com intuito moralizante, disciplinar e educativo; b) as práticas de contar e ouvir

histórias propiciavam entretenimento e socialização entre os participantes; c) contar e ouvir histórias permitiria a preservação de histórias e memórias íntimas” (ALCÂNTARA, 2014, pp.304-305). Portanto, a esses três fatores pode-se acrescentar o que Pietro (2016) discorre: o gosto peculiar juvenil, em ouvir causos, principalmente lendas urbanas e histórias pessoais.

Dessa maneira, o projeto aqui proposto, além de considerar os predicados antes mencionados, deverá contemplar o aspecto motivacional que também é explorado pelas empresas de *storytelling*: autoconhecimento e criatividade. Criatividade em buscar e explorar diversos focos de relatos e ao mesmo tempo conhecer-se ao identificar-se com a história que está sendo mostrada e explorada.

Levando em conta essas ponderações, as etapas cujas práticas são mais pertinentes para o nosso projeto são aquelas que abordam atividades de reflexão sobre o passado como forma de despertar o contentamento em falar sobre fatos retroativos, recordando memórias, pois “narrativas que nascem de um acervo íntimo de experiências de vida, bem como de experiências relatadas por outros, constituem o repertório que esses contadores passam adiante” (ALCÂNTARA, 2014, p. 158).

4.2 O VEROSSÍMIL E O IMAGINADO: Uma proposta de espaço onde perpassam narrativas pessoais e coletivas

Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava. Antes de tudo, não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo (Benjamin, 1994, p.239)

Figura 12 - Layout do Canal Recordando... Recontando Córrego Danta



Fonte: Autoria nossa, disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCYsXMZoAhSpI28I-gA9HcXg?view_as=subscriber

PROJETO: RECORDANDO... RECONTANDO CÓRREGO DANTA

I - APRESENTAÇÃO

A proposta apresentada tem como objetivo o resgate de causos, lembranças, personalidades e memórias da cidade de Córrego Danta - MG. Por meio deste projeto, os alunos do Ensino Médio, da Escola Estadual Professor Francisco Rocha, terão oportunidade de buscar e refletir sobre a história esquecida da cidade, confrontando suas próprias histórias num exercício de recordação, preservação e valorização da memória local, uma vez que contar histórias é um meio importante de reafirmação e aproximação com terceiros.

Durante a pesquisa e para a composição deste projeto, foram explorados diversos espaços em busca de informações que pudessem enriquecê-lo: na plataforma do YouTube, há poucos vídeos que mostram a cidade, seus costumes e a memória local; no *site* da cidade https://www.corregodanta.mg.gov.br/secretaria_cultura.php, destinado à Secretaria de Artes, Lazer, Desporto e Cultura, nota-se, em sua composição, apenas a existência de atas e documentos e, no *Facebook* destinado à divulgação, há eventos, lugares e fotos antigas, como pode ser constatado no *link* <https://www.facebook.com/Cultura-CD-616899218440451>. Ademais, neste mesmo *site*, encontra-se o Caderno de Memórias de Córrego Danta, mencionando que este “é o primeiro exemplar de uma série que será produzida para divulgar, gradativamente, os bens identificados como patrimônio cultural do município” (CADERNO, 2017, p.3). Nessa perspectiva, tal projeto pode contribuir e fazer parte desta iniciativa, enriquecendo o acervo de memórias e, quiçá, sendo anexado ao *site* da Secretaria de Artes, Lazer, Desporto e Cultura Municipal.

Além do exposto acima, em turmas do Ensino Médio enfocadas por nossa proposta, o Programa Escrevendo o Futuro exige dos candidatos da Olimpíada de Língua Portuguesa, nos primeiros anos, que realizem um documentário, como forma de incentivo à melhoria do ensino e aprendizagem da escrita e da leitura. No caderno do professor disponível *on-line*⁹⁴, há orientações para a produção de um documentário, bem como oito razões para o gênero ser adotado na escola. Este manual apresenta “atividades independentes umas das outras que, no geral, buscam exercitar uma forma de olhar e/ou de fazer ligadas ao gênero Documentário” (PORTAL DA OLIMPÍADA DE LÍNGUA PORTUGUESA| ESCREVENDO O FUTURO, 2019, p.8), que poderão servir de aporte para o professor que interesse utilizar este projeto, bastando apenas adaptá-la à realidade local.

⁹⁴ <https://www.escrevendoofuturo.org.br/recursos-formativos>

A partir de tais pressupostos, a presente produção didática busca a criação de um canal no *YouTube* onde causos resultantes das pesquisas dos alunos possam ser depositados e registrados. O gênero escolhido é o relato memorial, apresentado por meio de registros audiovisuais, no formato de breves documentários (minidocumentários), em que o educando terá protagonismo de diretor e roteirista, havendo momentos de diálogo com os sujeitos de pesquisa, como idosos (moradores ou ex-moradores), que são a memória viva de Córrego Danta, com o objetivo de coletar histórias e causos do passado como forma de resgate memorial e, simultaneamente, auxiliando-os em relação à Olimpíada de Língua Portuguesa.

Além do exposto, é importante ressaltar que, por meio destas atividades propostas, os educandos terão oportunidade de se reconectarem com pessoas de diferentes gerações que servirão de memória viva, ou seja, serão um elo entre o presente e o passado, deixando registros para o futuro, mostrando seus pontos de convergência cultural e reaproximando gerações, gradativamente, afastadas. Futuro este que poderá ser acessado de diferentes lugares e também pelos mesmos alunos realizadores das atividades em idade madura.

II - JUSTIFICATIVA

Hodiernamente vivemos em uma civilização que impõe, progressivamente, mais afazeres e obrigações cotidianas, afastando pessoas e postergando elos. A nós são impostas preocupações em demasia, correria em busca de uma melhor qualidade de vida e, portanto, “faltam os companheiros que sustentavam as lembranças que já se dispersaram. Daí a importância da coletividade no suporte da memória” (BOSI, 2003, p. 200).

Córrego Danta nasceu e cresceu em meio a mistérios, lendas e rituais que vêm, a cada dia mais, sendo enterrados com aqueles que fazem parte do acervo memorial corregodantense: os idosos. A cidade possui setenta anos de emancipação política, porém o povoamento em si é muito mais antigo. Com ele, muitas pessoas envelheceram e suas respectivas memórias foram esquecidas e sepultadas.

Ao buscar causos de lembrança pessoal de infância para o corpus da pesquisa - *O VEROSSÍMIL E O IMAGINADO: Uma proposta de espaço onde perpassam narrativas pessoais e coletivas* - na qual resultou este projeto, poucos moradores idosos puderam contá-los e uma fração menor ainda de jovens sabia mencioná-los. Foi necessário recorrer ao coletivo, à mais de uma voz para montar o quebra-cabeça de causos corregodantenses e tal fato despertou a aspiração em recordar e registrar estas histórias. Como fazer isso senão ouvindo quem vivenciou, ou pelo menos, ouviu estes acontecimentos? Afinal, “a narração da própria vida é o

testemunho mais eloqüente [sic] dos modos que a pessoa tem de lembrar é sua memória” (BOSI, 1979, p. 29).

É preciso dar voz aos velhos e sábios, dialogar com suas lembranças, ouvir suas experiências e suas memórias. Essa tarefa torna-se importante, porque muito eles têm a nos contar sobre nossa sociedade e nossa própria história e a maioria não possui um público de escuta, ou seja, tal oportunidade. O diálogo com o passado coletivo, além de gerar vínculos afetivos, resgata o protagonismo de todos os envolvidos, pois “cada geração tem, de sua cidade, a memória de acontecimentos que são pontos de amarração de sua história. O caudal de lembranças, correndo sobre o mesmo leito, guarda episódios notáveis que já ouvimos muitas vezes de nossos avós” (BOSI, 2003, pp.199-200).

Desse modo, torna-se importante valorizar o espaço escolar como ambiente de atuação onde as vozes perpassam e ganham uma amplitude educativa. É preciso dar protagonismo ao professor, ao aluno e ouvi-los em seu ambiente de vivência, numa postura “dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos” (FREIRE, 1996, p.52).

Assim, ao idealizarmos esse projeto, almejamos algo que fosse de interesse dos discentes e que possibilitasse ouvi-los contar as histórias de seus antepassados e, ao mesmo tempo, que ofertasse voz a essas narrativas, uma vez que “a memória dos velhos pode ser trabalhada como um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado” (BOSI, 2003, p. 15). E como começar uma conversa senão por um caso familiar? Como contar uma história do passado sem relembrar os medos, as histórias de fantasmas que permearam nossa infância?

Dessa forma, surgiu a ideia da criação de um espaço onde narrativas pessoais, coletivas, memoriais e locais pudessem ser depositadas e assistidas em qualquer tempo e espaço, como forma de lembrança, resgate e valorização da cultura corregodantense, dando protagonismo ao estudante e contribuindo para seu aprendizado em relação às Olimpíadas de Língua Portuguesa, isto é, corroborando com suas duas últimas edições, cujo tema foi: “o lugar onde vivo”. Um espaço que permita o acesso e a produção de conteúdo de maneira democrática, pois “as gerações atuais precisam, mais do que antes, do toque, da muleta audiovisual, do andaime sensorial” (MORAN, 2007, p.16).

Moran (2007) renunciou em um de seus capítulos (*Aulas daqui a dez anos*) que, em meados de 2017, a educação sofreria transformações cujas experiências seriam mais ousadas, quebrando o modelo disciplinar, cujos conteúdos interativos e audiovisuais, *videochats* estariam disponíveis em cursos de acesso assíncrono constante:

Haverá programas para facilitar a gestão de grupos grandes e de grupos menores a distância. As conexões serão sem fio. O professor poderá entrar em contato com seus alunos durante uma viagem de avião, da praia ou de outro país. Ele será multitarefa, orientará muitos grupos de alunos, dará consultoria a empresas, treinamento e capacitações on-line, alternando esses momentos com aulas, orientações de grupos, desenvolvimento de pesquisas com colegas de outras instituições (MORAN, 2007, p. 209).

O que o autor conjecturou acontecer em 2017 realmente aconteceu, porém de forma sutil e imperceptível: a internet possibilitou acesso assíncrono, aplicativos e sites propiciaram reuniões em tempo real de diferentes lugares, de variados países, e o celular, antes projetado para o sentido de audição, ganhou novo significado. Tal desenvolvimento ganha nova dimensão e proporção no de 2020, em plena pandemia da Covid-19: profissionais se reinventaram, modificaram as formas de se conectar. Não há uma área que não foi impactada pelo Coronavírus, houve uma ressignificação nas atividades mais simples: novas formas de vender, de ensinar, de se comunicar e se entreter. As aulas, assim como as reuniões profissionais ou de lazer, tiveram que ser adaptadas a plataformas que possibilitassem o acesso de várias pessoas de modo simultâneo e que pudessem ser assistidas posteriormente. Nunca se buscou tanto a facilidade de acesso como antes e o *YouTube* tornou-se uma das plataformas mais utilizadas nesse período pandêmico.

Criado em 2005 para que seus idealizadores pudessem compartilhar vídeos de viagens, o sítio eletrônico ampliou-se em acessos e hoje conta com milhões de perfis com diferentes objetivos. Segundo a plataforma, “acreditamos que todos têm o direito de expressar opiniões e que o mundo se torna melhor quando ouvimos, compartilhamos e nos unimos por meio das nossas histórias” (SOBRE O YOUTUBE, 2020, *on-line*).

Assim sendo, na atual conjuntura pandêmica que assola o mundo, podemos inferir que a o *YouTube* contribuiu consideravelmente para a conexão entre pessoas, incentivando o compartilhamento de ideias e histórias, isto é, tornou-se um recurso indispensável ao nosso projeto

o YouTube – recheado de materiais ubíquos e autênticos que mais não espelham que as experiências, interrogações e expectativas dos nossos jovens – surge como um ambiente de aprendizagem potencialmente produtivo na medida em que fornece o contexto ou um ponto de partida para uma aprendizagem organizada à volta da solução de problemas autênticos, envolvendo a colaboração, discussão, defesa de ideias e construção de consensos, assim como a construção de conhecimento em comunidade (BASTOS, 2011, p.40).

Cabe também ressaltar que as atividades apresentadas, na sequência didática, deverão ser estruturadas, de maneira a criarem um modo de trabalho variado, como afirma Dolz e Schneuwly (2001, p.105): “propor atividades as mais diversificadas possível, dando, assim, a

cada aluno a possibilidade de ter acesso, através de diferentes vias, às noções e aos instrumentos, aumentando, deste modo, suas chances de sucesso” (DOLZ E SCHNEUWLY, 2001, p.105). Nessa configuração, a diversidade de atividades possibilitará a interação entre os educandos para que possam construir o conhecimento na medida que revisam, refazem e interagem entre eles e a comunidade.

III – PÚBLICO-ALVO

Alunos do Ensino Médio da Escola Estadual Professor Francisco Rocha, localizada na cidade de Córrego Danta - MG. Como anteriormente mencionado, a proposta pode ser utilizada por qualquer docente, sendo necessárias apenas algumas adaptações de acordo com as especificidades locais.

IV - NÚMERO DE AULAS

A proposta deverá ser realizada durante um trimestre, sendo dividida em temas, para que o professor adeque o material sugerido às necessidades de cada turma.

V – CONTEÚDO CIENTÍFICO ABORDADO

Memórias: nosso patrimônio imaterial

Conta a lenda... Córrego Danta e seus causos.

Oficina: Gênero Documentário

Oficina: Linguagem audiovisual.

Filmagem.

VI - METODOLOGIA

- As aulas acontecerão em torno de discussões, momentos de prática de realização, apresentações de resultados de pesquisa e produção de documentário.
- Aula expositiva/dialogada;
- Exibição de documentários e debates;
- Aulas práticas/de campo;
- Pesquisa de campo;
- Apresentações dos resultados - minidocumentários.

VII - RECURSOS DE ENSINO

Giz- quadro - data show - caixa de som - folhas A4 com o material didático - celular com boa configuração de câmera (sugestão 8 megapixels) - 1 notebook com boa configuração e aplicativos de edição de vídeo - fotos antigas da praça da matriz.

VIII – DESCRIÇÃO DA AULA

- **ATENÇÃO PROFESSOR:**

Este material não deve ser reproduzido e apresentado para os alunos em sua íntegra, ele apenas resume o conteúdo da aula para que você possa se planejar.

Tema 1: *Memórias: nosso patrimônio imaterial*

Finalidade da aula: Desenvolver nos estudantes a capacidade de trabalhar em equipe, aprendendo com seus pares, despertando a consciência e sentimento de pertencimento, sensibilizando-os “para os principais conceitos referente à preservação do patrimônio cultural, aspectos relevantes para formar indivíduos capazes de agir em favor da valorização dos bens de interesse e seu acautelamento” (CADERNO, 2017, p.11)

Ano: 1º Ano do Ensino Médio

Prática da Linguagem: Oral e Escrita

Habilidade da BNCC: EM13LGG701 - Explorar tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC), compreendendo seus princípios e funcionalidades, e utilizá-las de modo ético, criativo, responsável e adequado a práticas de linguagem em diferentes contextos.

Sugestão de curta-metragem para assistirem:

<https://www.youtube.com/watch?v=YG6Qmh9jRA0>

A galinha ou eu

Sinopse: Denizia, uma criança com cinco anos de idade, mora em uma fazenda, convivendo com os bichos como se eles fossem gente. Um dia, ela fica com raiva de uma galinha e tenta lhe dar uma surra. A menina persegue a ave pelo quintal, até que o animal entra numa privada. Denizia vai atrás dela, a galinha se assusta, voa e cai dentro do buraco da privada. Denizia então precisa decidir se conta tudo para sua mãe, salva a galinha e toma uma surra pela travessura que fez ou deixa a galinha no buraco e escapa da surra.

Direção: Denizia Moresqui

Estado: PR

Formato: Full HD

Categoria: Ficção
Duração: 15'
Ano: 2011

Uma cidade é constituída de patrimônios culturais que são bens materiais e imateriais de um determinado lugar. O patrimônio cultural é formado de elementos de importância histórica que carrega consigo a memória de um determinado povo, diferenciando-o dos demais ao longo de sua existência: “é o conjunto de bens culturais que identificam uma comunidade ou um grupo, produzidos socialmente ao longo do tempo” (CADERNO, 2017, p.6).

Entre os patrimônios materiais estão: igrejas, casas e imagens, ou seja, “objetos que guardam em si marcas de afetividade e representatividade, no presente de um povo, sobre algo do seu passado as lembranças” (CADERNO, 2017, p. 6). Entre o patrimônio imaterial, incluem-se “as cerimônias e festas religiosas, as danças, as músicas, as lendas, contos, histórias, brincadeiras, os modos de ser e fazer de um povo, as celebrações, as expressões, os lugares e espaços onde se reproduzem práticas culturais coletivas” (CADERNO, 2017, p.6).

Com o objetivo de incentivar e fortalecer o pertencimento à Córrego Danta, a Lei municipal nº 967, de 19/04/2006, foi criada estabelecendo normas, fazendo levantamento de bens culturais e inventário de referências culturais locais e montando um acervo dividido “em Área Urbana, correspondente ao Distrito Sede, e Área Rural, que foi subdividida em Seção A - correspondente ao Distrito de Cachoeirinha e Povoado Alto da Serra - e Seção B - correspondente à zona rural do município” (CADERNO, 2017, p.10). Assim, nossa cidade é ricamente constituída por um acervo cultural e você, como cidadão corregodantense é parte dessa história!

a) Faça uma pesquisa apontando bens materiais e imateriais da cidade ou da zona rural. Lembre-se que pode ser construções, até estradas e árvores antigas. Mencione a localização, a história. Toda informação é importante, desde cores originais até antigos moradores e plantas originais (no caso de residências). Curiosidades e lendas também fazem parte. Já pensou quantos causos os moradores de Vista Alegre têm para nos contar? E na região da Fortaleza? Você que mora na zona rural tem um acervo riquíssimo!

b) Registre com fotos e filmagens e monte sua apresentação. Seja criativo!

Sugestão de material para pesquisa: **Como Tomar Notas: As Melhores Técnicas -**
Disponível em: <https://www.goconqr.com/pt/examtime/blog/tomar-notas-eficientemente/>

Tema 2: *Apresentação oral a partir de tomada de notas*

Finalidade da aula: Apresentar oralmente informações de anotações oriundas de pesquisas na comunidade.

Ano: 1º Ano do Ensino Médio

Prática da Linguagem: Oralidade

Habilidade da BNCC: EM13LP32 - Selecionar informações e dados necessários para uma dada pesquisa (sem excedê-los) em diferentes fontes (orais, impressas, digitais etc.) e comparar autonomamente esses conteúdos, levando em conta seus contextos de produção, referências e índices de confiabilidade, e percebendo coincidências, complementaridades, contradições, erros ou imprecisões conceituais e de dados, de forma a compreender e posicionar-se criticamente sobre esses conteúdos e estabelecer recortes precisos.

Referência para esta aula: <https://novaescola.org.br/plano-de-aula/4372/apresentacao-oral-a-partir-de-tomada-de-notas>

a) Divida a turma em equipes (que trabalharam em conjunto) e oriente que eles terão quinze minutos para realizarem a produção oral e peça que o grupo escolha duas pessoas para as apresentações.

Tema 3: *Dentro da História*

Finalidade da aula: Levar os alunos a observarem a praça da cidade atualmente para depois compará-la com fotos antigas

Ano: 1º Ano do Ensino Médio

Prática da Linguagem: Oralidade e Escrita

Habilidade da BNCC: EM13CHS104 - Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.

Tema 4: *Oficina: Gênero Documentário*

Finalidade da aula: Introduzir o gênero documentário para reconhecer aspectos relativos à sua composição.

Ano: 1º Ano do Ensino Médio

Prática da Linguagem:

Habilidade da BNCC: EM13LP16

Sugestões de materiais sobre documentário:

<https://www.escrevendoofuturo.org.br/recursos-formativos>

Como fazer um roteiro de documentário?<https://www.youtube.com/watch?v=lafP3i00UBk>

Plano de aula sobre documentário com sugestões para o professor:

a) https://novaescola.org.br/plano-de-aula/3273/introduzir-o-genero-documentario?gclid=CjwKCAjw0On8BRAGeIwAincsHIU601NjIqAUr7C_hGyDoBfJmD6M_CSSzWtOswvCg5aqay16yAXmvBoCmZUQAvD_BwE#atividade-tema-da-aula

b) <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=18536>

Sugestão de documentários para o professor passar para os alunos:

Netflix: #Anne Frank: Parallel Stories - Para sempre Chape -

Youtube: Muito além do peso, O lado obscuro do Paquistão, Lampião e o rei do Cangaço

Documentário assim como o cinema de ficção é uma representação parcial da realidade. É um gênero determinado por um ponto de vista fortemente marcado pela subjetividade do(a) autor(a) que “pode opinar, tomar partido, expor-se, deixando claro para o espectador(a) qual o ponto de vista que defende sem precisar camuflar a sua própria opinião ao narrar um evento” (PORTAL DA OLIMPÍADA DE LÍNGUA PORTUGUESA| ESCREVENDO O FUTURO, 2019, p.15).

Observação: Professor, explore as indicações de material dispostos acima.

Tema 5: Oficina: Linguagem audiovisual.

Finalidade da aula: Familiarização da linguagem audiovisual por parte dos alunos.

Ano: 1º Ano do Ensino Médio

Prática da Linguagem: Oralidade e Escrita

Habilidade da BNCC: EM13LP15 - Planejar, produzir, revisar, editar, reescrever e avaliar textos escritos e multissemióticos, considerando sua adequação às condições de produção do texto, no que diz respeito ao lugar social a ser assumido e à imagem que se pretende passar a respeito de si mesmo, ao leitor pretendido, ao veículo e mídia em que o texto ou produção cultural vai circular, ao contexto imediato e sócio-histórico mais geral, ao gênero textual em questão e suas regularidades, à variedade linguística apropriada a esse contexto e ao uso do

conhecimento dos aspectos notacionais (ortografia padrão, pontuação adequada, mecanismos de concordância nominal e verbal, regência verbal etc.), sempre que o contexto o exigir.

Nesta aula o aluno aprenderá um pouco sobre termos como “quadro”, “plano”, “cena”, “sequência”, “take” ou “tomada” e conceitos como enquadramento, campo e extracampo e ângulos.

Sugestão:

- a) Página 47 do Caderno do Professor: gênero documentário das Olimpíadas da Língua Portuguesa.
- b) <http://www.sed.sc.gov.br/documentos/imprensa-223/1890-oficina-de-producao-de-videos-3626/file>

Tema 6: *Conta a lenda... Córrego Danta e seus causos.*

Finalidade da aula: Realizar pesquisas de levantamento de dados etc., usando fontes abertas e confiáveis, registrando o processo e comunicando os resultados, tendo em vista os objetivos pretendidos e demais elementos do contexto de produção, como forma de compreender como o conhecimento científico é produzido e apropriar-se dos procedimentos e dos gêneros textuais envolvidos na realização de pesquisas.

Ano: 1º Ano do Ensino Médio

Prática da Linguagem: Oralidade e Escrita

Habilidade da BNCC: EM13LP30 - Realizar pesquisas de diferentes tipos (bibliográfica, de campo, experimento científico, levantamento de dados etc.), usando fontes abertas e confiáveis, registrando o processo e comunicando os resultados, tendo em vista os objetivos pretendidos e demais elementos do contexto de produção, como forma de compreender como o conhecimento científico é produzido e apropriar-se dos procedimentos e dos gêneros textuais envolvidos na realização de pesquisas,

EM13LP35 - Utilizar adequadamente ferramentas de apoio a apresentações orais, escolhendo e usando tipos e tamanhos de fontes que permitam boa visualização, topicalizando e/ou organizando o conteúdo em itens, inserindo de forma adequada imagens, gráficos, tabelas, formas e elementos gráficos, dimensionando a quantidade de texto e imagem por slide e usando, de forma harmônica, recursos (efeitos de transição, slides mestres, layouts personalizados, gravação de áudios em slides etc.)

Como você realizou a tarefa do tema 1, porventura deve ter encontrado alguma curiosidade sobre lendas de Córrego Danta. Não só na zona urbana, mas em toda zona rural há registro de causos e histórias que povoam o imaginário das pessoas.

Agora é sua vez de ser o pesquisador. Converse com as pessoas mais velhas de sua família: pais, avós, vizinhos... Pergunte a eles se já ouviram falar do Caboclo d'água, da Mãe do ouro, da mulher de branco que aparece no Alto da Serra... e lendas sobre a Caixa d'água?

Qualquer história, caso ou lenda que você encontrar ou ouvir falar, vá em busca de outras fontes. Você agora é o historiador!

Sugestão: Anote nomes, datas, lugares... Você irá precisar destas informações futuramente.

Tema 7 - Edição

Finalidade da aula: Apresentar possibilidades de aplicativos e sites para edição de vídeos, explorando tecnologias digitais da informação e comunicação e compreendendo seus princípios e funcionalidades para utilizá-las de modo ético, criativo, responsável e adequado a práticas de linguagem em diferentes contextos.

Ano: 1º Ano do Ensino Médio

Gênero: Escrita

Prática da Linguagem: Oralidade e Escrita

Habilidade da BNCC: EM13LGG701- Explorar tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC), compreendendo seus princípios e funcionalidades, e utilizá-las de modo ético, criativo, responsável e adequado a práticas de linguagem em diferentes contextos, EM13LGG703 - Utilizar diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais em processos de produção coletiva, colaborativa e projetos autorais em ambientes digitais.

Sugestão de material sobre edição:

- a) Página 67 do Caderno do Professor: gênero documentário das Olimpíadas da Língua Portuguesa.
- b) <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/175163/2/OFICINA%20PEDAG%20C3%93GICA%20DE%20V%20C3%8DDEOS%20DIGITAIS.pdf>

Para edição, além das sugestões acima, existem diversas opções de softwares como o Windows Movie Maker, o Kdenlive, o Wevideo (*on-line*), o Clídeo e Inshot, todas ferramentas fáceis de serem encontradas na internet.

Após editado e antes de ser postado na página do Youtube é importante que o professor assista para que possa dar sugestões.

Tema 8: Apresentação dos documentários

Finalidade da aula: Apresentar à população o resultado do projeto.

Ano: 1º Ano do Ensino Médio e comunidade

Prática da Linguagem: Oralidade e Escrita

A apresentação será feita em duas etapas:

Etapa 1 - Os alunos apresentarão para os colegas, em sala de aula, o resultado da pesquisa e gravação de documentários. O professor conduzirá os debates em relação às dificuldades, as peculiaridades e o que mais gostaram no projeto.

Etapa 2 - Recomenda-se ao professor convidar os entrevistados e os educandos para a sessão de cinema onde deverão ser tratados como atores e diretores cinematográficos, o que inclui um espaço montado com projetor com uma caixa de som onde possam assistir os documentários.

Caso seja de interesse da Secretaria de Cultura, o canal deve ser integrado ao *site* da mesma e ser alimentado com documentários de acordo com a execução deste projeto em outras datas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda pessoa tem uma história para contar: verdadeira ou imaginária. Todo ser humano possui na memória lembranças de um tempo passado e que, no presente, se transformaram em saudade. É preciso valorizar tais lembranças, registrar recordações, deixar impressões, pois o tempo é impiedoso: deixa marcas no rosto e as recordações se apagam quando morremos.

Procurou-se transmitir, na introdução desta pesquisa, uma inquietação que já se faz presente há anos: uma busca por lacunas existentes sobre as quais não há respostas vivas, restando apenas fragmentos de passado que foram enterrados por pais, parentes próximos e antigos moradores. Buscou-se, assim, despertar a curiosidade por um tema que tem sido esquecido: os casos, as narrativas familiares.

No primeiro capítulo, procurou-se traçar uma linha histórica, que explicasse a importância do contar e do narrar na vida humana, o que, conseqüentemente, nos direcionou ao uso recorrente do tema memória por empresas que querem ser bem-sucedidas. Tais instituições desejam valorizar sua marca, seu funcionário e é por meio de suas lembranças que chegam até o que realmente importa: a permanência, o registro e o reconhecimento de seus produtos. Desse modo, no segundo capítulo, além de constatar a informação acima, pôde-se observar que a maior parte das iniciativas consideradas de sucesso foram aquelas que possuíam cunho memorial, pessoal ou coletivo, aliados às técnicas ou práticas de contação de histórias.

Outro fator importante constatado é que a temática memória, mesmo local, pessoal ou coletiva, foi cenário para práticas exitosas e relacionadas à construção de narrativas, o que nos direcionou ao produto desta pesquisa. Dessa forma, o produto final foi delineado por todas as características mencionadas acima e por ter cunho memorial, nada mais legítimo que estar relacionado à introdução da dissertação, ou seja, referir-se à Córrego Danta, cidade mineira onde o caso do Brancura “aconteceu”.

Em razão disso, memórias pessoais, locais e coletivas foram buscadas para que pudessem enriquecer o acervo e justificar a proposição de um projeto. E qual não foi a surpresa ao deparar com casos fragmentados, na maioria das vezes estruturados por lacunas que só puderam ser completadas com informações de dois, três ou mais idosos. Pelo *YouTube*, uma das maiores fontes de informação na pandemia, foram encontrados vídeos sobre a festa de Nossa Senhora do Rosário, vídeos pessoais de pescarias e viagens, mas nenhum deles mostraram personalidades ou mesmo moradores antigos da cidade.

Nesse sentido, propomos a montagem do canal “RECORDANDO... RECONTANDO CÓRREGO DANTA”, para que haja a postagem de minidocumentários, a fim de que qualquer pessoa, em qualquer lugar, possa assisti-los e, com isso, possa minimizar a saudade de sua terra a partir de seus casos.

Por fim, fica a proposta para futuras pesquisas e análises. Fica o desejo de vê-la em prática, numa sala de aula, pois o passado é algo que deve ser preservado e contar, recontar é ato de resistência e “se queres ser universal, cante sua aldeia!” (Leon Tolstói).

REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, Flávia. **Descobrimos Minas de causas: Narrativas orais e culturas do escrito em Belo Horizonte (1930 a 1960)**. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-AZRNWQ> . Acesso em: 15 out.2020.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BAL, Mieke. **Teoría de la Narrativa: Una introducción a la Narratología**. 3.ed. Madrid: Cátedra - S.A., 1990.
- BASTOS, Maria da Ascensão Afonso. O YouTube e o Pensamento de Ordem Superior em Inglês (LE): Um estudo com alunos do Ensino Secundário. Dissertação (Mestrado em Estudos da Criança) - Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2011. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/17822> Acesso em: 24 out.2020.
- BAUMAN, Zygmunt. **Tempos Líquidos**. Zahar: Rio de Janeiro, 2007.
- BENJAMIN, Walter. O Narrador. BENJAMIN, Walter. In: **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras escolhidas, v.1, 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- BENJAMIN, Walter. A Obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras escolhidas, v.1, 2.ed, São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- BONET, Octávio. Do que estamos falando? Eficácia simbólica, metáforas e o “espaço entre”. In: **Para além da eficácia simbólica: estudos em ritual, religião e saúde**, Salvador, v. 1, n. 1, 2012.
- BONICI, Stella Correia. O fantástico, o maravilhoso e o estranho nos filmes de Woody Allen. **Ciências da Linguagem: Jorwiki**, São Paulo, dez./ 2013. Disponível em: http://www.usp.br/cje/jorwiki/exibir.php?id_texto=81. Acesso em: 16 out. 2019.
- BORGES, Jorge L.; OCAMPO, Silvina; CASARES, Adolfo B. **Antologia da literatura fantástica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 9 - 19.
- BOSI, Ecléa. Memória-sonho e Memória-trabalho. In: BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1979. p. 5-29.
- BOSI, Ecléa. A substância social da memória. In: BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: Ensaios de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Editorial. 2003. p.198-211.
- BOSI, Ecléa. Memórias da cidade: Lembranças paulistanas. BOSI, Ecléa. In: **O tempo vivo da memória: Ensaios de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Editorial. 2003. p.13-48.
- BOYD, Brian. The evolution of stories: from mimesis to language, from fact to fiction. **Wiley Interdisciplinary Reviews: Cognitive Science**, v. 9, n. 1, p.1444, 2017. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1002/wcs.1444>>. Acesso em: 5 Jan. 2020.

BRAITE, Fernanda. O medo de fantasmas e a literatura de horror: Fantasmas e medo: perspectivas históricas. In: BRAITE, Fernanda. **O fantasma em narrativas de horror da literatura brasileira**. 2019. (Dissertação em Literatura e Crítica Literária) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/22264>. Acesso em: 12 jul.2020

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. 2019. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 22 abr. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Plano de Desenvolvimento da Escola**. Brasília, DF, 2014. Disponível em: <http://pdeescola.mec.gov.br/index.php/documentos-importantes> . Acesso em: 24 mai. 2020.

BUSARELLO, Raul Inácio; ULBRICHT, Vânia Ribas; FADEL, Luciane Maria. A gamificação e a sistemática de jogo: conceitos sobre a gamificação como recurso motivacional. In: **Gamificação na educação**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2014.11-37p.

CADERNO de Memórias: Patrimônio Cultural de Córrego Danta - MG. 1. ed. Córrego Danta: [s. n.].v.1. 2017. E-book. Disponível em: https://www.corregodanta.mg.gov.br/secretaria_cultura.php . Acesso em: 21 out. 2020.

CÂNDIDO, Antonio. Os Parceiros do rio Bonito: Estudo sobre o caipira paulista e a transformação de seus meios de vida. Rio de Janeiro. Ouro sobre Azul Design e editora Ltda., 2010. 334p.

CASA DE CULTURA CAVALEIRO DE JORGE (Goiás). Encontroteca. In: **Congada de Catalão**. [S. l.], Jan. 2016. Disponível em: <http://www.encontroteca.com.br/grupo/34/congada-de-catalao> . Acesso em: 16 out. 2019.

CHAUÍ, Marilena. Os Trabalhos da Memória. In: **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1979. p. XVIII- XXXIII

CONTACAUSOS (Santa Cantarina). Sobre nós. In: **Contar Histórias**. [S. l.], 2018. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/ContaCausos/about/?ref=page_internal . Acesso em: 18 mar. 2020.

DETIENNE, Marcel. Os mestres da verdade na Grécia arcaica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

DINIZ, Heloisa Damasceno. Pedagogia por Projeto. [s.l: s.n.]. 2015. Slide. Disponível em: http://www1.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20151119104438.pdf. Acesso em: 26 maio 2020.

DOLZ, Joaquim, NOVERRAZ, Michèle, SCHNEUWLY, Bernard. Sequências Didáticas para o Oral e a escrita: Apresentação de um procedimento. In: **Expressar-se em francês Sequências Didáticas para o Oral e a Escrita**. Bruxelas. Edições de Boeck. 2001. p.95-128.

FABRI, Marcelo. Mito e educação: do caráter pedagógico do "símbolo". 1989. 211f. Dissertação (mestrado)-Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação,

Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/252607> . Acesso em: 27 jan. 2021.

FANTÁSTICO|Michaelis On-Line. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=XVqp> . Acesso em: 10/01/2020.

FERREIRA, Márcia Juraci. **RPG & Literatura: O jogo lúdico da leitura e da escrita**. 2009. 154 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Paranaguá, Paraná, 2009. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2009_fa_fipar_portugues_md_marcia_juraci_ferreira.pdf. Acesso em: 13 nov.2019.

FERREIRA, Raul Azevedo de Andrade; GRANGEIRO, Cláudia Rejanne Pinheiro; FRANÇA, José Marcos de. **Mímesis e Discurso**. Macabéa - Revista Eletrônica do Netlli , [S. l.], v. 5, n. 2, p. 80-91, jul.-dez. 2016.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Editora Ática, 2011.

FONSECA, Keven Fongaro. Uma Introdução aos Fundamentos da Narratologia. 2019.110f. Monografia Graduação em Licenciatura em Cinema e Audiovisual) - Universidade Federal Fluminense, 2019. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/12830/1/Keven%20Fongaro%20-%20Uma%20Introduc%CC%A7a%CC%83o%20aos%20Fundamentos%20da%20Narratologia%20%282019.2%29.pdf>. Acesso em 15 nov. 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 51ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra,1996.

FREITAS, Vivianete Milla de. Leitura e Escrita de Jovens em Contexto de RPG (ROLEPLAYING GAME). 2007. 176 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/FAEC-855GZV>. Acesso em: 16 jul. 2019.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. 34 Ed. São Paulo: 2006. 224 p.

GASPARELO, Fábio Antônio. MOREIRA, Ubirajara Araujo. **Narrativas da Comunidade e Oralidade: Um Resgate da Cidadania**. [s.l.: s.n., s.d.]. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_port_uepg_fabioantonioasparello.pdf>. Acesso em: 17 Dec. 2020.

HALBWACHS, Maurice. **Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HERODOTO. História. Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 2006. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/historiaherodoto.pdf>. Acesso em: 5 dez. 2019.

HOUSEMAN, Michael. **O vermelho e o negro: um experimento para pensar o ritual**. Mana, v. 9, n. 2, 2003. p. 79-107.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva. 2007.

LAPLANTINE, François; TRINDADE, Liana. **O que é imaginário**. São Paulo: Brasiliense, 1996. 67 p.

LATERZA FILHO, Moacyr. A plausibilidade dos fantasmas. **Revista Em Tese**. Belo Horizonte, v. 2, dez./ 1998.

LÉVI-STRAUSS, Claude. A eficácia simbólica. In: LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1975.

LÉVI-STRAUSS, Claude. O feiticeiro e sua magia. In: LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1975.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mito e significado**. Edições 70 Brasil, 1989.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed.34, 1999.

LIMA, Luiz Costa. Trilogia do controle. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007.

MARÇAL, Marcia Romero. A Tensão Entre o Fantástico e o Maravilhoso. Disponível em: http://www4.pucsp.br/revistafronteiraz/numeros_anteriores/n3/download/pdf/tensao.pdf. Acesso em: 17 Ago. 2020.

MORAN, José Manuel. **A Educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. Campinas: Editora Papirus. 2007.

MORIGI, Valdir José; BONOTTO, Martha E. K. Kling. A Narrativa Musical, Memória e Fonte de Informação Afetiva. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 143-161, maio/ 2004.

NERY, Vanda Cunha Albieri. Rezas, Crenças, Simpatias e Benzeções: costumes e tradições do ritual de cura pela fé. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Brasília. São Paulo: **Anais Intercom**, 2006. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/busca.html?query=nery>. Acesso em: 03 jan. 2020.

NETO, José Maria. O papel do mito (entendendo O Herói de Mil Faces de Joseph Campbell). **On-line**. Disponível em: <https://medium.com/@zepds/em-1949-joseph-campbell-escritor-norte-americano-nascido-em-1904-escrevera-uma-obra-sobre-a9294b0f74cc>. Acesso em: 2 out. 2019.

OLIVEIRA, Aline Sobreira de. **Notas sobre a Teoria Estruturalista do Gênero Fantástico de Tzevetan Todorov**. ReVele, Belo Horizonte- MG, n. 3, Ago.2011.

OLIVEIRA, Ana Arlina de. **Linguagem na Educação Infantil III**. Cuiabá: Edufmt, 2008. 134 p.

OLIVEIRA, Inácio Rodrigues de. Gênero caso: Narratividade e Tipologia. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2006. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/14393/1/TESE%20Inacio%20Rodrigues%20de%20Oliveira.pdf>. Acesso em: 28 mai. 2020.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense: produção didático-pedagógica, 2016. Curitiba: SEED/PR., 2016. v.2. **Cadernos PDE**. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_pdp_port_uepg_fabioantonioagasparelo.pdf. Acesso em: 28 mai. 2020.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Os desafios da Escola Pública Paranaense, 2013. Curitiba: SEED/PR., 2013. v.1. **Cadernos PDE**. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_utfpr_port_artigo_evangeline_fatima_santos.pdf. Acesso em: 28 jul. 2020.

PAVIANI, Neires Maria Soldatelli; FONTANA, Niura Maria. Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência. **Conjectura**, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 77-88, mai/ago. 2009.

PEREIRA, José Carlos. A sociedade rural e as crenças da Semana Santa. In: PEREIRA, José Carlos. **O Encantamento da Sexta-feira Santa**: Manifestações do Catolicismo no Folclore Brasileiro. São Paulo: Annablume, 2005. p. 35-47.

PIETRO, Benita. Contando histórias para o público jovem. In: SISTO, Celso (Org.). **A história fora do papel**: A oralidade e o público jovem. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2016. p. 27-41.

PINKER, Steven. **Guia de escrita**: Como conceber um texto com clareza, precisão e elegância. São Paulo: Contexto, 2018. 256 p.

PORTAL DA OLIMPÍADA DE LÍNGUA PORTUGUESA. Escrevendo o Futuro. Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/recursos-formativos> . Acesso em: 22 out. 2020.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. In: PORTELLI, Alessandro. **Projeto História**. n. 14, Educ – Editora da PUC-SP, São Paulo, fev. 1997.

ROCHA, Antônio. O meu comprometimento ao contar histórias para crianças e jovens. In: SISTO, Celso (Org.). **A história fora do papel**: A oralidade e o público jovem. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2016. p. 14-26.

RODRIGUES, Sônia. **Roleplaying game e a pedagogia da imaginação no Brasil**: primeira tese de doutorado no Brasil sobre o roleplaying game. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

SALMON, Christian. **Storytelling**: la maquina de fabricar historias y formatear las mentes. Barcelona: Ediciones Península, 2010.

SANTAELA, L. **Navegar no ciberespaço**: o perfil cognitivo do leitor imersivo. 2004.

SHEDLOCK, Marie L. The Difficulties of the Story. In: SHEDLOCK, Marie L. **The art of the Story-teller**. Auckland. The floating press. 2008. p. 16-38.

SIGNIFICADOS. Significado de Storytelling. Disponível em: <https://www.significados.com.br/storytelling/> . Acesso em: 20 set. 2019.

SILVA, Débora. Narratologia - Estrutura e elementos da narrativa. Disponível em: <<https://www.estudopratico.com.br/narratologia-estrutura-e-elementos-da-narrativa/>>. Acesso em: 7 out. 2019.

SIMÕES, Fabíola. O Que a Memória Ama Fica Eterno, Fabíola Simões. Blogspot.com. Disponível em: <<http://livroerrante.blogspot.com/2020/06/o-que-memoria-ama-fica-eterno-fabiola.html>>. Acesso em: 21 Dec. 2020.

SMITH, D., Schlaepfer, P., Major, K. *et al.* **Cooperation and the evolution of hunter-gatherer storytelling.** *Nat Commun* 8, 1853 (2017). <https://doi.org/10.1038/s41467-017-02036-8>

SOBRE o YouTube. **YouTube**, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/intl/pt-BR/about/>. Acesso em: 24 out. 2020.

SOUZA, José Antônio de C.R. de A Igreja Nascente em Face do Estado Romano. In: **O REINO e o Sacerdócio: O Pensamento Político na Alta Idade Média.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995. p. 9-22.

TAVARES, Fátima BASSI, Francesca. Efeitos, símbolos e crenças: considerações para um começo de conversa In: TAVARES, Fátima; BASSI, Francesca (Org.). **Para além da eficácia simbólica: estudos em ritual, religião e saúde.** Salvador : EDUFBA, 2012. p. 17-28.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas.** 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica.** São Paulo: Perspectiva, 1980.

TORRES, Roney. **Arte Rupestre: Magia simpática?** Disponível em: <http://tempodoshomens.blogspot.com/2011/04/arte-rupestre.html>. Acesso em: 6 dez. 2019.

VIDAL, Diana Gonçalves. De Heródoto ao Gravador: Histórias da História Oral. Resgate: **Revista Interdisciplinar de Cultura**, v. 1, n. 1, p. 77-82, 2011.

WORKSHOP, “**Contar e Encantar: a arte de contar e ouvir histórias**” em Curitiba | - Guia da Saúde - SC. Clicrbs.com.br. Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/especial/sc/qualidade-de-vida-sc/19,0,3752906,Workshop-Contar-e-Encantar-a-arte-de-contar-e-ouvir-historias-em-Curitiba.html>>. Acesso em: 17 Dec. 2020.

XAVIER, Adilson. **Storytelling: Histórias que deixam marcas.** Rio de Janeiro: BestSeller, 2015.

APÊNDICE

A procissão de dia de finados

Conta a lenda que em Córrego Danta, todo dia de finados, há uma procissão um tanto estranha:

Um morador da cidade, saiu para os botecos no dia 1 de novembro ignorando o aviso de sua mãe:

- *Cuidado meu filho, amanhã é dia de finados e a gente tem que respeitar os mortos! Não é dia de alegria, é dia para a gente rezar!*

O moço passou a noite na farrá e de madrugada, ignorando por completo os avisos da mãe, por volta das 3 da manhã, resolveu passar pelo Alto da caixa d'água.

O Alto da caixa d'água é uma estrada de terra afastada, que passa por fora da cidade e cheio de mistérios. Lá fora construída a primeira caixa de abastecimento da cidade e por este motivo, recebera este nome.

O moço continuou seu trajeto cantarolando alguma coisa em sua cabeça quando de repente avistou em uma das curvas, lá longe, uma luzinha...

Sua primeira reação foi parar. Ele não acreditava em assombração. Aquilo era um vagalume...mas vagalume com luz branca? E não piscava...e estava vindo em sua direção... Ele estava crente que era vagalume e prosseguiu no seu trajeto e a cantoria.

Só que mais a frente ele parou novamente...parou e ficou esperando... a luz só aproximava e aproximava...

- *Mas será possível? Esse "trem" invém para essas bandas! Eu devo estar tendo alucinação! Não pode ser verdade isso não...Mas eu sou homem macho e não tenho medo de nada (pensou consigo mesmo).*

Continuou no caminho traçado e qual não foi sua surpresa quando se deparou com uma procissão: duas filas, cada uma de um lado da estrada. Os integrantes estavam todos vestidos de túnicas brancas e possuíam pele pálida e olhar parado... ele agora sabia que não deveria ter medo, era apenas um ritual dos moradores, uai.

A procissão estava passando por ele como se ele não estivesse ali... Ele não notou nenhum olhar em sua direção e não ouviu um barulho sequer, somente sua respiração ofegante no meio da estrada... passavam somente, como se ele não existisse.

De repente, o último integrante parou em sua frente olhando em seus olhos. Tinha na mão uma vela, aquela luzinha que ele vira de longe... e de repente estendeu a mão e a entregou ao rapaz. Ao segurar a vela, ele esbarrrou na mão daquele ser e sentiu sua mão gelada, como

se não possuísse vida. Sentiu um tremor em seu corpo e um frio percorreu sua espinha... ele olhou para traz e não viu procissão. Na sua frente não havia ninguém...

De ímpeto, largou a vela e correu com todas as forças que suas pernas permitiam...

Despertou em sua casa, sentiu um grande alívio por acordar daquele sonho e ao se levantar, comentou com sua mãe omitindo o fato de ter passado pelo Alto da caixa d'água naquela noite.

- *Eu te falei, disse ela, que era falta de respeito beber! Essa procissão existe e ela acontece todo dia de finados! Minha mãe falava que tem um guardião da vela da morte e se ele entregar essa vela a alguém, essa pessoa será a próxima a morrer!*

O moço foi para seu quarto, indeciso: aquilo realmente acontecera? Claro que não, fora um sonho! E deitou-se novamente. Cochilando repentinamente acordou, num salto olhou pela janela e não pode acreditar no que viu: lá estava uma vela acesa...

A procissão de sexta-feira da Paixão

Contam, muitos juram que já viram, outros já ouviram falar, que na sexta-feira da paixão, à meia-noite, uma procissão de pessoas mortas roda pela cidade: todos vestidos de branco e segurando velas acesas e as mulheres com véu na cabeça...

Segundo moradores, ela sai do Alto da caixa d'água, passa em frente à Casa do Congadeiro para pegar mais pessoas, porque lá foi construído em cima de um antigo cemitério, desce pela rua da delegacia e vai no sentido da Igreja Matriz. Só que a procissão para perto da praça porque lá era a antiga igreja, ela não vai para a igreja nova.

O bebê da procissão

Na Semana Santa, durante a procissão de enterro do nosso Senhor, muitos já ouviram um bebê chorando no meio do mato. Esse bebê chora perto da casa do congadeiro e seu choro é muito sofrido!

Mas cuidado! Não vá até ele... quem vai nunca mais será o mesmo... todos os tipos de doenças acompanham essa criança!

Por isso, não saia da fila, continue na procissão e não volte para trás.

O homem enterrado na porta do cemitério

Há muitos anos, um homem, muito avaro, vivia negando coisas às pessoas e de tanto fazer isso, as pessoas o abandonaram.

Antes de morrer, ele fez um pedido:

- *Quero ser enterrado na porta do cemitério, debaixo do primeiro degrau, assim todos que lá entrarem vão se lembrar de mim porque terão que pisar nos meus restos.*

E foi assim que o cemitério ganhou uma portinha dos fundos: aqueles que não quiserem pisar ele, devem entrar pela porta do lado...

O túmulo que jorra água

Conta a lenda que havia um homem na cidade que negava água às pessoas. Muitos pediram água a ele alegando que estavam com sede e o mesmo negava.

Um dia, durante a festa do Rosário, um brincador⁹⁵ pediu água ao homem e o mesmo negou. O brincador na mesma hora fechou os olhos e disse que Nossa Senhora daria o pagamento.

Quando ele morreu, foi enterrado no cemitério da cidade normalmente, como qualquer cidadão, sem honras e poucos compareceram.

Um dia de finados, algumas mulheres foram rezar para os mortos no cemitério e se surpreenderam com um fato misterioso: no túmulo do senhor estava jorrando água! e assim continuou até hoje.

O demônio da gameleira

Conta a lenda que uma família do povoado da Taquara estava vindo para a cidade, em jejum para comungar na Semana Santa.

Era por volta de 6 ou 7 horas da manhã, estava muito frio e uma poeira fina ainda molhada de sereno da noite grudava em seus sapatos... continuaram andando calados em sentido à cidade e ao passarem por uma baixada, um dos rapazes viu algo e falou:

- Nossa madrinha, o que é aquilo?

Debaixo de uma gameleira, havia um cabrito, mas a madrinha repreendeu o afilhado:

- Aquilo não é nada não, a gente passa longe, vamos caladinhos e devagar.

Continuaram a caminhada e quando chegaram perto, o bicho se transformou em um boi enorme que atravessava de um lado para o outro e não os deixava passar de forma alguma! Então a madrinha, que era a matriarca da família pediu a todos que rezassem o credo⁹⁶.

Rezaram, mas voltaram para trás e ao chegar na fazenda, ela pediu ao marido que os acompanhasse até o lugar para ver o que era aquilo.

⁹⁵ pessoa que dança no terno de congado, congadeiro.

⁹⁶ Na cultura católica rezar o **credo** simboliza confiar em Deus porque a oração sintetiza de forma geral tudo aquilo que o católico crê.

Quando chegaram na gameleira, não havia nada... continuaram a caminhada e ao chegarem na cidade, já havia passado a hora da comunhão.

Pensem bem quando forem comungar! Você deve se arrepender de seus pecados senão o diabo atenta!

A Gameleira

Para os moradores de do povoado de Córrego Fundo, muito cuidado!

Há uma árvore de gameleira no caminho de terra, à direita, antes de chegar na entrada para a estrada da Vereda...Debaixo dessa árvore o capeta joga truco.

Muitas pessoas que passaram por lá, de madrugada, já viram uma luz vermelha e o barulho do tinioso batendo na mesa...

A mãe do ouro

A lenda conta sobre uma luz que aparece numa fazenda da família Rosa, no Córrego Fundo. Muita gente já viu e tem medo dela.

A pessoa corajosa e de bom coração, se quiser pegar essa luz deve chegar na janela, à meia-noite, na hora que a luz esteja passando no céu e cortar seu dedo com uma faca... o sangue deve oferecer para a mãe do ouro.

Ela virá e pousará no dedo. Vai curar a ferida e dar muita sorte e riquezas...

Até hoje ninguém teve coragem de se cortar, mas nas terras, pode-se encontrar pedrinhas coloridas, dizem que são preciosas.

A família proibiu a entrada de qualquer pessoa desconhecida em suas terras e não gosta de falar sobre isso, mas tem gente que jura que viu.

O garupeiro frio

Durante a quaresma, um senhor, fazendeiro do Córrego Fundo veio até a cidade buscar mantimentos para passar a semana. Só que com o dinheiro que trouxera, ele não comprou nada do que havia sido pedido pela esposa, ele passou num bar e começou a beber.

Lá pelas 3:00h da madrugada, montou no cavalo e foi para casa já imaginando a mentira que ia contar para a mulher. Inventar que passou mal e gastou o dinheiro na farmácia. Essa seria a melhor desculpa!

Quando saiu da cidade, o cavalo começou a refugar e querer empinar. O homem que já estava nervoso, começou a bater no cavalo e apertar a espora. O cavalo continuou o caminho, mas em uma das curvas, o fazendeiro sentiu alguém sentar em sua garupa...

Ele podia sentir sua respiração gelada na nuca! O cavalo reduziu seu trote, parecia estar carregando mais peso... e sua primeira vontade foi olhar para trás...Mas perigo ter coragem! Perigo! Tocou o cavalo e por quase meia hora de viagem lá estava aquele garupeiro gelado como companhia.

Ao chegar perto da porteira, há alguns metros de suas terras, sentiu um toque gelado em seu ombro como que agradecendo pela carona. O cavalo aumentou a velocidade da caminhada e agora ele não sentia mais o frio em suas costas... Mesmo assim não olhou para trás, seguiu seu trajeto e ao chegar em casa, contou a verdade: mulher, eu bebi todo o dinheiro, mas não vou voltar na cidade até passar a quaresma!

O fantasma da porteira Taquara

Antigamente na procissão de sexta-feira da paixão, as pessoas eram muito fervorosas: iam para a cidade fazer penitência, jejuavam e voltavam de noite para suas casas com a família.

Conta a lenda que uma família que vivia na Fazenda Taquara foi para uma destas celebrações na cidade e na volta, colocou as crianças no cavalo e foi para casa puxando-o.

Lá para os lados da fazenda Taquara morava um senhor muito alto e magro e tinha o costume de usar ternos e chapéus brancos e só saía de casa vestido dessa maneira. Tal senhor tinha uma deformação de nascença: um dos seus pés era muito pequeno, ele não conseguia apoiá-lo no chão e por isso mancava ou pulava.

Ali por volta de 1 da madrugada, todos iam pela estrada conversando respeitosamente e quando foram passar por umas moitas de bambu, o cavalo começou a gemer e empacar. Não ia para frente de forma alguma!

Foi então que um dos integrantes da comitiva olhou para trás e viu esse senhor sentado na garupa do cavalo. Ao retornar o olhar para o lado, falou com sua companheira de viagem:

- É o fulano... ele que está sentado na garupa...

Todos ali viram o homem sentado e no mesmo momento todos lembraram que ele havia morrido há poucos dias!

Continuaram a caminhada puxando o cavalo, sentindo medo, mas sem olhar para traz e ao chegarem perto da porteira da Fazenda Taquara, o homem desapareceu...

Todos o viram, mas ninguém quis falar do ocorrido... E está aí um aviso: Semana Santa é semana de penitência, não é tempo de ficar andando pela madrugada, para coisa nenhuma!

A mulher do poste

Havia um menino muito custoso e arteiro que gostava de pregar peças nas pessoas. Era famoso por suas artes e muitos o repreendiam por tais atos.

Um dia, na sexta-feira da Paixão, ele estava indo embora para casa com uns colegas e ficou com medo de passar pelo caminho costumeiro porque na casa de sua vizinha havia dois cachorros muito bravos. Então resolveram passar pelo Alto da caixa d'água...

Quando de repente esses meninos desceram correndo e gritando, pedindo ajuda. Abriram a porta da casa da vizinha sem pedir licença e sem se preocupar com cachorro... E depois de serem acalmados, de beberem água, foi perguntado a eles o motivo de tanto susto:

- Eu vi uma mulher de branco em cima do poste!

Muitos já viram essa mulher lá no Alto da caixa d'água. Outros juram que ela não aparece somente na sexta-feira da Paixão. Todos na cidade sabem de sua existência, mas ninguém tem coragem de ir lá conferir...

A noiva do Alto da Serra

Conta a lenda que havia uma moça muito bonita que morava numa roça e que seu sonho era se casar.

Arrumando um namorado, namoraram por algum tempo e ela foi para a cidade fazer seu vestido de noiva e para tal, ela precisava pegar caronas.

Quando seu vestido ficou pronto ela foi novamente à cidade experimentá-lo e na volta, na beira da rodovia, toda feliz porque o vestido estava pronto, pegou uma carona com um caminhoneiro...

Só que o caminhoneiro a amarrou e a estuprou. Antes de deixá-la em qualquer lugar, ele perdeu o controle do caminhão numa dessas descidas da Br 262, capotou e os dois morreram.

Dizem que na Semana Santa, uma noiva aparece pedindo carona numa dessas curvas da Br 262. É uma moça muito bonita e com semblante triste... Quem dá carona para ela, sofre acidente: capota o caminhão, tomba e até já aconteceram mortes.

Muitos já ouviram falar que um motorista da empresa Gontijo parou para ela. Ela entrou no ônibus, toda bonita de roupa branca e foi para o fundo do ônibus. Por onde ela passou os passageiros arrepiaram...sentiram um frio... Após o motorista arrancar, o cobrador foi cobrar da passageira e ao chegar no meio, ela já estava saindo pelo fundo do ônibus.

A carona

Um caminhoneiro, já falecido, contava que certa vez deu carona para uma mulher no alto da Serra. Ele parou numa destas curvas e ela entrou na boleia... quando foi arrancar o caminhão vazio, o caminhão parecia estar freado: patinou e, com muito trabalho, o caminhão conseguiu sair do lugar.

Por mais que ele acelerava, o caminhão mal saía do lugar e então, ao olhar para a caroneira, perguntou:

- *A senhora não tem medo de ficar aqui neste escuro, pedindo carona sozinha? É muito perigoso! Deus te abençoe para nunca te acontecer nada!*

Nisto, o caminhão perdeu o controle e o caminhoneiro precisou dedicar mais atenção à estrada...o caminhão recuperou o controle, começou a andar normalmente sem parecer estar pesado e ao olhar para a mulher que estava do seu lado, percebeu que ela já não estava lá... e ao olhar pelo retrovisor, viu seu vulto na beira da estrada.

A loira do viaduto

De acordo com a lenda, muitos motoristas que passam no viaduto subindo para o Alto da Serra já viram uma moça loira de branco pedindo carona. Há quem diga que quem para o carro e dá carona, não sobrevive mais que um quilômetro.

Assim que ela entra no carro, o condutor perde o controle do veículo e cai no despenhadeiro ou sofre acidente sem justificativa ou causa aparente.

Se é verdade? ninguém sobreviveu para contar.

A casa mal-assombrada

Muito cuidado pescadores! Cuidado ao irem pescar no Limoeiro!

Conta a lenda que dois primos saíram de casa com a intenção de irem pescar. Passariam a madrugada toda contando “causo” e pescando na beira do rio.

Um desses rapazes era incrédulo. Não acreditava em assombração e se gabava em dizer que só acreditava naquilo que seus olhos podiam ver.

Na ida, entraram em terras cujo proprietário era desconhecido, mas não se importaram, pois era costume deles fazer isso: se embrenhar pelas matas, seguir trilhas procurando locais para acampar.

Passaram por uma casa abandonada, sem vestígios de morador. Continuaram o trajeto e foram cumprir a tarefa à qual tinham se preparado para fazer. Porém, pela madrugada,

perceberam que o lugar não despertava paz e confiança: havia um vento frio e uma sensação de que alguém os espionava. Foi então que decidiram ir embora.

Ao passarem novamente pela casa, esta estava toda iluminada e parecia povoada por pessoas, mas logo recordaram que aquele lugar não possuía energia elétrica, pois estavam no meio do mato, longe de qualquer estrada. Também seria impossível lampiões ou velas produzirem tanta luz.

Por isso, cuidado pescador! Não ande pelos lados do Limoeiro! Aquela casa é mal-assombrada!

A gruta no alto da serra

Segundo os moradores da cidade existe no Alto da Serra uma gruta antiga onde muitos que lá entraram desapareceram. Moradores acreditam que dentro dessa gruta há espíritos que levam as pessoas para o fundo da terra.

Há relatos de que há inscrições indígenas nas paredes e ossos por todos os lados. Há quem jure que um avião desapareceu por aqueles lados e, portanto, se você tem curiosidade e vontade de entrar na gruta, muito cuidado: ninguém voltou de lá.

A promessa

Muito cuidado com as promessas que vocês fazem! Muito cuidado!

Conta a lenda que uma senhora faleceu e não contou a ninguém que tinha feito uma promessa para Nossa Senhora de Sant'Ana.

Numa tarde, já estava escurecendo e seu viúvo, estava sentado perto do fogão à lenha, esperando a hora de jantar e dormir quando de repente escutou o barulho dos passos de sua esposa vindo em sua direção... Ela era uma senhora muito distinta e só andava de "precatas", um tipo de sapato de época.

Ao levantar o olhar, o marido a viu, mas não conseguiu falar com ela, então pediu-lhe:

- Chame nosso compadre, fale com ele, pois eu não consigo olhar para você!

O compadre, era um senhor ateu, não tinha medo de nada e tinha fama de incrédulo e também estava sentado na beira do fogão esquentando fogo. (Era assim que falavam naquele tempo e era um costume fazer isso)

O compadre olhou para cima e a viu e foi logo perguntando: - Uai comadre, o que você está fazendo aqui?

Foi então que ela explicou: - Eu estou aqui porque fiz uma promessa para Nossa Senhora Santana que é de dar comida para sete inocentes, durante sete anos! E eu não cumpri minha promessa!

Então o compadre disse: - Pode ir em paz comadre! Segue seu caminho, vá descansar porque eu vou falar como compadre e nós vamos pagar sua promessa!

O compadre falou com o viúvo e este começou a pagar a promessa...

Os anos se passaram e ele casou-se novamente e a esposa com quem casara-se também o ajudou a cumprir a promessa: todo ano, no dia de Santana, ela cobria uma mesa com toalha branca e convidava sete crianças, com menos de sete anos para comer em sua casa. E assim foi feito até que os dois faleceram.

O último suspiro

Conta a lenda que há muitos anos existiu uma senhora que não acreditava em nada. Tudo para ela era superstição e a mesma brincava e desafiava Deus sempre que podia.

Um dia, ela foi colocar uma galinha para chocar e sua cunhada disse que ela não podia fazer isso porque era quaresma e ela deveria respeitar.

Segundo ela, a quaresma é período de penitência, não se deve “fazer sangue”⁹⁷ ou criar situações que podem ferir algum ser vivo, porém a senhora insistiu rindo.

O tempo passou e a galinha chocou, mas somente um pintinho nasceu e ela, ao ir no ninho, se espantou com o que viu: um pintinho com o coração do lado de fora de seu peito! Ele olhou para a mulher, piou e tombou no chão... Viveu somente o tempo para ela o ver...

O homem que matou uma assombração

Conta a lenda que na Cavinha, uma localidade na zona rural, aparecia uma assombração. Muitas pessoas que moravam no Córrego Fundo não passavam por lá de noite ou davam a volta por outros lados, mas evitavam a Cavinha por medo.

Nessa Cavinha havia uma moita de cipó-prata, muito bonito e grande. Este tipo de cipó quando o vento bate em suas folhas e as viram para cima, parece brilhar de tão claro... Era nessa moita de cipó que a tal assombração aparecia...

Uma noite de lua clara, dois primos foram beber pinga na cidade e se esqueceram da hora... ao voltar para casa, tiveram que passar na Cavinha.

⁹⁷ fazer sangue seria ferir alguém, machucar.

Um deles, com medo, ainda tentou convencer o outro a voltar, era em torno de meia-noite, mas o primo disse que não ia fazer o caminho todo de novo só para dar a volta. Preferia enfrentar a assombração.

Ao se aproximarem da moita, os dois primos escutaram um chiado: chiii, chiii, chiii...Naquela época, as pessoas andavam armadas e um deles disse:

- Vou “carcar” fogo naquela moita de cipó-prata!

O outro, já amedrontado disse:

- Mexe com isso não, sô... se for assombração, vai ficar pior!

Porém, era tarde demais! Seu primo já estava com o 38 em mãos e já gritou:

- Num atira? Arranca que lá vai! É hoje que acabo com a raça desse infeliz! E marcou o rumo da moita e atirou.

Com o tiro, a assombração mudou o barulho... começou a fazer um barulho estranho e sacudir toda a moita... Haaaaa... Haaaaa...

E os primos saíram correndo, sem olhar para trás. Queriam mesmo era chegar em casa logo e esquecer aquele fato, mas quem disse que dormiram?

A notícia se espalhou logo e os moradores ficaram mais confiantes. Já não havia mais medo da assombração e a rotina do povoado mudou: iam para a cidade de noite, passeavam e voltavam para a casa de madrugada e sem medo! Tudo por causa da morte da assombração.

Essa dupla de primos também ganhou o respeito! Homens corajosos, enfrentaram um fantasma e livraram o povo daquele terror!

Porém havia uma história que só os dois sabiam:

No outro dia, os dois primos levantaram cedo e foram na Cavinha conferir o corpo do fantasma, se é que aquilo teria um corpo... Pediram proteção a Nossa Senhora do Rosário, pois estavam lidando com coisa de outro mundo!

Mas ao chegar lá, se assustaram e quase não acreditaram no que viram: ali, estendido no meio da moita, um gambá com um tiro debaixo do braço!

Tomaram a providência de enterrar e escondê-lo. Perigo perder a fama de matador de assombração heim...

O caboclo d'água

Conta a lenda que uma dupla de primos foram pescar na região do Córrego Fundo e se distraíram até anoitecer.

Como a lua estava clara, resolveram ficar mais um pouco na beira do rio. Conversa vai, conversa vem e um deles viu um vulto dentro do rio:

- *Olha lá , aquilo parece uma pessoa!*
- *Cê tá doido? Aquilo é um toco! Onde já se viu gente nadando uma hora dessa?*

De repente o vulto começou a se movimentar e conforme ia se aproximando, ia aumentando de tamanho...

- *Corre! (Um deles gritou, mas já há dois metros de distância)*

Chegaram em Córrego Danta esbaforidos e amarelos de medo. Lá contaram o que tinha acontecido e um senhor disse que não era nada, somente o Caboclo D'água que protege aquelas "bandas".

Muitos alegam já terem visto esse ser na beira do córrego que banha a cidade.

ANEXO

Lenda de Nossa Senhora do Rosário

“Conta a história, passada de geração a geração, que a imagem de Nossa Senhora foi encontrada presa a uma rocha, dentro de uma gruta. Os brancos tentaram retirá-la do lugar e levá-la para a igreja, mas todas as tentativas foram frustradas. Foram chamados os negros, que já faziam festa para homenagear a santa.

Um catupé⁹⁸ cacunda⁹⁹ chegou com sua alegria e roupas coloridas, cantou e dançou, mas não conseguiu tirá-la do lugar. Os congueiros foram chamados, tocaram seus tambores, cantaram e dançaram, mas a santa continuou no mesmo lugar. Foi aí que chamaram o moçambique, um grupo menor e mais simples, com guizos nos tornozelos e lenços na cabeça, peito e cintura. Para a surpresa de todos, a santa saiu da rocha e acompanhou o grupo.

A história sofre muitas variações de personagens. Porém, todos consideram que o moçambique saiu com a imagem de Nossa Senhora do Rosário da gruta. É por isso que, em Catalão, o moçambique participa de todos os rituais religiosos, sendo também o responsável pelo acompanhamento da coroa de Nossa Senhora”. (CASA DE CULTURA CAVALEIRO DE JORGE, 2016, *on-line*)

⁹⁸ Catupé é o nome dado a um integrante do congado, também chamado em Córrego Danta de “brincador” do terno de congado.

⁹⁹ Cacunda é o mesmo que corcunda.